

HISTÓRIAS DE UMA VIDA UNIVERSITÁRIA E OUTRAS VOLTAS AO REDOR DA TERRA

José Eduardo Garcia





JOSÉ EDUARDO GARCIA

Memorial apresentado como parte dos requisitos à promoção de Professor Associado, Classe D, a Professor Titular, Classe E, em conformidade com os artigos 18 e 19, seção V, da resolução 03/2014, do Conselho Universitário da Universidade Federal de Pernambuco

Preparação de texto: José Eduardo Garcia
Revisão: Sérgio Matias da Silva
Capa e diagramação: Zélia Moura Lima
Imagens: José Eduardo Garcia

**Dedico essa história a todos e todas que,
para o bem ou para o mal, passaram, estão
passando, ou passarão pela minha vida
pois, como diria Vicente Matheus*:**

“O jogo só acaba quando termina!”

*Essa frase é frequentemente atribuída a Vicente Matheus, figura folclórica do futebol brasileiro, oito vezes presidente do Sport Club Corinthians Paulista. Não existe a comprovação de que ele realmente seja o autor da frase, mas também não consta nada que prove o contrário.

SUMÁRIO

1

DO NASCIMENTO AO INGRESSO NA UNIVERSIDADE-
O TRIO DE FERRO- 12

2

OS TEMPOS DE FACULDADE –
UM CAVALO SELADO NÃO PASSA DUAS VEZES- 27

3

AMAZÔNIA-
UM AMOR PARA A VIDA INTEIRA- 47

4

AS PÓS-GRADUAÇÕES - O
SONHO DE ME TORNAR UM GRANDE PESQUISADOR-57

SUMÁRIO

5
A FAMÍLIA –
MULHERES DA MINHA VIDA- 77

6
OS PÓS-DOCTORADOS –
FRUSTRAÇÕES, ANSIEDADE E EXPECTATIVA- 82

7
A CHEGADA EM PERNAMBUCO –
PEDRAS NO CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO
DE UM SONHO - 98

8
A DOCÊNCIA NA UFPE –
O DOCE SABOR DO SONHO REALIZADO - 105

SUMÁRIO

9

A EXPERIÊNCIA NA GESTÃO UNIVERSITÁRIA –
UMA FLOR EM MEU CAMINHO- 131

10

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA –
A REINVENÇÃO DA CARREIRA- 173

11

E O FUTURO? -205

12

UMA VIDA EM NÚMEROS- 208

PREFÁCIO

Abri silenciosamente a porta lateral da sala de projeção, é penumbra já, mas posso entrever as paredes cuidadosamente adornadas e a plateia em suspensão. À minha frente a tela em sépia inicia a história de uma saga, como se fosse escrita pela mão de um engenhoso bardo, presentes todos os elementos de uma trama burlesca e sei desde o primeiro frame, que a plateia inteira vai sucumbir fascinada pela aventura que está por vir.

Exatamente assim que me senti ao iniciar a leitura da empolgante trajetória de vida do meu amigo José Eduardo, num misto de romance roseano e ditirambo tropical, a cada linha que avançava, ia construindo cenários que por vezes me pareciam frutos de sonhos renascentistas frente a outros me tomavam pela dureza insustentável da simples realidade cotidiana.

A cada volta ao mundo que somos levados, seja nos bancos de madeira de um trem onírico pela cordilheira, seja na garupa da velha bicicleta ou balançando numa rede ao sabor da correnteza em uma embarcação fantasma, esse personagem, com um tanto de Phileas Fogg e um tanto de Chicó, nos faz circunvagando infinitamente pelos mares de suas memórias ininterruptas, tecendo um formidável manto de experiências com um sem-fim de retalhos de encontros, de passagens, de idas e vindas, de trocas , de ensinamentos e principalmente de constante aprendizado.

A Educação, quando se apresenta por completo na vida das pessoas, epistêmica e ontologicamente, em toda a sua potência transformadora, reescreve trajetórias e entrega chaves para abrir portas invisíveis. Todos os mundos que nos são apresentados no percurso do professor José Eduardo, das frases de efeito do “Seu José” aos debates com os estudantes entrincheirados, encontramos a personificação da educação em seu caráter transformador. Lhe estendendo a mão, na tríade suporte – orientação – oportunidade, que encontrou em José Fernando, Cebola, Filomena, Espigão, Bechara, Paulo, Gilberto, Eucléia, Laurival, Flor e um sem fim de outros personagens, e que agora é ele próprio personagem dessa corrente na vida de outras tantas pessoas.

Esse filme, não tem dia nem hora pra acabar, a sala estará sempre aberta a quem quiser se encantar, sentar por uns minutos ou passar dias, escutando as mais variadas histórias de alguém que entende um tanto de tanta coisa, da natureza desconfiada do Veado Pantaneiro a hora da sesta do Tamanduá-Bandeira, de parto de raposa a atracamento de navio, todos estão convidados inclusive a ajudar a escrever um pouquinho dessa trama, o protagonista está sempre disposto a acolher novas parcerias, a desbravar novas amazônias e a compartilhar, sempre tão generosamente disso tudo que aprendeu sendo apenas ele mesmo, o filho de Seu José e da Dona Conceição. Boa leitura, ou melhor dizendo...boa aventura!

Recife, 18 de agosto de 2024.

Sérgio Matias

INTRODUÇÃO

“A vida não cabe no Lattes!” Sempre tive aversão a essa frase! Proferida em diversas situações, ela sempre me soou como desculpa para um curriculum academicamente insuficiente. Mas o exercício de resumir minha vida acadêmica nesse documento mostrou que essa é uma grande verdade para quem, de fato, dedica sua vida à Universidade Pública. Se eu fosse descrever tudo o que vivi na minha história acadêmica, certamente usaria muito mais do que esse pouco mais de uma centena de páginas afinal, cada dia vivido desde aquele 01 de fevereiro de 1990, quando fiz minha matrícula na UNESP de Jaboticabal, é uma fração da minha trajetória acadêmica, uma vez que daquela data em diante não foi mais possível separar a vida pessoal da profissional! Tudo o que fiz na vida desde aquele dia está ligado de alguma forma à minha trajetória profissional: mudei de cidades e Estados de acordo com as necessidades acadêmicas, casei-me no mestrado, tive uma filha no doutorado e outra no pós-doutorado, e assim fui construindo minha vida ligado de forma indivisível à Universidade. Nesses pouco mais de trinta e quatro anos, não houve um ó dia em que eu não estivesse vinculado à Universidade Pública e agora, chegando no ponto mais alto da carreira, posso dizer sem pensar duas vezes: valeu muito a pena!

Procurei escrever esse texto da forma menos acadêmica possível, obviamente sem perder de vista a seriedade que o momento exige, tentei narrar os fatos da minha vida de forma leve, aproveitando uma das minhas poucas qualidades inatas, que é a boa memória para fatos passados. Entre os amigos mais próximos sou conhecido por ter sempre uma história vivida pra contar, independente do tema. Talvez essa qualidade (eventualmente enfadonha para quem já ouviu muitas vezes a mesma história) seja muito mais pelo fato de eu procurar aproveitar intensamente cada momento da minha vida, do que pela boa memória propriamente dita.

Espero que esse breve resumo de parte da minha vida possa entreter o leitor e não fazer tão penosa a leitura de mais um memorial para os heroicos membros da comissão avaliadora.

Creio que à despeito de um eventual pouco brilhantismo da minha carreira, chego a esse momento consciente de ter feito o melhor possível em cada fase, aproveitando cada uma delas de forma alegre e intensa.

E essa história certamente não acaba aqui e, mesmo sem a obrigação imposta pela carreira, espero um dia poder fazer a continuação desse memorial, contando outros tantos “causos”, amparando e sendo amparado pelas boas pessoas que sempre estiveram e sempre estarão presentes, indo e voltando em minha vida.

Boa leitura!

1

CAPÍTULO

DO NASCIMENTO AO INGRESSO NA UNIVERSIDADE

O Trio de Ferro

Primeiro de fevereiro de mil novecentos e setenta e um, cidade de São Paulo; nascia José Eduardo Garcia, filho do contabilista José Garcia e da dona de casa Maria da Conceição Garcia. Na saída da Pro-Matre onde os pais orgulhosamente diziam que recentemente havia nascido um dos filhos de Roberto Carlos, seu único irmão, com quatro anos, José Fernando Garcia o esperava para juntos voltarem para a pequena casa geminada na Rua Eliseu de Oliveira, uma travessa da Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, na época sem calçamento e sangrada por um córrego poluído, e que hoje é um dos maiores centros administrativos e empresariais da América Latina.

Naquela casinha vivi até 1990 quando fui aprovado no vestibular e migrei para o interior do Estado, mas isso é outro capítulo da minha vida.

Aqui cabe uma breve descrição do trio de ferro que moldou minha existência: meus pais e meu irmão.

Calvo, apenas com alvíssimos

cabelos nas laterais da cabeça, e com lindos olhos azuis, esse era o Seu José, ou Seu Garcia, como também costumava ser chamado. Um homem de baixa estatura, porém de integridade gigante.

Filho de imigrantes portugueses que desembarcaram em Santos no início do século XX fugindo da vida difícil do Velho Mundo para trabalhar nas lavouras de café do interior de São Paulo. Em 1925 tiveram seu primeiro filho, José, no distrito (hoje cidade) de Presidente Alves, na época ligado ao município de Bauru, Centro-Oeste do Estado. O menino José passou pouco tempo no interior e logo a família se mudou para a capital, quando meu avô Antônio foi trabalhar na Estação de Águas do Rio Tamanduateí, onde também residiram por muitos anos. Atualmente o espaço da Estação de Águas, onde meu pai passou a infância, abriga a Estação Tamanduateí da Linha Azul do Metrô Paulistano. Não tive a oportunidade de conhecer meus avós paternos, mas as

histórias que me chegaram sobre eles criaram em minha imaginação tipos bem característicos daquela época: portugueses sisudos, pragmáticos, voltados para o trabalho exaustivo, com poucas ambições além da de criar os filhos dentro da boa educação com seus princípios incontestáveis.

O sonho do menino José sempre foi ser mecânico, mas sua mãe o desestimulou veementemente: “mecânicos sujam muito as roupas com graxa”. Foi trabalhar com os livros e contas. Kursou o técnico em contabilidade e montou um escritório com mais quatro sócios, a Organização Nobel, que se tornou enorme; com mais de cinquenta funcionários fazendo com que até o fim dos anos 70 nós tivéssemos uma qualidade de vida muito boa para a época. Má administração, sócios desonestos, dificuldade com a gestão de pessoas, instabilidade econômica no País e outros fatores que eu não saberia enumerar fizeram com que o escritório entrasse

em declínio e a vida lá em casa ficasse bastante complicada nos meados dos anos 80. Já em meados dos anos 1990, depois de muitos tropeços e alguns tombos profissionais, foi aprovado num concurso público e tornou-se servidor da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo onde finalmente encontrou a paz, respeito e acolhimento de pessoas que o acompanharam até sua aposentadoria compulsória em 1995, mesmo ano em que descobriu um câncer e sua vida acabou em vida... Faleceu em 2010, sereno e, posso supor, com a sensação de ter feito o que deveria ter sido feito.

Mesmo diante de todas as dificuldades, não me lembro do meu pai ter perdido a cabeça em casa, se o fez foram tão poucas vezes e mesmo assim tão comedidas que não ficaram marcadas na minha memória. Meu pai era um exemplo de boa educação e cordialidade, eventualmente se valia de expressões antigas como “por obséquio”, “qual é a sua graça (nome)”, ao telefo-

ne quando falava com a telefonista geralmente dizia “a senhorinha poderia fazer a gentileza...?”. Muito carinhoso, caseiro, entregue de corpo e alma à família, esse era o Seu José. Tinha dezenas de frases de efeito, algumas eu repito até hoje, por hábito, brincadeira, ou só para lembrar do meu pai mesmo. Essa abnegação pela família talvez tenha vindo da perda precoce da minha avó, e a necessidade de apoiar meu avô e sua única irmã, a inesquecível Tia Maria-zinha, que faleceu em 2022 com mais de 90 anos. A consequência dessa vida espartana foi um casamento bastante tardio, com quase quarenta anos.

Toda a gentileza, boa educação e tranquilidade não poderiam ficar impunes... Não sei exatamente como (me contaram, mas os detalhes se perderam na minha memória), o já maduro José Garcia, conheceu a também não muito jovem Maria da Conceição Bergamini, que uns oito anos depois viria a se tornar minha mãe.



Visita da família à República Filomena
(meu pai de bermuda azul, e eu ao seu lado, sem camisa)

Minha mãe nasceu em Itu, na Fazenda Pedra Branca; da terceira geração de imigrantes austríacos e italianos foi a mais velha de uma turma de oito irmãos. A vida dura no sítio tirou minha mãe muito cedo da escola e a empurrou para trabalhar como empregada doméstica na Capital. Esse foi o destino das quatro irmãs mais velhas, cada uma em uma casa no bairro de Santana, Zona Norte de São Paulo. Apenas a mais nova, minha madrinha Tia Stela, não trabalhou como doméstica,

porque quando chegou sua vez, meu pai já estava na família e a incentivou a fazer um curso de datilografia. Logo ela foi trabalhar no Banco Nacional Brasileiro e teve uma oportunidade diferente das irmãs. Acho que herdei alguma coisa desse espírito do meu pai em tentar apoiar as pessoas, talvez pelo simples prazer de vê-las trilharem um caminho diferente e daquele que parece cristalizado em seus destinos.

Mas voltando à minha mãe, a dureza da vida na roça, a baixa instrução e a miséria, endureceram bastante a menina Conceição. Ela não tinha meias palavras, eventualmente era explosiva, mas resolutiva e não se acovardava com as dificuldades que vida fora lhe impondo. Criou a mim e meu irmão fazendo o contraponto com a complacência e acomodação do meu pai. A coragem que, entre outras tantas coisas, me fez migrar para o Nordeste com duas crianças pequenas e encarar os imensos desafios de Vitória de Santo Antão em suas várias dimensões,

certamente faz parte da herança da minha querida mãe. As respostas ácidas, rápidas e as vezes contundentes, também. Talvez seja por isso que algumas pessoas (geralmente as que me conhecem superficialmente) me chamem de grosso! Deve ser culpa dela, com o perdão da ausência!!

O encerramento melancólico da Organização Nobel acabou colocando a dona de casa Conceição no mundo do trabalho externo, novamente.

A situação financeira difícil com dois filhos adolescentes (eu com uns 11 e meu irmão com quatro anos a mais) levou minha mãe a fazer salgadinhos para vender por dúzia nos salões de cabeleireira do bairro; ela produzia e eu entregava. A qualidade dos quitutes da Dona Conceição era incomparável; suas coxinhas, bolinhas de queijo, rissoles de camarão e empadas encham minha boca d'água até hoje. Em pouco tempo aquelas poucas dúzias se tornaram centenas e pessoas atravessavam a metrópole

para comprar seus salgados. Centralizadora e com quase nenhuma noção de administração seu único funcionário possível era eu mesmo. E assim fui criado no meio das panelas, massas, recheios, assados e frituras. Já casado, pai da minha filha mais velha, não sei contar quantas vezes cheguei em casa para visitar meus pais e fui “gentilmente convidado” a fritar alguns salgados de encomenda. Eu nem perguntava quantos, pois já tinha ideia da resposta: nunca menos de dois mil!!!

Tenho convicção de que se fosse possível alinhar todos os croquetes, rissoles, coxinhas e bolinhas de queijo que já fritei na vida (até agora), eu teria dado minha primeira volta na circunferência da Terra!! Essa vivência na cozinha me presenteou com meu grande hobby e talvez um dos meus poucos talentos de fato, a culinária.

Minha mãe faleceu em 2016, em Itu, cercada de irmãos, cunhados e sobrinhos com suas intermináveis e sempre acaloradas discussões tão próprias do sangue italiano, e que ela tanto gostava!



Minha mãe comigo no colo

Fechando o trio de ferro, vou falar um pouco do meu irmão, José Fernando, ou como o chamava desde minhas primeiras palavras, Dedé.

Quatro anos mais velho que eu, Fernando sempre foi um menino alegre, desinibido, cheio de amigos. Gorducho na infância, esticou na adolescência, jogava vôlei, participava do grupo de jovens, era bom aluno, muito querido e respeitado pelos professores do Colégio Meninópolis.

Estudou Medicina Veterinária na USP e nas primeiras

semanas já era amigo de todo mundo, se envolvendo inicialmente na Atlética e depois no Centro Acadêmico; falarei um pouco mais sobre isso ainda nesse capítulo. Da minha mãe ele herdou o sangue quente, as vezes explosivo e pragmático, já do meu pai o grande coração e alguma sensibilidade. Fernando é um homem à frente do seu tempo, sua inteligência e pensamento rápido o levaram a ser um cientista de renome internacional. Professor da UNESP de Araçatuba tem tantas facetas e vertentes que para descrevê-lo seria necessário um capítulo inteiro, mas isso ele pode fazer se um dia escrever seu próprio memorial. Uma passagem bastante relevante e que merece ser mencionada nesse capítulo foi sua atuação na Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA), da ONU no início dos anos 2000. No tempo em que trabalhou na Agência, em projetos de parceria com a FAO, o diretor na época (Mohamed El Baradei) foi condecorado com

o Prêmio Nobel da Paz por sua atuação à frente IAEA em defesa da paz mundial. O prêmio foi concedido não só ao indivíduo, mas também à agência a qual ele dirigia e, consequentemente, a todos os funcionários pelo entendimento de que aquela premiação só foi possível graças à colaboração de todos. Dessa forma, meu irmão que também fazia parte da equipe, fez jus à honraria recebendo o certificado do Comitê Nobel Norueguês e teve seu nome gravado para sempre na grande placa de granito que adorna a entrada da sede da Agência em Viena. Meu irmão sempre foi meu exemplo e motivo de orgulho. Sua participação determinante em minha vida está descrita nas próximas páginas. Hoje somos dois velhos rabugentos que divergem em milhares de temas, mas convergem em outros milhões; mas uma coisa nos é comum: a inesgotável capacidade de sonhar, de se reinventar e a inabalável vontade de viver e fazer acontecer!



Eu e meu irmão em seu aniversário de 50 anos

Feitas as apresentações e tendo minhas origens devidamente contextualizadas, voltemos ao tema principal desse capítulo.

A infância no Brooklin foi tranquila, alternando a vida urbana com férias na bucólica cidade de Itu, terra natal de minha mãe, onde convivi intensamente com tios e primos que se tornaram referências na minha vida; posso aqui destacar meus tios e padrinhos José Maria e Stela, irmãos da minha mãe, e minha Tia Joanita, esposa do já falecido Tio Zé Maria. Os valores sólidos e a noção de indivisibilidade da família mantidos por eles até hoje,

ajudaram demais a moldar meu caráter e personalidade, e a todos eles, tios e primos, sou muito grato!

Em torno dos quatro anos tive minha primeira experiência educacional, a Escolinha Patoxó, na mesma Avenida Berrini que meu pai me levava no colo para assistir o trabalho das retroescavadeiras ajeitando as margens do córrego para a canalização e asfaltamento da avenida. Essas cenas nunca saíram da minha memória.

Não sei precisar se fiquei um, dois ou mais anos no Patoxó, mas logo fui transferido para o Colégio Meninópolis, escola católica fundada na década de 1950 pelo PIME (Pontifício Instituto das Missões Exteriores) e que existiu até 2004 quando encerrou suas atividades.

O Meninópolis pra mim (analisando com meus olhos de hoje) era a personificação dos sombrios anos 70: uma estrutura fria, cinzenta, administrada pela igreja católica e onde só eram admitidos meninos (as meninas iam para o Beatíssima Virgem

Maria, no quarteirão ao lado).



Recebendo a primeira comunhão no Colégio Meninópolis

Creio que a rotina diária do Meninópolis não diferia muito dos outros colégios: estudantes perfilados no pátio no início do expediente, para entoar o Hino Nacional e rezar o Pai Nosso antes de subir para as salas de aula, muita austeridade e disciplina rígida. Fiquei no Meninópolis de 1976 a 1986, do pré-primário ao segundo colegial. Minha passagem pelo primário foi tranquila, não tenho muitas lembranças.

As coisas começaram a complicar quando fui para o ginásio, mais especificamente a sétima série... não posso precisar um motivo, mas nessa série específica minha trajetória no Meninópolis começou a ruir. O bullying muito presente naquela escola (não era chamado por esse nome, mas era isso) me atingiu em cheio e comprometeu totalmente meu desempenho escolar. Fui aprovado com muita dificuldade e na oitava série a situação se agravou ainda mais.



Foto anual do Colégio Meninópolis em 1979 (eu em pé, à direita, de uniforme escuro)



Preparativos para uma festa junina do Colégio Meninópolis

No primeiro colegial (atual ensino médio) eu já tinha desenvolvido minhas estratégias para fugir do assédio dos colegas mais fortes e as coisas começaram a mudar, para pior. Afinal, já foi dito que quando a educação não é libertadora o sonho do oprimido é ser o opressor; pois bem, de alvo do assédio cruel, acabei me tornando o algoz de outros infelizes. O colégio já não era, há muito tempo, um ambiente de aprendizado, afinal eu não entendia praticamente nada do que os professores ensinavam e passava meu tempo conspirando contra a escola e colegas. O resultado não poderia ser outro: a reprovação em todas as disciplinas

e o singelo convite para não renovar minha matrícula, também conhecido como expulsão!

Nesse tempo em que meus pais já não tinham a mesma disposição para ações educativas comigo, já que beiravam os 60 anos e as dificuldades financeiras consumiam praticamente todas suas forças, a presença do meu irmão Fernando foi determinante. Aluno dedicado da USP acabou, involuntariamente, assumindo as rédeas do meu destino e se hoje posso contar essa história, é porque ele interveio de forma enérgica e precisa, não só nesse momento pontual, mas nos anos que sucederam.

Diante do iminente debacle ele anunciou: "se repetir de ano vai estudar na escola pública". E assim se fez!

O ensino público fundamental e médio naquela época havia sido literalmente triturado pelos intermináveis anos de ditadura militar e as escolas e seus atores na cidade de São Paulo viviam seus piores momentos de abandono e desolação. Assim que recebi do Prof. Rodolfo a fatídica notícia da minha

O Trio de Ferro

impossibilidade de seguir no Meninópolis, sai da escola a pé, cabisbaixo, mas já sabendo qual seria meu destino: a Escola Estadual de Segundo Grau Oswaldo Aranha.

No Oswaldo, em 1987 eu
conheci a vida real...

Boa parte da periferia da zona sul de São Paulo se concentrava ali. Na ponta de um bairro nobre ficava aquela escola sem vidros nas janelas, com os quadros negros descascados, professores desmotivados e estrutura abandonada. Aquela meninada branca de classe média do Meninópolis foi substituída pela periferia desdentada da zona sul paulistana, composta essencialmente por rapazes mais velhos, alguns envolvidos com o crime e as drogas. Era o início dos anos da AIDS e as drogas injetáveis estavam na moda. Da escola, que décadas antes havia sido uma referência no ensino técnico (panificação, marcenaria, artes etc.) restavam apenas

alguns equipamentos da antiga rádio interna que agora só tocava uma única música, de manhã até a noite: *Cocaine*, de Eric Clapton, numa alusão à única diversão de grande parte dos estudantes da escola.

O Oswaldo foi um choque!



Amigos do Oswaldo Aranha nas dependências da escola

A vida fora da escola também era um pouco caótica. Dia e noite em cima da bicicleta com mais cinco inseparáveis amigos: os irmãos Marquinho e Alê, Jorge, Renato e Marcelo, o Gringo.

Passávamos horas intermináveis pedalando, saltando rampas, pixando muros e trafegando na interface entre os meninos de família e a delinquência juvenil.

Somando todos os quilômetros rodados em duas

rodas naquela época eu creio que tenha dado minha segunda volta na circunferência da Terra. Com exceção do Gringo, que uma tragédia o levou para outro plano, aqueles moleques de antigamente existem e coexistem em São Paulo, praticamente no mesmo bairro, até hoje. Apenas com alguns cabelos brancos e umas rugas teimosas, mas seguem os mesmos moleques de sempre, assim como eu...

Voltando à vida real, nesse momento, mais uma vez meu irmão entrou em ação. Sua personalidade expansiva e simpática rapidamente o tornara alguém muito popular na veterinária da USP; tinha muitos amigos e, por algum motivo, passou a me levar para muitas atividades na universidade, de aulas a festas!

A USP foi um choque!

O mero contato com a Universidade e seu povo foi suficiente pra moldar e mudar minha vida para sempre.

Talvez minha veia extensionista, que hoje pulsa forte, tenha sido ativada aí, nos estertores dos anos 80 quando percebi que a Universidade

por si só tem um poder transformador singular. Frequentei a Veterinária da USP de 87 a 89, foram anos incríveis!

Em fevereiro de 89 eu, meu irmão e um professor dele, o querido farmacologista Luiz Carlos de Sá Rocha, ou simplesmente Lu, nos lançamos numa aventura até então sem precedentes: uma viagem de carona até o Chile. Essa viagem foi um grande divisor de águas em minha vida! Foram quarenta dias, trezentos dólares e três Países. Uma espécie de Diário de Motocicleta, sem motocicleta e nem Che Guevara!

Saímos de São Paulo um dia após eu completar 18 anos; tomamos um ônibus até Foz do Iguaçu e dali entramos na Argentina cruzando o País de carona e trens até Mendoza, no pé da Cordilheira dos Andes. A travessia da cordilheira foi feita num Dodge Dart que fazia serviço de lotação e contrabando de casacos de couro. Cada um vestiu um casaco e isso rendeu um desconto na passagem!!

O Trio de Ferro



Cruzando a fronteira entre Brasil e Argentina



Em Córdoba / Argentina

A belíssima e sinuosa rodovia de Los Caracoles nos levou até Santiago onde passamos uns dias, visitamos Viña de Mar e seguimos de trem até Puerto Mont. A experiência no trem foi



Aos pés do Vulcão Osorno / Chile

"sui generis": vinte e quatro horas num vagão com bancos de madeira, sem iluminação e dividindo espaço com cabras e cachos de banana nos levaram a um dos lugares mais bonitos que já estive. A Região dos Lagos é realmente fabulosa, com suas águas coloridas, vulcões colossais e natureza exuberante. O retorno para a Argentina foi uma aventura dentro da própria aventura; cruzamos a pé o Parque Nacional Nahuel Huapi numa longa jornada de dois dias até a aprazível Bariloche. Dali pra frente foi só retorno para casa.

Essa experiência ímpar se conecta diretamente com minha trajetória profissional e

talvez tenha sido o pontapé inicial para que eu tenha me tornado geneticista décadas depois, mas isso veremos mais para frente.

De volta ao Oswaldo Aranha, a interseção da miséria humana e social com a alegria da Universidade deixaram bem claro para mim qual seria o caminho que eu queria seguir. E o primeiro passo para mudar minha história eu dei logo no início de 87 quando iniciei no meu primeiro emprego: balconista de vídeo locadora. A Tripé Vídeo Locadora era uma grande loja no bairro onde eu morava, administrada por dois jovens irmãos, Carlos e Augusto, e seu pai, o Sr. Walter. A gentileza e descontração dos rapazes contrastava com a aspereza e difícil trato do patriarca. O homem era quase um personagem de novela das oito.

Mas esse convívio me ensinou muito, e junto com os princípios e valores herdados do Sr. José e da Dona Conceição, consegui extrair o melhor daquela experiência. Trabalhei na locadora por pouco mais de um ano e no segundo semestre de 88 deixei o emprego e convenci

meu pai a pagar seis meses de cursinho pré-vestibular. A USP era meu objetivo!

O curso escolhido foi o Anglo da Rua Tamandaré, na Liberdade. Na época esse era o melhor cursinho de São Paulo, a maioria dos professores eram excelentes e eu comecei, quase num passe de mágica, a entender tudo aquilo que não entendia desde a sétima série do Meninópolis. Descobri que eu não era incapaz, apenas estava sendo mal orientado. Fui para o vestibular ciente das minhas limitações e, como era esperado, acabei não sendo aprovado na primeira fase por apenas um ponto. Na minha cabeça, se eu tinha saído do zero absoluto para um ponto a menos na FUVEST com apenas seis meses de cursinho, estudando novamente ali por um ano, as chances passariam a ser reais. E assim foi feito.

No ano de 1989 me dediquei integralmente ao cursinho, assisti todas as aulas, inclusive aos sábados, fiz todas as tarefas, exercícios, tudo! Pelo menos três vezes por semana passava a tarde no Centro Cultural de São Paulo, estudando com colegas,

criando dúvidas para retornar no começo da noite e tirá-las com os plantonistas.

Dentre os tantos excelentes professores dois deles chamavam a atenção: o de português, Prof. Pasquale, que anos mais tarde se tornaria um famoso apresentador da TV, sempre falando sobre a língua portuguesa, e o de História do Brasil, Prof. Paulão. As aulas de história, sempre contadas como boas histórias, me encantaram ao ponto de não ter me tornado um historiador por muito pouco.

No fim de 89 foram três vestibulares: USP, UNESP e UNICAMP. Nas duas primeiras, a opção foi veterinária e em Campinas optei pela História. Fui aprovado na UNESP e UNICAMP, e movido pela experiência pregressa com meu irmão na veterinária, foi essa minha escolha.

Em fevereiro de 1990 desembarquei em Jaboticabal, numa viagem de 350 km, que nunca teve retorno.

2

CAPÍTULO

OS TEMPOS DE FACULDADE

**Um cavalo selado não passa duas
vezes**

O esforço e dedicação empreendidos em 1989 foram recompensados! A aprovação no vestibular da UNESP para o curso de Medicina Veterinária no Campus de Jaboticabal foi algo que eu demorei muitos anos para acreditar que tinha sido verdade. Por muitas vezes me perguntei se alguém, na correção das provas não havia trocado o nome de alguém realmente aprovado, pelo meu. Era bom demais para ser verdade!!

Eu não fazia nenhuma ideia de onde ficava Jaboticabal, então recorri ao mapa do Guia Quatro Rodas e descobri que era uma cidade na região de Ribeirão Preto, a mais ou menos 330km da capital. No dia marcado para a matrícula fui sozinho para a rodoviária encarar as mais de cinco horas de estrada rumo ao meu futuro, não sem antes meu irmão me dar a dica: estando em Jaboticabal procure o Cebola,¹ ele é estudante da Veterinária de lá, meu amigo, e vai poder te ajudar a arrumar um lugar para ficar. Confesso que não dei muita importância a essa sugestão pois meu objetivo era apenas ir até a faculdade, formalizar a

matrícula e regressar no mesmo dia. Detalhes sobre moradia eu resolveria em outro momento.

Chegando ao centenário e belíssimo Prédio Central do Campus me coloquei timidamente na fila dos calouros esperando ser chamado para entregar os documentos e assinar os papéis. Um grupo de uns trinta adolescentes assustados, rapazes com as cabeças raspadas como era praxe se fazer com os ingressantes na época (meu cabelo meu irmão mesmo cortou no exato instante em que cheguei em casa com a notícia da aprovação) e meninas em grupinhos já se conhecendo e se organizando para o início das aulas semanas depois formavam a fila esperando serem chamados para as providências protocolares. No meio dos calouros e alguns pais orgulhosos apenas dois veteranos passavam de um lado para o outro, vendendo assinaturas de jornais inexistentes ou tentando levantar algum dinheiro ameaçando os novatos com a possibilidade de voltarem para casa com um ovo

quebrado na cabeça ou sobancelhas raspadas.

Procurei ficar o mais invisível possível para escapar das garras dos veteranos quando um deles chamou o outro pelo “nome”: “Cebola, vem aqui!” Essa era a deixa que eu precisava, imediatamente chamei o veterano e perguntei se ele era o Cebola da veterinária e, diante da resposta afirmativa, me apresentei como o “irmão do Fernandão, da veterinária da USP”. O resultado não poderia ter sido melhor, imediatamente fui alçado ao posto de “amigo dos veteranos” e escapei de todos os trotes e brincadeiras, mas só naquele momento; dias piores viriam!

No mesmo instante fui convidado para morar na República Filomena, uma das mais antigas e tradicionais de Jaboticabal. A Filomena, ou simplesmente Filó, tinha mais de vinte anos e existe até hoje.

Ao longo das décadas de sua existência passaram por ali estudantes de veterinária,

agronomia e zootecnia vindos de diversas partes do País; a história da Filomena é riquíssima tendo sido a moradia de diversos futuros professores, empresários e até um Ministro da Agricultura. Essa seria minha casa nos próximos cinco anos.

A República Filomena era instalada numa casa antiga, com quatro quartos, na esquina das ruas José Bonifácio com Capitão Fortunato. A casa era péssima! A distribuição dos cômodos era bastante peculiar, com um quarto e o único banheiro confluindo diretamente para a cozinha, as portas não tinham fechaduras, e as que tinham não funcionavam; a porta de entrada era fechada encostando uma poltrona do antigo sofá que tinha vindo como descarte da casa de alguém em algum tempo passado. O fogão tinha uma monocamada de sujeira biológica e não biológica; a geladeira de uma única porta, com o congelador acoplado tinha como residentes fixos

Um cavalo selado não passa duas vezes



Geladeira da república

apenas duas garrafas de vidro com água e mais nada, apenas o vazio. A estrutura da casa era tão precária e com prometida que as rachaduras nas paredes permitiam ver a luz vinda do outro cômodo.

O volume de baratas na República Filomena era tão grande que acordar de madrugada e atravessar a cozinha para ir ao banheiro era certeza de encontrar pelo menos umas cinco delas perambulando pela mesa ou na pia. Na sala havia uma mesa de jantar, daquelas antigas, de

sítio, com uma gavetinha no meio, onde a empregada (verdadeira heroína) colocava as roupas passadas dos seus oito moradores.



Quadro com as fotos dos moradores (a minha é a quarta da esquerda, de baixo para cima, de camiseta vermelha)

Além de mim, calouro, os veteranos que moravam nessa época naquele ambiente caótico eram: Cebola (João Pessoa), Escroto (Wagner), Fininho (Naur), Requeijão² (Vando), o pós-graduando Mimoso³ (Matias) e o jovem professor Espigão⁴ (Maurício).

Sim, os apelidos eram (e ainda são) uma marca registrada de muitos Campi

da UNESP e de outras faculdades no interior de São Paulo e Minas Gerais. Curiosamente nenhum apelido “pegou” em mim; tenho a impressão de que minha capacidade de apelidar os outros acabou inibindo os colegas de criarem algum “nome” impactante que me coubesse.



Amigos prontos para meu baile de formatura

O início dos anos 1990 foi marcado pela posse do primeiro presidente eleito democraticamente depois de um longo período de ditadura sucedido pelo atabalhado governo Sarney. Eram os tempos do “Caçador de Marajás”. A catástrofe econômica e os devaneios do jovem e tresloucado presidente nos reuniam todas as noites na sala para assistir ao Jornal Nacional. Nesse mesmo sofá assistimos desde o infame pronunciamento da então Ministra Zélia Cardoso de Mello anunciando o confisco de todo o dinheiro mantido nas poupanças de cidadãos brasileiros, até o pênalti grosseiro batido por Roberto Baggio na final da Copa de 94 dando o tetra campeonato mundial de futebol para o Brasil.

2.Requeijão: Atualmente Prof. Dr. Vando Edésio Soares, Professor e Coordenador do Programa de Mestrado Profissional em Produção Animal da Universidade Camilo Castelo Branco, Descalvado/SP

3.Mimoso: Atualmente Prof. Dr. Matias Pablo Juan Szabó, Professor Titular da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia

4.Espigão: Atualmente Prof. Dr. José Maurício Barbanti Duarte, Professor Livre Docente do Departamento de Melhoramento Genético Animal da UNESP, Campus de Jabotibabal

5.Feiosos: Atualmente Prof. Dr. Renato Caparroz, Professor Adjunto do Departamento de Genética e Morfologia da Universidade de Brasília – UNB

6.Pacheco: Atualmente Prof. Dr. Fernando Pacheco Rodrigues, Professor Adjunto do Departamento de Genética e Morfologia da Universidade de Brasília – UNB

Em uma dessas reuniões em torno do Jornal Nacional, logo nas primeiras semanas de aula, alguém me perguntou: “e você, entrou na veterinária para trabalhar em que?”. Eu que nunca fui muito das regras e sempre optei por alternativas pouco usuais respondi rapidamente: “com animais silvestres”. A resposta do outro lado foi imediata “Você está com sorte, veio morar justamente na mesma república do professor de animais silvestres da faculdade” .

“Você está com sorte, veio morar justamente na mesma república do professor de animais silvestres da faculdade”

Não era possível!! O Espigão, vulgo José Maurício Barbanti Duarte, não só era o professor da disciplina de manejo de animais silvestres da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP de Jaboticabal, como era também o único professor

dessa disciplina em todas as faculdades de medicina veterinária do Brasil. Ou seja, eu estava diante de uma oportunidade única na minha vida, o famoso cavalo selado que só passa uma vez, e que se não for montado... nunca mais!

E para a minha felicidade, do alto dos meus dezenove anos, consegui montar o cavalo!

Passei a acompanhar o Maurício e com poucos meses de faculdade já estava totalmente inserido no mundo dos animais silvestres. Maurício é o típico *workaholic*, uma pessoa totalmente viciada no trabalho, daqueles que trabalham diariamente três períodos; apaixonado pelos animais silvestres hoje é um dos maiores especialistas em cervídeos (família dos veados) do mundo, mas na época era apenas um jovem professor, com menos de 30 anos e que fazia mestrado com citogenética de cervídeos brasileiros.

A área de animais silvestres nas ciências agrárias era praticamente inexistente e o Maurício foi um desbravador. Na tentativa de reunir estudantes para começar a organizar um grupo de pes-

quise ele mantinha todas as quartas-feiras à noite uma rodada de seminários sobre temas diversos relacionados à fauna, especialmente aos cervídeos. A essas reuniões ele deu no nome de *O Corujão*.

Por quase dois anos frequentei *O Corujão* religiosamente e vi dezenas de estudantes irem e virem, e na maioria das vezes desistirem dos animais silvestres, uma área que até hoje há quem diga que quem quiser ingressar precisa fazer voto de pobreza. Da época do *Corujão* trago dois bons amigos, sobreviventes, e que até hoje trabalham na área, são eles o Feioso⁵ e o Pacheco.⁶

Da apresentação de seminários passamos a trabalhar diretamente com os animais que o Prof. Maurício mantinha num pequeno espaço conhecido como o Setor de Animais Silvestres, um conjunto de oito baias com um animal em cada, onde foram feitos os primeiros estudos com nutrição/alimentação, reprodução, citogenética, endocrinologia e outras, sempre com os veados. Hoje o

antigo Setor de Animais Silvestres se tornou o NUPECCE (Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos), o maior centro de pesquisa em cervídeos neotropicais do mundo, de onde já saíram dezenas de novos pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Morar na mesma casa que um professor como Maurício foi realmente uma experiência ímpar. Ao mesmo tempo que tínhamos inúmeras diferenças, especialmente comportamentais (garoto da capital x jovem típico interiorano), a influência daquele jovem professor super entusiasmado com o trabalho sobre um garoto recém ingressado na Universidade foi muito marcante. Me envolvi totalmente com o mundo dos animais silvestres; eu amava aquilo! Estava por dentro de tudo o que acontecia dentro e fora da Universidade e que dissesse respeito à fauna brasileira. Dois livros em especial eram minhas leituras quase diárias: *Ornitologia Brasileira*, de Helmut Sick e *Zoo & Wild Animal Medicine*, de Murray E. Fowler. Esse último,

conhecido como “*O livro do Fowler*” era considerado a Bíblia da medicina de animais silvestres; desde como conter uma serpente venenosa até a dose de anestésico para derubar um hipopótamo, tinha ali! Eu lia aquilo tudo muito entusiasmado e, nem nos meus melhores sonhos, poderia imaginar que anos mais tarde seria convidado para compor a equipe que escreveria um capítulo em um novo livro do icônico Fowler.

Foi no Setor de Animais Silvestres que fiz meu primeiro trabalho de iniciação científica, desenvolvendo uma metodologia de coleta de sêmen de veado catingueiro *Subulo gouazoubira* (anteriormente denominado *Mazama gouazoubira*). O trabalho foi inovador, pois a coleta de sêmen de animais silvestres era algo totalmente novo no Brasil e as poucas pesquisas realizadas até então eram feitas utilizando a eletroejaculação, técnica invasiva que requeria a sedação completa do animal e nem sempre produzia bons resultados. A ideia do nosso trabalho foi adaptar uma vagina artificial utilizada para ovinos

às particularidades anatômicas e comportamentais dos cervídeos. A peculiaridade do trabalho ficava no fato de que o animal apenas se submerteria à coleta caso fosse treinado para isso, e essa era a parte mais complicada. Esse foi meu primeiro trabalho apresentado em congresso como comunicação oral no XVI Congresso da Sociedade de Zoológicos do Brasil, em Americana/SP (1992); na época o trabalho despertou bastante curiosidade e interesse pois abria a perspectiva de inserir os zoológicos em pesquisas científicas, algo que naquela época era muito raro no Brasil.

Desde a minha primeira apresentação de resumo em congressos até hoje já são quase 70 participações, no próximo no capítulo darei destaque para alguns eventos que participei durante a pós-graduação.

O Mauricio era quase uma fonte inesgotável de ideias; qualquer estudante que aparecia em sua sala pedindo um estágio, já saía com um projeto pronto. Depois da padronização da coleta, meu trabalho foi coletar e analisar

o sêmen de um animal, semanalmente, ao longo de um ano. A ideia era de avaliar se havia alguma alteração nas características seminais da espécie neotropical, da mesma forma como ocorre nos animais do hemisfério norte. Constatamos que não havia uma variação significativa, e esses resultados foram apresentados no XVIII Congresso da Sociedade de Zoológicos do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1994. Posteriormente, novos estudos, com maior robustez metodológica comprovaram o que já havíamos predito.

Com o tempo acabei virando uma espécie de faz tudo no grupo do Prof. Maurício, desde o apoio aos projetos de outros colegas até mutirões de limpeza do setor de animais silvestres. Um fato interessante e que ilustra bem tanto meu *status* de pau para toda obra quanto a loucura do Maurício foi quando ele notou que o setor de animais silvestres estava ficando pequeno para o número crescente de animais e resolveu, sem dar satisfação a ninguém na faculdade, construir um novo recinto para os veados,

numa área ao lado do Departamento de Melhoramento Genético Animal, numa região central do *Campus*.

A ideia seria cercar uma área com alambrado e colocar os animais dentro. Sem chamar muita atenção, Maurício contratou alguém para cavar os buracos para as estacas da cerca, num final de semana trouxe do sítio do seu pai os mourões que sobraram de alguma obra e restos de alambrado sabe-se lá de onde.

Na semana seguinte apareceu com uma motosserra e no fim de semana, eu e ele construímos o recinto para os animais com as próprias mãos, em dois dias. Quando o *Campus* acordou na segunda-feira já havia uma nova construção, um cercado de uns mil metros quadrados com animais silvestres vivendo lá dentro. Totalmente irregular e sem qualquer conhecimento das chefias! Só quem viveu os anos 90 sabe o que é isso!! Com o tempo o recinto foi reformado e deixou de ser apenas um puxadinho mam-bembe para virar mais

um anexo do setor de animais silvestres, dessa vez em área nobre da faculdade.

Naquela época eu era totalmente apaixonado pela faculdade, pela República Filomena, por Jaboticabal. Fiquei praticamente o tempo todo dos quatro anos de faculdade por lá; no começo do curso voltava para casa dos meus pais quinzenalmente, mas com o passar do tempo essas voltas foram se tornando cada vez mais espaçadas ao ponto de, no sexto semestre, ter voltado apenas uma vez. Em janeiro, depois das festas de fim de ano, eu sempre voltava na primeira semana, pois sempre tinha alguma coisa bacana acontecendo em Jaboticabal, a faculdade era uma extensão da minha casa.

Em 1992, com poucas atividades na faculdade no começo do ano, passei janeiro na sala de necrópsia do Departamento de Patologia e Parasitologia, sob orientação do Prof. Gervásio Henrique Bechara. Minha ideia era de aproveitar o tempo livre fazendo algo diferente do que já fazia com Maurício. Na minha cabeça eu tinha que

diversificar um pouco para tentar melhorar minhas qualidades profissionais e estabelecer contato com novas pessoas, o que hoje chamamos de *networking*. O mês na patologia foi sensacional; eu conseguia dividir meu tempo entre as atividades com Maurício e as necrópsias que aconteciam praticamente todos os dias devido à alta rotatividade e grande número de casos complexos que chegavam ao Hospital Veterinário do Campus. No meio das tantas necrópsias corriqueiras de bois, cavalos e cães que acompanhei, tive a oportunidade de necropsiar um urso pardo e um colossal bisão europeu além de um raro caso de um bezerro *Schistosomus reflexus*, uma malformação congênita onde o animal nasce com os órgãos abdominais e torácicos expostos.

Minha dedicação e entusiasmo nesse pequeno estágio chamaram a atenção do Prof. Bechara e passados alguns meses ele me procurou para oferecer uma bolsa de apoio técnico para auxiliá-lo no projeto de pesquisa de doutorado

de sua aluna Bia (Atualmente Profa. Beatriz Rossetti Ferreira, da Escola de Enfermagem da USP de Ribeirão Preto) que trabalhava com carrapatos em cachorros do mato. Meu trabalho seria de ajudar na contenção dos cachorros do mato para que ela desse andamento aos experimentos com os carrapatos. Por se tratar de uma bolsa de apoio técnico e não de iniciação científica e por entender que o trabalho proposto seria mais braçal do que intelectual, declinei da oferta em favor do trabalho que já realizava com Maurício analisando parâmetros reprodutivos de veados catingueiros. Mesmo assim, achei que seria uma experiência interessante ajudar na contenção dos cães selvagens e segui voluntariamente ajudando o Prof. Bechara no Depto de Patologia.

Passados alguns meses, o Prof. Bechara me procurou novamente, dessa vez com uma proposta mais tentadora, uma bolsa de iniciação científica do CNPq para trabalhar diretamente com carrapatos auxiliando na tese

de doutorado do meu colega de república Matias Szabó (Mimoso). Dessa vez, inclusive por aconselhamento do próprio Maurício, deixei um pouco de lado o setor de animais silvestres e fui para o Departamento de Patologia. O trabalho de Matias era focado na resposta inflamatória desencadeada pela saliva do carrapato em cães e cobaias.

A primeira parte do meu trabalho foi a montagem de uma salivateca de carrapatos *Rhipicephalus sanguineus*. A técnica de coleta de saliva de carrapatos foi adaptada pelo próprio Matias e é bastante interessante: as fêmeas do carrapato, após a cópula, se alimentam vorazmente de sangue e se destacam para procurar lugares altos e frescos para a oviposição. Fêmeas nesse estágio são chamadas teleóginas. Quando se destacam, são recolhidas e coladas com o abdome para cima numa fita dupla face em uma prancheta de madeira.

Em cada dia de coleta era possível conseguir mais de uma centena de teleóginas. Uma vez fixadas injetávamos alguns microlitros de pilocarpina

no abdome do animal; a pilocarpina é um alcalóide de ação parassimpatomimética e que induz a salivação. Em alguns minutos se formava uma pequena gota de saliva no aparelho bucal (hipostômio) da teleóquina, que era recolhida com um tubo capilar, uma a uma. Um verdadeiro trabalho de paciência. Com alguns meses consegui coletar quase 2ml de saliva de carapato, uma enormidade!

Esse grande volume de saliva foi utilizado ao longo da tese de Matias e com uma parte dela trabalhei em sua caracterização molecular por meio de eletroforese em gel de poliacrilamida (PAGE). A respeito dessa técnica, é importante lembrar onde fiz minha primeira eletroforese, técnica que iria me acompanhar por pelo menos mais quinze anos da minha vida quase que diariamente.

Nas férias de junho de 1992, fui passar uns dias na casa dos meus pais, em São Paulo e minha ex-cunhada, Profa. Caris Maroni Nunes, atualmente aposentada da Faculdade de Medicina Veterinária da UNESP de Araçatuba e estudante de

doutorado na época, me indicou para um estágio de férias no Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal, na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP sob orientação do Prof. Leonardo José Richtzenhain. Passei alguns dias no laboratório onde aprendi as bases da eletroforese e do Southern Blotting. Nesse breve período também tive a oportunidade de conhecer um jovem pernambucano, estudante de veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Jean Carlos. Os poucos dias que convivemos no laboratório do Prof. Leonardo foram suficientes para travarmos uma amizade que dura até hoje. Nosso desejo em comum de trabalhar com animais silvestres fez nossos caminhos se cruzarem diversas vezes ao longo da minha graduação, especialmente nos congressos da Sociedade de Zoológicos do Brasil. Atualmente Jean Carlos Ramos da Silva é professor titular do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco e desde que cheguei em

Vitória de Santo Antão, em 2008, já tivemos algumas oportunidades muito interessantes de parceria científica, que serão citadas mais adiante nesse memorial.

O perfil eletroforético da saliva de carrapato foi apresentado em 1993 no *V Congresso de Iniciação Científica da UNESP*, em Bauru, na minha segunda participação em congresso. Mais de vinte anos depois, quando eu já era diretor do Centro Acadêmico da Vitória, numa noite qualquer, ao sair da diretoria, o Jornal Nacional anunciava na televisão ligada no hall do prédio administrativo algo como: “Surge uma nova promessa no tratamento do câncer, as proteínas extraídas da saliva do carrapato”. Um dos grupos que trabalha nessa linha é o do meu antigo colega de república, Prof. Matias Szabó, da UFU.

Essa notícia me fez viajar no tempo, me deixando bastante emocionado. Fiquei um bom tempo refletindo sobre a ciência e seus desígnios, sobre como um inocente projeto de iniciação científica se encaixa, ainda que de maneira

longínqua, em alternativas que podem mudar o curso de muitos setores da sociedade. Isso me faz acreditar ainda mais na ciência básica como a força motriz de todas as descobertas relevantes e avanços da espécie humana.

O curso de medicina veterinária da UNESP de Jaboticabal é considerado um dos melhores do mundo, e ter tido o privilégio de estudar ali é motivo de grande orgulho para mim até hoje, passados trinta anos de minha formatura. No início da década de 90, praticamente todos os professores de Jaboticabal eram jovens na faixa dos 40 anos ou menos, muitos ainda concluindo seus doutorados, mas praticamente todos com ânimo e entusiasmo enormes, que contagiavam os alunos. O campus ainda tinha muitas deficiências estruturais, o laboratório de anatomia era num antigo celeiro, o hospital veterinário era bastante precário e com poucos recursos, as salas de aula eram pouco estruturadas e os recursos tecnológicos escassos. Hoje as instalações da FCAV são supermodernas, o hospital

veterinário é bem equipado, assim como as salas de aula e demais laboratórios. Daqueles professores da minha época a maioria já se aposentou, alguns infelizmente já não estão mais entre nós, e uma nova geração de docentes mantém o Campus vivo e cada vez mais relevante na formação de novos médicos e médicas veterinárias no Brasil. Nesse sentido me permito traçar um paralelo com o Centro Acadêmico da Vitória nos dias de hoje. A maioria dos professores e professoras são jovens, com muita vontade de produzir e têm conseguido “tirar leite de pedra” mesmo com todas as dificuldades estruturais e financeiras do Campus. O passado de Jaboticabal e seu presente me servem de alento para acreditar e ter esperança em dias melhores com um futuro brilhante para o CAV e todos seus atores!

Os amigos da faculdade também devem ser lembrados, alguns também seguiram a carreira docente, inclusive dois deles aqui no Nordeste, Daniel Brandespin (UFRPE) e Marcia Notomi (UFAL).

Posso destacar alguns com os quais tive mais contato e que marcaram para sempre minha trajetória, como Helder, Mauro, Paulo, Luiz Fernando, Fábio, João, Daniela, Marcia, Siomara, Renata, Celina, entre tantos outros. Um momento interessante, que merece destaque foi quando eu e os seis primeiros dessa lista encabeçamos a organização dos Jogos da Veterinária (INTER-VET), em 1993. Todas as faculdades de veterinária que existiam naquela época em São Paulo enviaram delegações (UNESP de Botucatu, Araçatuba e Jaboticabal, USP, UNIMAR, Espírito Santo do Pinhal e São João da Boa Vista), foram mais de mil participantes disputando mais de uma dezena de modalidades num evento gigante de quatro dias. Todas as delegações se alojaram no campus seja em salas de aula ou numa grande área de camping que existia próxima da praça de esportes. A logística para a organização desse evento foi colossal, o imenso volume de detalhes, desde a negociação com patrocinadores até a contra-

tação de árbitros para modalidades tão distintas quanto basquete, atletismo e tênis de mesa quase nos enlouqueceram. Mesmo com todos os percalços o evento foi um grande sucesso e a experiência com essa organização me deu coragem para enfrentar outras organizações de eventos ainda mais desafiadores. Apenas quem não ficou muito satisfeito com o desfecho dos jogos foi um grupo de professores reacionários que se espantaram com a leveza, alegria e descontração dos jovens estudantes em contraponto com a mentalidade conservadora típica das ciências agrárias. Uma reunião extraordinária da Congregação foi convocada e deliberou-se a proibição de novos jogos em Jaboticabal por cinco anos. Décadas depois, como gestor universitário, me lembrei muitas vezes da nossa indignação com essa decisão arbitrária e sempre procurei tomar decisões levando em consideração o espírito jovem e libertário que nunca deve ser perdido na Universidade.

Ao longo de todo meu curso de graduação tive o privilégio

de poder me dedicar integralmente às atividades pedagógicas, sempre voltadas para aquilo que me interessava, a fauna brasileira. Meus pais conseguiam me manter vivo em Jaboticabal e o dinheiro extra para diversão e outras atividades fora da Universidade eu angariava vendendo livros para a *Livraria Varela*, uma tradicional livraria de São Paulo, especializada em livros técnicos das ciências agrárias. A venda de livros para o Sr. Varela era uma tradição da República Filomena que passava dos veteranos para os calouros já a uns bons anos.

Durante a faculdade realizei três estágios extracurriculares nas férias, todos com período aproximado de 30 dias, foram eles: *Instituto Butantã*, *Zoológico de Piracicaba* e *Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros (Zoológico de Sorocaba)*. Além desses estágios também passei uns dias no *Depto de Medicina Veterinária Preventiva da USP*, como já mencionei acima. Esses três estágios, trabalhando diretamente com os animais selvagens foram cruciais na

minha formação e decisivos para minha carreira nas décadas que sucederam.

No Butantã dividi meu tempo em dois momentos: no setor de venenos e no Museu do Butantã. No setor de venenos tive contato com as principais serpentes peçonhentas da fauna brasileira: jararacas, cascavel e corais. O estágio consistia em acompanhar a rotina de manutenção e extração do veneno dos animais; rotina pesada, mas muito interessante e serviu para me mostrar que, mesmo tendo gostado muito do estágio, trabalhar com serpentes não era algo que me enchia os olhos. A segunda metade do estágio realizei no Museu. O Museu do Butantã era sensacional (não sei como está hoje pois faz muito tempo que não o visito); matinha em sua coleção centenas de espécimes de serpentes, aracnídeos e anfíbios do mundo inteiro. Tive a oportunidade de manejar animais magníficos como a *Naja Cuspideira* (*Naja nigricolis*), *Cobra Rei* (*Ophiophagus hannah*) e *Víbora do Gabão* (*Bitis gabonica*), além de serpentes

da fauna brasileira como a *Jararaca-Ilhoa* (*Bothrops insularis*) e a *Surucucu* (*Lachesis muta*), a maior serpente peçonhenta do Brasil.

Essa experiência foi muito marcante. Os momentos em que não estive auxiliando no manejo dos animais, passei conversando com o diretor do museu na época: *Pedro Antônio Federsoni Jr.* Pedro Federsoni é um grande estudioso na área de museus e coleções como espaços não formais de ensino/aprendizado; bona-chão, contador de infinitos “causos”, estilo de indigenista, com seus infectíveis cachimbo e sandálias de couro, passava horas me contando histórias sobre suas experiências com indígenas na Amazônia, curiosidades sobre os animais e a própria história do Butantã. Os dias que passei no Museu foram realmente inspiradores.

O mês que passei no Zoológico de Piracicaba também foi ímpar. A diretora do Zoo era uma colega nossa, formada em Jaboticabal e estudante de doutorado na ESALQ/USP, Dra. Valéria Fernanda Saracura. Essa amizade com a jovem diretora

Valéria abriu as portas do Zoológico e permitiu que eu e mais quatro colegas passássemos em torno de um mês alojados numa sala anexa da diretoria vivendo integralmente a rotina de um zoológico. Além da pesada rotina do manejo das centenas de animais, realizamos uma força tarefa de exames parasitológicos de fezes em todos os animais. Além da experiência laboratorial numa estrutura improvisada com equipamentos emprestados da Universidade, tive a oportunidade de conter fisicamente espécimes emblemáticas da fauna brasileira, como o *Urubú Rei* (*Sarcoramphus papa*), *Harpia* (*Harpia harpyja*), *Arara-Azul* (*Anodorhynchus hyacinthinus*), entre outros. A experiência intensa no Zoo de Piracicaba, de uma certa forma me “credenciou” para meu último estágio em Zoológicos, no icônico Zoológico de Sorocaba.

O Zoológico de Sorocaba era uma referência em manejo de fauna naquela época, seu corpo técnico era de alto nível e o programa de estágio de férias era muito bem estruturado, inclusive com um alojamento interno bem

montado, para receber estudantes de todo o País, inclusive do exterior. Creio que não exista um veterinário, biólogo ou zootecnista formado na década de 1990, especializado em fauna, que não tenha tido contato com *Adauto Veloso*, *Ciça Pessuti* e *Sérgio Rangel*. Nesse estágio tive a oportunidade de acompanhar inúmeros procedimentos clínicos e de manejo de espécies que iam do Mico-leão-dourado até o Hipopótamo. Outro ponto inesquecível foi o convívio com o biólogo Sérgio Rangel. Sérgio é um profundo conhecedor da fauna brasileira e exótica, especialmente dos répteis.

Obcecado pelo zoológico, ficava quase todos os dias depois do expediente circulando por ali, o que nos proporcionava longas e produtivas conversas técnicas sobre diversas espécies que viviam no Zoo. A experiência no Quinzinho de Barros, com seu excelente corpo técnico contribuiu muito para minha formação profissional e a eles sou muito grato.

O curso de veterinária da UNESP de Jaboticabal era

concluído em cinco anos, sendo que os nove primeiros períodos cumpridos em atividades teóricas e práticas no Campus e o décimo e último era chamado de “estágio obrigatório” onde o estudante escolhia um ou mais locais para estagiar e adquirir uma vivência prática na sua área de escolha. Os locais preferenciais da maioria dos formandos eram as grandes clínicas de cães e gatos na capital ou cidades maiores do interior, o Jockey Club de São Paulo, cooperativas de produtores rurais, entre outros.

Como meu interesse era trabalhar com animais silvestres, mas ainda sem ter uma área muito definida, meu destino não poderia ser outro senão um zoológico. Se não me engano, o único estudante de veterinária da minha geração a realizar o estágio obrigatório com animais silvestres foi o colega Artur Andriollo (hoje Professor Titular do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Juiz de Fora e especialista em cetáceos).

Naquela época eram raros os estudantes que realizavam

o estágio de graduação no exterior; o primeiro havia sido Antônio Cabrera Mano Filho (ex-morador da República Filomena e ex-Ministro da Agricultura), que na década de 80 realizou seu estágio na Índia e no ano anterior ao meu, em 1993, o colega Flávio Meirelles (Quati), atualmente Professor Titular da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da USP, que havia estagiado no Canadá. Como eu já tinha tido boas experiências de estágios de férias em dois zoológicos brasileiros (Piracicaba e Sorocaba), resolvi ousar e tentar a sorte num estágio no exterior, e o escolhido foi nada menos que o Zoológico de Washington, nos Estados Unidos, até hoje tido como um dos melhores do mundo.

Para o estágio de graduação, todo estudante precisava de um supervisor da faculdade e do aceite da instituição que o receberia. Considerando a vasta experiência internacional do Prof. Bechara, sua escolha como supervisor foi quase instantânea, uma vez que o Prof. Maurício, por mais que fosse da área específica

e animais silvestres, ainda não tinha envergadura suficiente para me apoiar nessa empreitada tão distinta do habitual. Conversei com o Prof. Bechara, expliquei meu interesse no estágio em terras estadunidenses e ele prontamente aceitou ser meu supervisor. O próximo passo seria enviar uma carta para Washington estabelecendo o contato, e assim nos pusemos a escrever. No mesmo dia em que a carta ficou pronta, recebo a informação que o Maurício queria falar comigo em sua sala urgentemente.

Arrumei um tempo e fui ver do que se tratava tanta urgência do Espigão. E a conversa não poderia ter sido mais impactante, algo que realmente mudou minha vida dali para frente, se tornando mais um verdadeiro divisor de águas!!

Em 1994 Mauricio estava no primeiro ano do doutorado no Depto de Genética da UNESP de Botucatu e seu projeto seria uma continuação do seu mestrado, onde havia se proposto simplesmente a descrever o cariótipo das cinco espécies de cervídeos brasileiros (*Mazama gouazoubira*

M. nana, *M. americana*, *Blasotocerus dichotomus* e *Ozotocerus bezoarticus*) e acabou por iniciar a descrição de uma nova espécie, além de abrir mais um sem número de perguntas sobre quantas espécies de cervídeos realmente existem no Brasil. Como tudo o que o Maurício fazia e faz ainda hoje é ousado, esse projeto não poderia ser diferente; ele havia proposto coletar 200 amostras de veados em todas as regiões do Brasil, começando pela Amazônia. E era justamente sobre isso que ele queria tanto conversar comigo: a proposta de trocar a ideia de estagiar no Zoológico de Washington por acompanhá-lo na primeira expedição de coleta, de jipe Toyota pela Amazônia numa aventura de quase três meses. Minha função seria ajudar na contenção dos animais e preparo das amostras. Meus olhos brilharam instantaneamente com a proposta, afinal conhecer a Amazônia sempre foi um sonho, e ainda mais em alto estilo, desbravando rincões longínquos a bordo de um jipe! Mas como se diz popularmente, “não existe almoço de graça”, aqui

também não poderia ser diferente... Uma vez que ele iria analisar os cariótipos dos animais, a minha contrapartida para embarcar nessa aventura épica seria analisar as mesmas amostras, porém a partir da genética bioquímica, por meio da eletroforese de proteínas, e para isso eu deveria entrar no mestrado em genética da mesma UNESP de Botucatu! Sim, minha contribuição seria simplesmente cursar o mestrado em genética, algo que eu nunca havia imaginado na vida; a propósito, eu havia sido um aluno bastante medíocre nas disciplinas de genética da graduação e essa área nunca havia me chamado muito a atenção.

Pedi alguns dias para pensar na proposta, conversei com meu irmão, com outros colegas mais velhos que já

estavam no mestrado ou doutorado e já no dia seguinte vim com a resposta: “eu topo!”. Sim, para embarcar numa aventura desse porte eu faria até mestrado em genética.

No primeiro capítulo desse memorial, quando falei sobre minha viagem de carona para o Chile mencionei a conexão entre aquela aventura e eu ter me tornado geneticista décadas depois. Pois bem, eis a conexão; o espírito de aventura que foi despertado naquele adolescente de 18 anos ressurgia novamente, com força total; e o desejo de fazer algo totalmente inusitado como cruzar a Amazônia de jipe seria maior do que qualquer medo ou insegurança sobre meu futuro profissional. Para conhecer a Amazônia eu aceitei ser geneticista!

3

CAPÍTULO

AMAZÔNIA

Um amor para a vida inteira

Como justificar um estágio de graduação se transformar numa expedição de coleta? A resposta passava diretamente pela preparação para o mestrado no Depto de Biofísica do Instituto de Biociências da UNESP de Botucatu. Meu estágio formal foi realizado lá, sob orientação do queridíssimo Prof. Paulo Roberto Rodrigues Ramos, que me ensinaria os fundamentos da genética bioquímica e, principalmente, como coletar, fracionar e armazenar corretamente as amostras que iríamos buscar. O primeiro mês do estágio eu realmente cumpri no laboratório de genética bioquímica e o restante do período foi a bordo do Toyota Bandeirante 1992 que o Maurício havia comprado de segunda mão.

O mês de agosto de 1994 eu passei em Botucatu, no laboratório, mas com a cabeça totalmente voltada para a Amazônia. À medida que a data da viagem se aproximava a ansiedade e tensão aumentavam e, faltando apenas algumas semanas da partida, Maurício resolveu convidar outra pessoa para fazer

parte da equipe. Pedro era um aluno do mestrado em Botucatu, que trabalhava com citogenética de cateto (*Tayassu tajacu*). Creio que Maurício refletiu e constatou que seria muita loucura encarar as rodovias e rios amazônicos apenas com um rapaz de 23 anos e achou que seria uma boa ideia incorporar mais um à trupe. E assim foi montada a equipe, Maurício, Pedro e eu. Como se não bastasse viajar em três num pequeno jipe sem ar-condicionado, integrou à equipe um cachorro da raça *American Foxhound* experiente na caça de veados, doado por um caçador do interior de São Paulo e que supostamente iria nos ajudar na captura de animais na natureza. O nome do animal não poderia ser mais sugestivo: Índio. Para evitar problemas como indígenas em terras amazônicas, passamos a chamar o animal de Joe, e assim foi. No fim das contas Joe não caçou nada e apenas curtiu um longo passeio pela Amazônia voltando são e salvo para casa.

A viagem partiu de

Jaboticabal rumo ao norte, cruzando os Estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Acre, Amazonas e Pará. Em alguns pontos já tínhamos contatos prévios, com Universidades, Zoológicos, EMBRAPA ou criadouros conservacionistas, mas na maior parte do tempo a busca pelos animais era no boca a boca mesmo, parando em algum posto de combustível na entrada da cidade e perguntando ao frentista se havia algum caçador ou pessoa que criava animais silvestres e, por incrível que pareça, quase sempre chegávamos à pessoas que criavam algum animal selvagem em casa, muitas vezes veados criados como cabras, comendo comida de panela e dormindo junto com os cachorros!!

E para todos os animais o protocolo de contenção era sempre o mesmo, sedação geral e coleta de vários tubos de sangue com e sem anticoagulantes, coleta de um fragmento de pele da face interna da coxa, coleta de saliva, pelos e sêmen, no caso de machos adultos. Maurício sempre procurou otimizar todas as

coletas tirando o máximo de amostras que pudessem ser utilizadas em pesquisas futuras. O fragmento de pele era coletado, acondicionado num tubo com meio de congelamento rico em crioprotetores, previamente congelado em vapor de N₂ líquido e só então mergulhado no N₂ líquido para aguardar um dia que fosse possível clonar uma espécie a partir de células somáticas. É importante lembrar que estávamos em 1994 e o primeiro clone animal a partir de células somáticas surgiria somente dois anos depois, em 1996 quando Sir Ian Wilmut apresentou ao mundo a célebre Ovelha Dolly. Esse pensamento vanguardista do meu amigo e professor Maurício me ensinou muito sobre a ciência e o pensar científico. Me emocionou em saber que, trinta anos depois dessas experiências pioneiras com congelamento de células epiteliais, estamos bem próximos do primeiro clone⁷ de cervídeos neotropicais e que num futuro não tão distante talvez possamos ter entre nós novamente aqueles espécimes que capturamos no passado,

nos rincões da Amazônia.

Por ocasião dessa expedição para a Amazônia, criamos o Projeto Cervídeos Brasileiros, uma marca que seria o embrião do já mencionado NUPECCE (Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos). As histórias dessa aventura são contadas e recontadas, e praticamente todos estudantes e pesquisadores que passaram por lá nas últimas décadas já ouviram algumas.

Um episódio interessante dessa expedição foi quando cruzamos a rodovia BR 319, que liga Porto Velho/RO a Manaus/AM, num percurso de quase 900 km. Após termos cruzado todo o Estado de Rondônia e chegado até Rio Branco, no Acre, o roteiro previa a ida para Manaus. De Porto Velho para Manaus além de avião, é possível percorrer de barco, descendo o Rio Madeira ou por via terrestre, pela BR 319.

Inaugurada em 1976 e totalmente fechada em 1988

essa é até hoje uma das piores rodovias do Brasil. Descartamos o trajeto de barco pelas dificuldades logísticas, especialmente em relação ao tempo que perderíamos navegando e resolvemos encarar a estrada.

A última cidade antes de entrar de vez na floresta até Manaus é Humaitá, já no Estado do Amazonas. Ficamos uns dois dias ali, alojados no 54º Batalhão de Infantaria de Selva e tivemos a informação de que o último veículo havia passado pela rodovia a aproximadamente quatro meses, e que havia uma ponte caída no meio do percurso. Conseguimos conversar com a pessoa que tinha realizado tal proeza e dele recebemos valiosas dicas, especialmente de como proceder no local da ponte rompida. Mesmo veementemente desaconselhados por todos, resolvemos encarar a rodovia, afinal não tínhamos outra opção.

No dia marcado saímos cedo e à medida em que nos distan-

7. Livia C. Magalhães, Jenin V. Cortez, Maajid H. Bhat, Ana Clara N.P.C. Sampaio, Jeferson L.S. Freitas, José M.B. Duarte, Luciana M. Melo and Vicente J.F. Freitas. In Vitro development and mitochondrial gene expression in Brown Brocket Deer (*Mazama gouazoubira*) embryos obtained by interspecific somatic cell nuclear transfer. Cellular Reprograming. Vol.22. N 4, 2020 (<https://tinyurl.com/3ybunn4w>)

ciávamos de Humaitá o cenário ficava cada vez mais sombrio, ruínas de postos de gasolina encobertos pela floresta eram os últimos indícios de que um dia houve pessoas residindo por ali. Não foi preciso rodar mais que 100 km para perceber que estaríamos totalmente sozinhos nos próximos 600 km até Manaus. A tensão inicial já ia se dissipando, quando o inesperado acontece: o eixo de conexão do reboque que levava todos nossos equipamentos de laboratório e amostras coletadas simplesmente se partiu ao meio! Literalmente no meio do nada! Ficamos sem saber o que fazer e depois de muito matutar compreendemos que a única forma de sair daquela situação seria nos valendo da própria natureza. E assim cortamos uma árvore relativamente fina, porém suficientemente resistente, e improvisamos um eixo de madeira amarrado com pedaços de cabo de aço que tínhamos entre os equipamentos. Essa arrumação funcionou, porém, diminuiu muito a velocidade do jipe. Chegamos na tal ponte caída ao cair da noite.



Travessia Humaitá / Manaus pela BR 319.
Momento exato em que o reboque se parte

Seguimos as instruções do último aventureiro que cruzara aquele trecho e atravessamos com o carro numa passagem por dentro de um córrego ao lado da ponte rompida. Todo o equipamento, incluindo centrífuga, botijão de nitrogênio e pesadas caixas de madeira com reagentes e vidrarias conseguimos atravessar nos braços. Posso dizer que esse foi o momento mais explícito de risco de morte que tivemos nessa viagem.



Trecho da rodovia com uma ponte rompida

Ao final desse processo já era noite e exaustos decidimos pernoitar ali mesmo. Ao amanhecer seguimos viagem, dessa vez na parte mais crítica da rodovia. Os trechos tomados pela mata e com atoleiros se tornaram cada vez mais frequentes e era difícil andar mais que uma hora sem ter que descer do jipe para, de alguma forma tirar os pneus do lamaçal. As tempestades amazônicas também mostraram sua força e o cenário foi ficando cada vez mais complexo. E mais uma vez, no fim da tarde do segundo dia o eixo improvisado de tronco de árvore se rompeu definitivamente. O desalento tomou conta dos três, ainda mais quando percebemos que havíamos esquecido nosso machado no local onde cortamos a árvore usada no reparo improvisado do dia anterior. O desespero foi grande!



O amanhecer após a primeira noite da travessia

De repente, algo absolutamente insólito acontece: vindo da mesma direção que vínhamos (Humaitá – Manaus) surge uma caminhonete Toyota com a carroceria alongada, sem nenhuma carga e com duas pessoas na cabine, um homem e uma mulher. Tratava-se de um padre italiano a anos residente na Amazônia, que estava acompanhando aquela senhora para um compromisso religioso em Manaus. A essa altura nós três estávamos totalmente cobertos de lama, exaustos, desesperados e o padre e sua carona, pasmem, limpíssimos. Haviam chegado até ali sem sequer ter tocado os pés na lama! Essa cena foi tão marcante, tão impactante em minha vida, que hoje, passados 30 anos do fato, ainda me lembro com detalhes de tudo naquele momento.

O padre ficou um pouco receoso em nos ajudar, primeiro por motivos óbvios de segurança, afinal naquele local só estávamos nós cinco e o cachorro (Joe) num raio de centenas de quilômetros e porque ele tinha que chegar antes das 8:00h numa cidade chamada Careiro Castanho,

pois esse era o horário da primeira balsa, e perdê-la significava perder todo o esforço para chegar a tempo para o compromisso em Manaus.

Depois de convencer o religioso, transferimos todo nosso material para a caminhonete e com o reboque vazio, ajeitamos o eixo como foi possível e terminamos a viagem noite adentro até a primeira balsa e depois mais duas até Manaus.

Finalmente chegamos em Manaus, destroçados, mas vivos e com uma boa história para contar. Não sou uma pessoa de muita fé, mas o surgimento daquele padre, naquele lugar, sob aquelas condições e levando a história ao desfecho que teve, não me faz pensar em nada além de uma intercessão sobrenatural.

Em Manaus depois de alguns dias de esforço de coleta, embarcamos o jipe no catamarã da antiga Empresa de Navegação Amazônia (ENASA) e depois de quatro dias descendo o Rio Amazonas chegamos em Belém onde nosso companheiro Pedro manifestou os sintomas da malária contraída em algum lugar dias antes, retornando precocemente para

São Paulo. Seguimos viagem até nossa última parada na cidade de Parauapebas onde fica localizada uma das sedes da Vale (na época Companhia Vale do Rio Doce), e dali retornamos para casa sem grandes paradas.

À essa grande expedição inaugural, em 1995 (agora como estudante de mestrado) sucederam outras para o Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), Sudeste / Centro Oeste (Minas Gerais, Distrito Federal e Goiás), Rio de Janeiro, Nordeste (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia). Ao todo foram mais de 60.000 km rodados e em torno de 200 amostras coletadas. Esse banco de amostras segue crescendo e já alimentou dezenas de dissertações e teses e ainda será usado por muitos anos na compreensão de relações evolutivas, populacionais, taxonômicas e muitos outros temas da biologia dos pequenos cervídeos neotropicais. A distância percorrida na cabine quente e desconfortável do velho Toyota Bandeirante certamente concluiria o equivalente à minha terceira volta na circunferência da Terra.

Essa experiência amazônica impactou não só a minha vida profissional, mas também a vida pessoal, especialmente as das minhas duas filhas, Mariana e Gabriela. Farei um breve relato de como isso sucedeu:

Em 2001, quando minha filha mais velha (Mariana) nasceu, anunciei que meu presente de 15 anos para ela seria uma viagem para a Amazônia; mas não uma viagem trivial do tipo pacote turístico. Minha experiência com viagens atípicas e o pouco juízo que sempre foi a marca registrada das minhas atitudes me fizeram planejar uma viagem de mochila navegando com a adolescente pelo Rio Amazonas, dormindo em redes e proporcionando a ela algo que somente eu poderia proporcionar: o contato próximo com a realidade dos ribeirinhos e sua estreita e vital relação com a floresta. E assim foi feito. De 2001 até 2016 tive muito tempo para me preparar; e a oportunidade de ter participado de diversas operações do Projeto Rondon no interior do Amazonas e do Pará me gabaritaram para proporcionar para a menina

uma experiência amazônica sem precedentes.

O roteiro de trinta dias incluiu os passeios tradicionais em Manaus e Presidente Figueiredo e abordagens bem menos convencionais como a hospedagem em uma pousada familiar na região do Médio Solimões, às margens do Rio Japurá, cercados pela exuberância da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Mamirauá, numa comunidade de quinze famílias com três horas de energia elétrica por dia. A convivência por alguns dias com os ribeirinhos, nas durezas e delícias do seu dia a dia transformaram a vida de minha filha e até hoje ela sonha com o dia em que voltará à Amazônia, talvez até para trabalhar com a dança, que é sua paixão.



Mariana interagindo com crianças ribeirinhas às margens do Rio Arapiuns / PA

Essa viagem em 2016 me deu a ideia de outra: navegar sozinho por toda a extensão navegável comercialmente do Rio Amazonas, e em 2018, realizei minha terceira grande viagem descendo a calha do grande Rio desde Iquitos (Peru) até Belém (Pará) em mais trinta dias de muita reflexão sobre o ecossistema mais biodiverso do planeta e seu povo. As transformações que a Amazônia vem sofrendo desde minha primeira experiência em 1994 até hoje são visíveis e, em sua maioria, para pior... lamentavelmente.



Festa da padroeira, Nossa Sra. do Carmo, em Parintins / AM

Minha segunda filha, Gabriela, seis anos mais nova, não poderia ser deixada de fora dessa minha obsessão e,

em 2022 ao completar seus 15 anos, fizemos uma nova expedição, dessa vez tendo como alvo a remota São Gabriel da Cachoeira no Alto Rio Negro, a cidade mais indígena do País. Com 23 etnias e quatro idiomas oficiais: Nheengatu, Tukano, Baniwa, além do Português, e outros tantos não oficiais, São Gabriel é um local fantástico! Tivemos a oportunidade de acompanhar uma incrível cerimônia de purificação da etnia Tuyuka. Além de alguns poucos antropólogos e um fotógrafo internacional, eu e ela éramos os únicos não indígenas presentes. A intensidade dessas experiências amazônicas ainda está sendo digerida pela jovem Gabriela, mas a semente do espírito de defesa da Amazônia e sua gente está plantada em seu coração.



Gabriela experimentando o caxiri em cerimônia Tuyuka em São Gabriel da Cachoeira / AM

Entre 1994 e 2022 estive na Amazônia, seja pelo trabalho (alguns desses momentos serão relatados quando eu falar da minha experiência na extensão) ou a passeio, mais de quinze vezes. Hoje digo com orgulho que são poucos os lugares das calhas dos rios Solimões, Negro e Amazonas em território brasileiro, que eu não tenha navegado pelo menos uma vez.

“Hoje digo com orgulho que são poucos os lugares das calhas dos rios Solimões, Negro e Amazonas em território brasileiro, que eu não tenha navegado pelo menos uma vez.

Essas experiências na Amazônia se conectam diretamente com minha vida profissional, na medida em que me deram subsídios para planejar ações de extensão na região em um futuro que espero não estar tão distante.

4

CAPÍTULO

AS PÓS-GRADUAÇÕES

O sonho de me tornar um grande pesquisador

Findada a grande expedição amazônica, a realidade bateu em minha porta: a prova para ingressar no mestrado. Eu havia me proposto a estudar para o exame nos momentos de folga durante a expedição, algo que obviamente não aconteceu. Dessa forma, eu tinha pouco menos de um mês para estudar (na verdade, aprender) genética o suficiente para ser aprovado numa prova escrita. Minha estratégia foi simples, e deu certo; comprei o livro *Introdução à Genética*, de David Suzuki e li atentamente, uma única vez, da primeira até a última página. Um dia antes da prova, meu irmão, que fazia doutorado no Departamento de Reprodução Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP passou uma tarde comigo explicando aquilo que achava mais relevante para uma prova de mestrado em genética; dito e feito, aquelas explicações foram vitais e boa parte do que ele me explicou ali, informalmente, fora cobrado na prova. Fui aprovado em segundo lugar e poucos meses depois me mudei para Botucatu.

Cheguei na fria Botucatu

em fevereiro de 1995 e entre disciplinas e os primeiros ensaios laboratoriais, passei quase um ano em expedições de coleta por todo o Brasil, conforme já mencionei anteriormente. A proposta do meu projeto era analisar, sob o ponto de vista da genética bioquímica, as mesmas amostras que Maurício analisaria sob o prisma cromossômico. Estávamos tentando estabelecer as similaridades e diferenças entre e dentro das espécies, de acordo com a distribuição geográfica.

A internet e suas facilidades não era tão presente em nossas vidas em meados dos anos 1990, e as idas à biblioteca eram obrigatórias para manter a revisão bibliográfica atualizada. Todas as segundas-feiras o expositor da biblioteca central do *Campus* era renovado com os exemplares dos periódicos que haviam chegado na semana anterior. Era o tempo das revistas físicas, das máquinas de xerox e, para mim, do sonho de me tornar um grande pesquisador. Eu lia tudo o que falasse sobre a genética de populações e evolução de fauna selvagem e imaginava o dia em que estaria publicando

resultados das minhas pesquisas naquelas mesmas revistas. Duas revistas em particular alimentavam esse sonho: *Biochemical Genetics* e *The Journal of Heredity*. Não havia uma edição desses dois periódicos que não trouxesse algum artigo que me interessasse muito. Mantive o objetivo fixo de um dia publicar nessas duas revistas, algo que aconteceu anos mais tarde. Sem querer parecer saudosista, mas esse momento me permite dizer que uma das coisas ruins trazidas pela evolução do sistema de pós-graduações brasileiras foi a dissipação desse tipo de sonho por parte dos estudantes; sinto que poucos, ou eventualmente nenhum, tem o sonho de publicar em uma revista específica, aquela onde suas referências publicam, onde seus temas de interesse afloram. A todos os estudantes que na última década perguntei em qual revista eles sonhavam publicar seus resultados, a resposta foi unânime: em alguma Qualis A. Uma lástima.

A orientação do meu mestrado foi dividida entre dois professores: Paulo Roberto Rodrigues Ramos, do

Departamento de Biofísica do Instituto de Biociências da UNESP de Botucatu e Jehud Bortolozzi, do Campus de Bauru, da mesma Universidade. Jehud o orientador e Paulo o coorientador. Quem de fato me orientou foi Paulo que, com seu jeito extrovertido e alto astral inabalável, fez meus tempos de mestrado serem tranquilos.

Em 1997 defendi minha dissertação intitulada: *“Polimorfismo Genético Bioquímico das Transferrinas, Albuminas Séricas e Hemoglobinas em Cervídeos do Gênero Mazama”*. Apesar de ter trabalhado muito e me valendo de um banco de amostras raríssimo, a metodologia que empregamos já estava entrando em declínio, especialmente pelo advento das metodologias de análise de DNA baseadas em PCR (Reação em Cadeia da Polimerase) que estavam em alta naquele momento. Ao longo do mestrado apresentei sete resumos em congressos, especificamente no Congresso Nacional de Genética (1996, 1997 e 1998) e na Reunião Anual da Federação das Sociedades de Biologia Experimental (FESBE), de 1996.

Meu trabalho de mestrado só foi publicado vários anos depois, numa revista nacional de baixo impacto (GARCIA, J. E., et al. *Variabilidade genética em cervídeos do gênero Mazama baseada no polimorfismo da transferrina, albumina sérica e hemoglobina. Sitientibus*. Série Ciências Biológicas, v. 7, p.56-59,2007.

(<https://tinyurl.com/yd4wr3sr>)

Apesar desse suposto insucesso científico da minha dissertação, meu mestrado foi muito proveitoso. Aprendi com profundidade as técnicas e macetes da eletroforese em gel de poliacrilamida, habilidade que me seria muito útil no doutorado. Como falei logo acima, as análises baseadas em PCR estavam e alta e alguns trabalhos bastante iniciais começavam a ser desenvolvidos no Depto. de Genética de Botucatu. Especificamente uma professora se destacava nessa área: Catalina Romero Lopes, que havia recentemente retornado de um pós-doutorado na *Texas A&M University* trazendo consigo “as novidades” da biologia molecular. Sentindo que ali estava uma oportunidade de aprender algo que poderia

alavancar minha carreira científica, me aproximei do grupo da Profa. Catalina, conseguindo superar seu espírito iracundo e dando meus primeiros passos na biologia molecular. Em 1996 levei o resultado do meu primeiro ensaio em biologia molecular para o Congresso da Sociedade Brasileira de Genética: Garcia, J.E., et al. *Random Amplified Polimorphic DNA Markers (RAPD): A potential technic for genetic assesment in Mazama gouazoubira*. In: 42 Congresso Nacional de Genética, 1996, Caxambú/MG. *Brazilian Journal of Genetics*, 1996. v. 19. p. 257.

Em 1997 iniciei minha carreira na docência. Um grande colega de pós-graduação, o saudoso Gilberto Antônio de Oliveira (Giba) era docente do Centro Universitário de Alfenas (UNIFENAS), na cidade de mesmo nome, no sul de Minas Gerais e teria de se afastar da docência pois faria seu doutorado sanduíche no *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)* na França. Para não perder o vínculo com a UNIFENAS quando retornasse para o Brasil, Gilberto estabeleceu um acordo onde

indicaria alguém para substituí-lo nos dois anos de sua ausência, reassumindo assim a vaga quando de seu retorno. Para minha felicidade a escolha do substituto de Giba recaiu sobre mim.

Minha primeira experiência como docente não foi muito fácil.

Botucatu fica a quase 400 km de distância de Alfenas, o percurso de ônibus necessariamente passava pela rodoviária de São Paulo e fazer esse trajeto toda semana era bastante cansativo. Resumidamente eu saía de ônibus de Botucatu em direção a São Paulo às quartas-feiras 15:00h e de lá seguia para Minas Gerais em viagem até as 5:00h da manhã da quinta-feira. Entre quinta e sexta-feira ministrava vinte horas de aulas seguidas (12 na quinta e 8 na sexta) para os cursos de medicina, farmácia industrial e psicologia. Ao todo eu lecionava para mais de 500 alunos! As disciplinas eram: *Genética Humana*, para medicina, *Histologia* (teórica), para farmácia e *Bases Biológicas I e II* para psicologia. Essa última disciplina versava sobre o sistema nervoso cen-

tral humano algo que eu, enquanto médico veterinário, jamais havia estudado. Foram tempos difíceis e de muito estudo. Posso dizer que foi nesse tempo que eu aprendi muito sobre genética, um pouco de histologia e nada de anatomofisiologia do sistema nervoso humano!

Ainda em 1996 recebi o convite do meu amigo Maurício Barbanti para retornar a Jaboticabal a fim de ajudá-lo na montagem de um laboratório de biologia molecular para estudos populacionais e evolutivos de fauna. Já casado extraoficialmente com minha esposa, a também estudante de mestrado Paula Sandrin (atualmente professora Associada III do Depto. de Genética da UFPE), nos mudamos para Jaboticabal, de onde viemos a concluir nossas dissertações e nos preparamos para o ingresso no doutorado.

Segui como docente em Alfenas nos anos de 1997 e 1998, quando ingressei no doutorado.

A seleção para o doutorado no Departamento de Genética da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto con-

sistia numa prova com dezoito questões abertas, nove pela manhã e outras nove no período da tarde. Cada docente contribuía com uma questão específica da sua área, o que fazia a prova ter um nível elevadíssimo. Alunos veteranos organizavam apostilas para auxiliar os novatos nos estudos para o exame.

Mesmo tendo me preparado bastante para a prova, minha nota foi 4,8 (o mínimo para aprovação era 5,0). O coordenador na época, fez então algo impensável nos dias de hoje: consultou minha futura orientadora, a saudosa *Profa. Eucleia Primo Betioli Contel* sobre seu interesse em orientar aquele estudante que não havia tido suficiência na prova e, caso ela respondesse afirmativamente, ela se responsabilizaria por um eventual insucesso meu ao longo do percurso. Eu já tinha tido um bom contato prévio com a Profa. Eucleia e ela decidiu “bancar” meu ingresso. Porém, como já falei anteriormente nesse memorial: “não existe almoço de graça”, e o condicionante que a coordenação impôs para minha aprovação seria cursar, no

primeiro semestre do doutorado, a disciplina de genética básica junto com estudantes do primeiro período de biologia. Resignado fui obrigado a aceitar. Me sentar novamente nas bancas da graduação, ombro a ombro com jovens adolescentes recém ingressados na Universidade foi terrível. O paradoxo de ser professor de genética numa faculdade de medicina às quintas e sextas-feiras e estudante de genética básica no primeiro período de Ciências Biológicas às segundas e quartas foi uma experiência humilhante. Sentia um misto de raiva e indignação com aquela situação, mas fui obrigado a aceitar pois esse era o preço pelos 0,2 pontos que não atingi na famigerada prova de seleção. Até hoje reflito sobre essa situação e, depois de quase trinta anos dessa experiência, creio que isso contribuiu muito pouco para mim, enquanto profissional, e menos ainda para a excelência do programa de pós-graduação. Enfim, como diria meu finado pai em uma de suas inúmeras frases de efeito: “São as vicissitudes da vida!”.

Uma vez aprovado no doutorado chegamos no momento de decidir qual seria o projeto. Recorri aos conselhos do meu amigo Maurício Barbanti e seguimos a seguinte linha de raciocínio: Maurício estava trabalhando sua carreira para se tornar uma referência no estudo de cervídeos (o que de fato aconteceu) e eu vinha trabalhando com ele em estudos envolvendo cervídeos desde o início da graduação; caso eu decidisse seguir estudando cervídeos, teoricamente estaria sempre à sombra de Maurício. Considerando que a fauna brasileira é uma das mais diversas do planeta e que um número imenso de espécies era (e continua sendo) pouquíssimo estudada, ponderamos que seria melhor que eu escolhesse estudar outro grupo animal e assim trilhar um caminho científico próprio, para que eu mesmo me tornasse uma referência no futuro. Assim decidimos que seria interessante trabalhar com Tamanduá Bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), uma espécie ameaçada e praticamente não estudada naquela época. A proposta de projeto seria desenvolver mar-

cadores moleculares microsatélites espécie-específicos e aplicá-los em alguma população na natureza.

“Assim decidimos que seria interessante trabalhar com Tamanduá Bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), uma espécie ameaçada e praticamente não estudada naquela época

O ano era 1998 e as análises baseadas em microsatélites ainda estavam muito no início. O desenvolvimento dos marcadores era extremamente trabalhoso e envolvia técnicas complexas de biologia molecular para a época, como construção de bibliotecas genômicas enriquecidas, sequenciamento de DNA e análise de fragmentos de PCR em gel de poliacrilamida. Praticamente tudo nesse campo era novidade para mim!

Como já mencionei anteriormente minha orientação ficou por conta da Profa. Eucleia Contel e como coordenador o escolhido Prof. Manoel Victor Franco Lemos,

da UNESP de Jaboticabal, onde me formei. A escolha do coorientador não foi aleatória; nesse momento eu já havia me mudado de Botucatu para Jaboticabal e os primeiros passos para a montagem do laboratório de biologia molecular já haviam sido dados. Além do fato de eu sempre ter nutrido uma simpatia muito grande pelo Prof. Manoel Victor (que havia sido meu professor de genética básica na graduação) e, por obra do destino e para sorte minha, naquele ano o Estado de São Paulo havia dado um passo épico em relação à ciência: O *Projeto Genoma Xylella*, e tanto o laboratório do Prof. Victor quanto o de sua esposa, Profa. Eliana Lemos, haviam sido contemplados na proposta.

Era tudo o que eu precisava para aprender biologia molecular de verdade!

Cabem aqui alguns parágrafos sobre o advento do Projeto Genoma Xylella. No final de 1997, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) lançou a proposta de um projeto que eu julgo ter sido um dos mais ousados e bem-sucedidos da história da ciência brasileira. Na onda dos estertores do

Projeto Genoma Humano, a ideia era sequenciar o genoma completo da bactéria *Xylella fastidiosa*, fitopatógeno responsável pela Clorose Variegada dos Citrus, doença que atinge plantações de laranja. A sistemática foi o trabalho na forma de consórcio aos moldes do Genoma Humano, equipando 35 laboratórios no Estado com orçamento inicial de aproximadamente US\$ 15.000.000,00. Muito mais do que sequenciar o genoma de um patógeno de importância estratégica na produção de *commodities* no Brasil, o Projeto Xylella direta ou indiretamente formou gerações de pesquisadores e reposicionou definitivamente o Brasil nas pesquisas em genética, biologia molecular e outras adjacentes. E eu posso me considerar um dos produtos dessa revolução!

Grosso modo, o Projeto Xylella era dividido em três grandes grupos: um núcleo central de onde saíam as bibliotecas genômicas, os laboratórios de sequenciamento (como os dos Profs. Victor e Eliana) e o núcleo de análises computacionais, o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), em

Petrópolis/RJ. A proposta era de que os laboratórios de sequenciamento obtivessem fragmentos de sequências aleatórias e que essas fossem sendo organizadas em bancos de dados e enviados para o LNCC que iria organizando as sequências como um grande quebra-cabeças para, no fim do processo, chegar ao genoma circular completo da bactéria. Fiz essa breve explicação da metodologia do projeto para contextualizar o clima do laboratório onde realizei meu doutorado: *um estado de constante frenesi!*

O genoma completo da *Xylella* possui em torno de 2,7 milhões de pares de bases, os sequenciadores automáticos (ABI 377) disponíveis na época trabalhavam com grandes placas de eletroforese em finíssimos géis de poliacrilamida sequenciando 96 fragmentos de aproximadamente 600 pares de bases por rodada. Toda a preparação do equipamento para receber as amostras demorava em torno de duas horas e mais seis horas de corrida; considerando os tempos necessários para fazer o equipamento funcionar era possível realizar três sequenciamentos por dia.

Considerando ainda o pequeno tamanho dos fragmentos obtidos por vez e a necessidade de grandes quantidades de sequências para montar o “quebra cabeça”, o resultado não poderia ser outro, senão os laboratórios funcionarem 24 horas por dia, sete dias por semana! Isso aconteceu ao longo de dois anos. Qualquer hora do dia ou da noite, qualquer dia da semana, havia pelo menos uma luz acesa e algum estudante ou técnico trabalhando em sistema de turnos e plantões.

Para uma pessoa como eu que fui “criado” cientificamente com o Maurício, alguém que praticamente morava na Universidade, esse ambiente de trabalho incessante era bastante familiar, e eu adorava!

No mesmo ano que iniciei no doutorado, um casal de estudantes Laurival e Gislayne Vilas Boas também ingressaram no mesmo laboratório, para desenvolverem suas teses sob a orientação do Prof. Victor. Atualmente Laurival e Gislayne são professores associados do Depto. de Biologia Geral da Universidade Estadual de Londrina. Os dois

formavam (e formam até hoje) um casal bastante peculiar, especialmente no que diz respeito ao trabalho; são literalmente apaixonados pela ciência e vibram intensamente até hoje com pequenas coisas do laboratório. A convivência com esse casal foi riquíssima e ultrapassou o doutorado indo até meu segundo pós-doutorado. Nossa amizade segue forte até hoje, apesar da distância que separa o Paraná de Pernambuco. Discorrerei com mais detalhes um pouco mais adiante sobre a importância desse casal em minha vida pessoal e profissional.

Ter vivido nesse ambiente, mesmo sem ter me envolvido diretamente com o Genoma Xylella me deu uma bagagem extraordinária não só de biologia molecular e suas técnicas, mas do método científico, da força do trabalho em conjunto e organizado, da ousadia necessária para inovar e da coragem indispensável para quebrar paradigmas e avançar na minha vida profissional. Muito do que sou hoje devo a esse projeto e aos homens e mulheres corajosos que tiveram uma leitura precisa do seu tempo e com

ousadia fizeram a coisa certa na hora certa!

(<https://tinyurl.com/4wyenezv>)



Equipe de pós-graduandos do Prof. Manoel Victor Lemos (agachado à direita)

Ao longo do doutorado participei de diversos congressos e reuniões, das quais eu posso destacar um episódio bastante relevante, ocorrido em 2001, quando apresentei o trabalho central da minha tese: "*Isolation of microsatellite molecular markers in giant anteater (Myrmecophaga tri-dactyla)*" num evento exclusivíssimo ocorrido em Angra dos Reis: *The Brazilian Genome Conference*. Na onda do encerramento oficial do Projeto Genoma Humano e com o Projeto Xylella a todo vapor no Brasil e, particularmente em São Paulo, esse tema era uníssono. Esse evento em Angra foi quase uma reunião V.I.P. de

pesquisadores de altíssimo nível do mundo inteiro.

Estavam presentes Stanley Prusiner, descobridor do prion (Nobel de Fisiologia e Medicina, 1997), Fred Sanger, o desenvolvedor do método de sequenciamento do DNA (Nobel de Química, 1958), Svante Paäbo, pesquisador de DNAs antigos e que veio a ganhar o Nobel de Medicina em 2022, entre outros gigantes da ciência mundial. Minha participação nesse evento foi pura ousadia, obviamente. Eu era um dos não mais de meia dúzia de estudantes de pós-graduação presentes ao evento. No dia da exposição dos painéis, fiquei ao lado do banner vendo passar por mim todas as grandes referências da área, até que um dos maiores pesquisadores de evolução de animais silvestres parou no meu trabalho, leu e gostou. Steven O'Brien, editor do *The Journal of Heredity*, uma das mais prestigiadas revistas de genética da época e meu sonho de consumo científico, tirou um cartão do bolso, me entregou e disse: mande para mim, vamos publicar. E assim, em 2005, realizei o sonho que eu trazia desde o mestrado de

ter um artigo publicado na revista oficial da *American Genetic Association* (Garcia, J. E.; et al. *Identification of Microsatellite DNA Markers for the Giant Anteater Myrmecophaga tridactyla*. *Journal of Heredity*, Volume 96, Issue 5, September/October 2005, Pages 600–602).

(<https://tinyurl.com/kpk8b9mb>).

Nesse mesmo evento, outra pesquisadora importante se interessou pelo meu trabalho, a saudosa Profa. Ana Maria Azeredo-Espin, do Instituto de Biologia da UNICAMP, especialista em genética e evolução de dípteros. O interesse da Prof. Ana Maria em meu trabalho estava justamente no processo de enriquecimento da biblioteca genômica para regiões repetitivas utilizando microesferas magnéticas, uma técnica inovadora e praticamente ainda não utilizada no Brasil à época. A partir desse contato estabelecemos uma parceria, inicialmente com minha visita à Campinas e posterior envio de uma estudante de iniciação científica para Jaboticabal, a prodigiosa jovem Tatiana Teixeira Torres. Trabalhamos intensamente no laboratório

ao longo de um final de semana e, entre erros e acertos, a jovem se apropriou da metodologia e aplicou em seu objeto de estudo, a mosca *Cochliomyia hominivorax*.

Dessa parceria foi publicado o artigo: *Torres, T.T.; et al. Isolation and characterization of microsatellite markers in the New World screw-worm Cochliomyia hominivorax (Diptera: Calliphoridae). Molecular Ecology Notes*, v. 4, p. 182-184, 2004 (<https://tinyurl.com/58ufjkb3>).

Tatiana é atualmente Professora Livre Docente do Depto de Biologia do Instituto de Biociências da USP.

Seguindo o combinado com Maurício, passei a estudar tudo o que dizia respeito aos Tamanduás e espécies correlatas da Ordem *Xenarthra*, os tatus e bichos-preguiça. Nesse interim tomei conhecimento de uma disciplina condensada de pós-graduação que seria ministrada na *Facultad de Ciencias Naturales y Museo de la Universidad Nacional de La Plata*, na Argentina: *Xenarthra: Evolución, Sistemática y Biología*, ministrada pelos Profs. Sérgio Vizcaíno da Universidade Nacional de La Plata e Richard Fariña da

Universidad de La Republica de Uruguay. O título se encaixava perfeitamente às minhas necessidades científicas e dada a inexistência de qualquer curso ou disciplina semelhante no Brasil resolvi ir até La Plata, com recursos próprios, para cursá-la. A única coisa que eu não contava, e que não estava devidamente claro na ementa da disciplina é que se tratava de um curso essencialmente de paleontologia!! Para um aspirante a geneticista, vidrado em biologia molecular, assistir uma semana de aulas de paleontologia foi realmente um suplício. Os professores literalmente passavam horas analisando e discutindo sobre uma pedrinha (na verdade um fóssil) de alguns centímetros.

Aquilo para mim era como grego antigo! A culminância da disciplina foi a apresentação pelos estudantes de seus projetos de tese. Da mesma forma que os termos paleontológicos eram ininteligíveis para mim, as bibliotecas genômicas, sequenciamentos e microssatélites não fizeram muito sentido para os colegas gerando, no mínimo, curiosidade entre todos.

A frustração com a disciplina

foi totalmente desfeita quando, um ano depois, o Prof. Vizcaíno me contatou convidando para ministrar uma palestra no *IV International Congress of Vertebrate Morphology* a ser realizado em julho de 2001 na emblemática cidade de Jena, na Alemanha, berço dos populares microscópios *Karl Zeiss*!

O tema da palestra foi *Genetic Studies in Living Xenarthra*, onde discorri sobre o estado da arte dos trabalhos realizados em genética de tatus, preguiças e tamanduás e encerrei apresentando os resultados preliminares da minha tese para um grupo de pessoas de mais de 15 países diferentes. Desse simpósio foi lançada uma edição especial da *Revista Senckenbergiana Biologica*, onde publiquei o artigo: *Garcia, J. E. Genetic Studies in Living Xenarthra. (Review). Senckenbergiana Biologica*, Alemanha, v. 83, n.1, p. 19-26, 2003.

(<https://tinyurl.com/4v63u76f>)

Outro momento que merece destaque foi a parceria com o Prof. Bechara (que havia me orientado na iniciação científica) em um esforço de coleta de

material na cidade de Costa Rica/MS. Na ocasião ele estava estudando carrapatos de tamanduá bandeira, a mesma espécie que eu estudava em meu doutorado.

Dessa sinergia e colaboração foi publicado o artigo científico: *BECHARA, G.H.; et al. Ticks Associated with Armadillo (Euphractus sexcinctus) and Anteater (Myrmecophaga tridactyla) of Emas National Park, State of Goiás, Brazil. Annals of the New York Academy of Sciences*, Estados Unidos, v. 969, p. 290-293, 2002.

(<https://tinyurl.com/5ec9ke6r>)

Minha paixão pelos animais silvestres associada com o entusiasmo pela genética em estudos de fauna acabou por me proporcionar a oportunidade de ministrar diversas palestras em simpósios, semanas acadêmicas, workshops e congressos. De 1995 a 2004 foram mais de trinta apresentações em São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, além da experiência internacional na Alemanha.

Outro fato relevante que merece destaque em minha biografia foi a participação no

Projeto Cervo do Pantanal de Porto Primavera, entre 1998 e 2002.

Em 1998 ocorreu o fechamento das comportas da Usina Hidrelétrica Sergio Motta (também conhecida como Usina de Porto Primavera), no Rio Paraná na altura do Pontal do Paranapanema, na divisa entre os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. A referida usina teve suas obras iniciadas em meados da década de 1970 e se trata de mais um megaempreendimento ambientalmente mal planejado dos governos militares da época. A área inundada pelo reservatório é de aproximadamente 220.000 ha e se estende quase que exclusivamente por uma enorme área de várzea no Mato Grosso do Sul formando um raso espelho d'água suficiente para aniquilar boa parte da riquíssima biodiversidade que existia ali. Uma das espécies que ocupava a área que seria inundada era o Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomos*), numa população estimada de 800 indivíduos. A Companhia Energética

de São Paulo (CESP), como forma de mitigar o impacto financiou alguns projetos de pesquisa de fauna e flora, entre eles o que se propunha a estudar o Cervo-do-Pantanal. O pesquisador escolhido para coordenar essa empreitada não poderia ser outro senão meu velho amigo Maurício Barbanti.

Como era de se esperar, a proposta de projeto apresentada pelo Maurício foi para lá de ousada: capturar 200 animais e levá-los para cativeiro a fim de estabelecer uma população geneticamente viável *ex-situ*, ao mesmo tempo que extrairia todo o conhecimento científico possível daquela oportunidade ímpar. O orçamento do projeto foi de US\$ 1.500.000,00 e a organização foi feita da seguinte forma: uma parte significativa do recurso foi utilizado no esforço de captura, feito de helicóptero, aluguel de baias em fazendas na região de Presidente Epitácio (cidade base do projeto) para manter os animais capturados em quarentena até serem desti-

nados para zoológicos e criadouros conservacionistas, além da manutenção das equipes de captura e coleta de material por aproximadamente um mês. O restante do recurso foi distribuído entre diversos pesquisadores que coordenaram subprojetos em suas respectivas áreas como a reprodução, ecologia, comportamento, genética, parasitologia, fisiologia, nutrição, entre outras. A mim coube coordenar a área de genética, com orçamento de U\$ 50.000,00.



Eu com um espécime macho de *Blastocerus dichotomus*



Içamento de um animal sedado na várzea do Rio Paraná

Lembrando que na época eu era apenas um estudante de doutorado e que minha tese versava sobre o desenvolvimento de marcadores moleculares para estudos em tamanduá bandeira portanto, assumir esse compromisso logo no início do doutorado, foi quase como desenvolver duas teses simultaneamente.

Seguindo a lógica que aprendi ao longo de todos os anos de convivência com Maurício, descentralizei o recurso e dividi a área de genética em quatro partes: estudos com isoenzimas,

coordenado pela Profa. Eucleia Contel (minha orientadora de doutorado), estudos sobre o complexo maior de histocompatibilidade – MHC, coordenado pelo Dr. Marcos Mateo Miretti, estudos com DNA mitocondrial, sob coordenação da Dra. Suzana González do Instituto de Investigaciones Biológicas Clemente Estabile, de Montevideo / Uruguai e a análise de microsátélites coordenada por mim.

Com esse recurso pudemos comprar os equipamentos iniciais para o laboratório de biologia molecular que eu havia me proposto a montar com Mauricio por ocasião de meu retorno a Jaboticabal e financiar as demais iniciativas. É interessante destacar um fato que talvez passe despercebido pelo leitor, mas que foi extremamente impactante na minha carreira: um aluno de

doutorado coordenando um projeto no qual sua orientadora estava subordinada! Essa situação paradoxal me tirou o sono diversas vezes, mas a postura ética e profissional da Profa. Eucleia não só me deixou tranquilo para seguir em frente na coordenação, como também me ensinou muito sobre humildade e compromisso institucional.

Essa experiência foi essencial para eu chegar até aqui!

“Profa. Eucleia não só me deixou tranquilo para seguir em frente na coordenação, como também me ensinou muito sobre humildade e compromisso institucional.”

A partir desse projeto pudemos publicar as seguintes artigos e capítulos de livro:

Capítulos de livros:

GARCIA, J.E.; DUARTE, J.M.B. *Análise da variabilidade genética da população de Cervos-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*) de Porto Primavera através de marcadores microssatélites*. In: José Maurício Barbanti Duarte. (Org.). O Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*) de Porto Primavera. 1ed.Jaboticabal: FUNEP, 2001, v. 1, p. -.

OLIVEIRA, E.J.F.; GARCIA, J.E.; CONTEL, E.P.B.; DUARTE, J.M.B. *Polimorfismo genético-bioquímico em Cervos-do-Pantanal, *Blastocerus dichotomus* (Illiger, 1811) (Mammalia, cervidae) de Porto Primavera (Usina Hidrelétrica Engº. Sérgio Motta), bacia do rio Paraná*. In: José Maurício Barbanti Duarte. (Org.). O Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*) de Porto Primavera. 1ed.Jaboticabal: FUNEP, 2001, v. 1, p. -.

MIRETTI, M.M.; FERRO, J.A.; GARCIA, J.E.; DUARTE, J.M.B. *Análise do polimorfismo de um gene do MHC de Classe II (DRB) de Cervos-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*) de Porto Primavera*. In: José Maurício Barbanti Duarte. (Org.). O Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*) de Porto Primavera. 1ed.Jaboticabal: FUNEP, 2001, v. 1, p. -.

GONZÁLEZ, S.; MALDONADO, J.; GARCIA, J.E.; DUARTE, J.M.B. *Análisis de la variabilidad genética con marcadores mitocondriales de ejemplares de la población de *Blastocerus dichotomus* de Porto Primavera*. In: José Maurício Barbanti Duarte. (Org.). O Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*) de Porto Primavera. 1ed.Jaboticabal: FUNEP, 2001, v. 1, p. -.

Artigos em periódicos:

OLIVEIRA, E.J.F.; GARCIA, J.E.; CONTEL, E.P.B.; DUARTE, J.M.B. *Genetic Structure of Blastocerus dichotomus Populations in the Paraná River Basin (Brazil) Based on Protein Variability*. Biochemical Genetics, Estados Unidos, v. 43, n.5/6, p. 211-222, 2005. (<https://tinyurl.com/3cxe95ek>)

MÁRQUEZ, A.; MALDONADO, J.E.; GONZÁLEZ, S.; BECCACECI, M.D.; GARCIA, J.E.; DUARTE, J.M.B. *Phylogeography and Pleistocene demographic history of the endangered marsh deer (Blastocerus dichotomus) from the Río de La Plata Basin*. Conservation Genetics, v. 7, p. 563-575, 2006. (<https://tinyurl.com/4e8dvhsb>)

OLIVEIRA, E.J.F.; GARCIA, J.E.; DUARTE, J.M.B.; CONTEL, E.P.B. *Development and characterization of microsatellite loci in the marsh deer (Blastocerus dichotomus Cervidae)*. Conservation Genetics, v. 10, p. On line first, 2008. (<https://tinyurl.com/bdd75ktx>)

Outras oportunidades diretamente proporcionadas pela atuação no Projeto Cervo-do-Pantanal de Porto Primavera foram as participações nas equipes que definiram o estado de conservação do Cervo-do-Pantanal na Lista Vermelha (*Red List*) da *IUCN - International Union for the Conservation of Nature* em 2002 e 2008:

VARELA, D.; PIOVEZAN, U; BECCACECI, M.; GARCIA, J. E. *Blastocerus dichotomus*. In: Gimenez-Dixon, M. (Org.). 2004 IUCN Red List of Threatened Species: 2002, Gland: International Union for Conservation of Nature and Natural Resources, 2002.

8. Em 2005 tive a felicidade de realizar meu sonho científico do mestrado: publicar nos periódicos *Journal of Heredity* e *Biochemical Genetics*.

DUARTE, J. M. B.; VARELA D; PIOVEZAN U; BECCACECI, M.; GARCIA, J. E. *Blastocerus dichotomus*. IUCN 2009. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2009.1. Gland: International Union for Conservation of Nature and Natural Resources, 2008.

Além dessas publicações, foram realizadas outras dez comunicações em congressos nacionais e internacionais.

O Projeto Cervo-do-Pantanal de Porto Primavera foi uma das maiores iniciativas em biologia da conservação de uma única espécie na história do Brasil e seus desdobramentos ainda são notados até os dias de hoje tanto na formação de recursos humanos quanto no desenvolvimento de pesquisas científicas de alta qualidade.

A atuação no Projeto Cervo-do-Pantanal e minha história na pesquisa com cervídeos suscitaram o convite para integrar o Grupo de Especialistas em Cervídeos (*Deer Specialist Group* – DSG) da IUCN (*International Union for the Conservation of Nature*), do qual sou membro até hoje.

No ano de 2001 recebi,

honrosamente, o convite para integrar o grupo que escreveu um capítulo no novo livro do renomado autor Murray E. Fowler: *Biology, Medicine and Surgery of South American Wild Animals*. O capítulo no qual participei é intitulado *Order Artiodactyla, Family Cervidae (Deer), Biology and Medicine* e minha contribuição foi na seção *Genetic Management in Captivity* <https://tinyurl.com/yc2v92a6>).

Como relatei algumas páginas atrás, Fowler foi uma das minhas grandes inspirações durante a graduação, e ter meu nome impresso como coautor em uma de suas obras foi um grande momento da minha vida acadêmica. A possibilidade de unir trabalho, diversão e realização de sonhos é algo que a carreira acadêmica oferece como poucas outras.

Em fevereiro de 2002 defendi meu doutorado em Ciências Biológicas, Área de Concentração Genética no Departamento de Genética da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, com a tese intitulada: “Obtenção de biblioteca genômica rica em regiões microssatélites e estudo populacional preliminar em tamanduá-bandeira

(*Myrmecophaga tridactyla*)”, tendo sido avaliado pelos Profs. José Maurício Barbanti Duarte, Aguinaldo Luiz Simões, Manoel Victor Franco Lemos, Silvia Naciff del Lama e minha orientadora Eucleia Primo Betioli Contel. Fui aprovado depois de cinco horas de arguição e finalmente recebi meu título de doutor!

5

CAPÍTULO

A FAMÍLIA

As mulheres da minha vida

Aqui peço licença para quebrar a linha do tempo que vinha seguindo para destinar alguns parágrafos às mulheres que dão sentido à minha vida, minha esposa Paula e minhas filhas Mariana e Gabriela.

O encontro com Paula ocorreu no mestrado, em Botucatu. Formada em biologia pela UNESP de São José do Rio Preto, havia ingressado no mestrado um ano antes de mim. Sua paixão sempre foi a genética humana e seu sonho inicial era de trabalhar com aconselhamento genético.

Nos conhecemos logo nos primeiros meses do meu mestrado, em 1995, mas como relatei algumas páginas atrás, minhas passagens por Botucatu se deram muito esporadicamente ao longo do primeiro ano, uma vez que passei esse ano praticamente inteiro viajando em longas expedições de coleta de material. A primeira oportunidade que tivemos para nos conhecer de fato foi numa festa de São João no Instituto de Biociências, mas logo esse

encontro foi interrompido por uma expedição de mais de um mês de duração por todos os Estados do Nordeste. A comunicação não era tão fácil quanto nos dias de hoje e nosso contato ocorria apenas pessoalmente, entre uma viagem e outra. Só mesmo no fim de 1995 que tivemos a oportunidade de nos conhecer melhor e logo no começo de 1996 decidimos iniciar o namoro.

Na mesma medida que meu mestrado ia bem, com apoio do orientador, domínio total da técnica, amostras valiosas garantidas e o suporte teórico do Maurício, o de Paula ia no caminho oposto: orientador disperso, dificuldade em obter amostras, a técnica que havia proposto (FISH – Hibridização fluorescente in situ) era muito nova e praticamente não utilizada no Brasil, e o pior: o término iminente da bolsa sem a obtenção dos resultados necessários para a defesa da dissertação! A situação do mestrado de Paula chegou a um ponto crítico quando em

julho de 1996 sua bolsa foi encerrada e o mestrado não concluído. Diante dessa situação crítica eu lancei uma proposta digna da minha habitual intempestividade e eventual irresponsabilidade:

“Venha morar comigo e nós dividimos a minha bolsa!”. E assim nos casamos, com menos de seis meses de namoro...

A bolsa de R\$ 724,00 mal dava para sobreviver sozinho; em duas pessoas o era praticamente impossível... Na época eu dividia uma edícula de quatro cômodos (dois quartos, banheiro e cozinha), com um colega residente da Medicina Veterinária, o carioca Luciano Bersot (atualmente Professor Titular da Universidade Federal do Paraná, *Campus* de Palotina). Passamos a morar em três pessoas, mas com pouco tempo Luciano se mudou e ficamos sós na casinha, com poucos móveis e muitas despesas. A situação financeira ficou praticamente insustentável. Conseguimos superar o segundo semestre de 1996 com muita dificuldade e

ajuda de colegas e familiares até que me tornei professor do Centro Universitário de Alfenas (UNIFENAS), como já relatei algumas páginas atrás.

De Botucatu nos transferimos para Jaboticabal onde passamos a residir enquanto cursávamos o doutorado em Ribeirão Preto, ela sempre trabalhando na área humana.

Em 24 de janeiro de 1998 nos casamos oficialmente e em 12 de agosto de 2001 nasceu nossa primeira filha, Mariana. A dureza dos primeiros meses de casados parecia ter nos preparado para qualquer dificuldade futura, mas nunca a que nos depararíamos quatro meses após o nascimento de nossa filhinha. O diagnóstico de uma patologia cardíaca na menina caiu como uma bomba sobre nossas cabeças: persistência do canal arterial; uma comunicação fetal entre as artérias aorta e pulmonar que se fecha espontaneamente ao nascimento, o que raramente não ocorre e que requer intervenção cirúrgica.

Esse fantasma nos acompanhou até 21 de outubro

de 2005 quando finalmente conseguimos, entre idas e vindas judiciais contra o plano de saúde, resolver definitivamente o problema obstruindo o tal canal com uma prótese metálica menor que uma cabeça de palito de fósforo. Foram noites e noites em claro; o medo de perder seu bem mais precioso faz com que a pessoa amadureça e às vezes até endureça, mas o alívio no final do processo nos fez mais fortes e certamente nos ajudou a chegar sãos e salvos até aqui.

“O alívio no final do processo nos fez mais fortes e certamente nos ajudou a chegar sãos e salvos até aqui”

Entre 2003 e 2006 me mudei para Londrina, no Paraná, enquanto Paula e

Mariana permaneceram em Jaboticabal (falarei com mais detalhes sobre esse momento no próximo capítulo). Vencer os mais de quatrocentos quilômetros em oito horas de ônibus todos os finais de semana, por quatro anos, foi extremamente cansativo; mas a calma e paz que eu encontrava todas as vezes que chegava em casa renovavam meu corpo e alimentavam meu espírito com a esperança de que tudo aquilo um dia passaria e encontraríamos um caminho menos pedregoso pela frente.

Em 2007 finalmente Paula e Mariana se mudaram para Londrina, e em 11 setembro nasceu nossa segunda filha, Gabriela. Gabi é uma paranaense que não conhece o Paraná pois com seis meses, em janeiro de 2008, nos mudamos para Pernambuco e aquele bebezinho do sul não tardou em se “pernambucalizer”.

Hoje Paula é Professora Associada III do Departamento de Genética da UFPE, Mariana está concluindo o Bacharelado em Dança pela Universidade Federal do Ceará e Gabriela cursa o ensino médio vivendo a expectativa de muitos adolescentes brasileiros sobre o que o futuro lhe reserva.

A essas mulheres da minha vida sou muito grato e tenho certeza de que sem elas nada do que estou contando nesse memorial faria o menor sentido.

6

CAPÍTULO

OS PÓS-DOCTORADOS

**Frustrações, ansiedade e
expectativa**

O estágio de pós-doutorado sempre foi o momento em que o docente/pesquisador se afasta da sua instituição de trabalho por um período, a fim de aprender uma técnica nova, trabalhar com outras amostras, utilizar equipamentos e facilidades indisponíveis em seu laboratório, ampliar sua rede de conexões e parcerias, enfim, alavancar sua condição de pesquisador. Essa definição funciona muito bem para quem já é institucionalizado e atua de forma permanente e estável numa Universidade ou Instituto de Pesquisa. Para o recém doutor, ainda não concursado o pós-doutorado é uma espécie de purgatório onde ele vai contar mês a mês quanto tempo falta para encerrar sua bolsa enquanto espera a abertura de algum edital de concurso público que pode tanto ser na instituição dos seus sonhos quanto em um local longínquo e totalmente desconhecido.

E foi nessa segunda perspectiva que realizei dois pós-doutorados, um na UNESP de Jaboticabal

e outro na Universidade Estadual de Londrina, na cidade de mesmo nome, no Norte do Paraná.

“Para o recém doutor, ainda não concursado o pós-doutorado é uma espécie de purgatório onde ele vai contar mês a mês quanto tempo falta para encerrar sua bolsa ”

O primeiro pós-doutorado realizei entre 2002 e 2003, no Departamento de Melhoramento Genético Animal da UNESP de Jaboticabal sob supervisão do sempre presente Maurício Barbanti. Nos últimos meses do meu doutorado Maurício me convidou para integrar a equipe que submeteria um projeto a um edital do Ministério do Meio Ambiente e que seria financiado com recursos do Banco Mundial em torno de R\$ 250.000,00. A ideia central do projeto era de confirmar a

ocorrência da espécie *Mazama bororo*, que Maurício havia descrito em seus estudos de mestrado e doutorado, em áreas preservadas de Mata Atlântica de São Paulo e Paraná.

A maior dificuldade em estudar essa espécie é a obtenção de amostras, pois trata-se de espécie solitária, de hábitos noturnos e que ocupa quase exclusivamente áreas de floresta densa e conservada.

Um esforço hercúleo para capturar um indivíduo vivo na natureza estava sendo empreendido por um estudante de mestrado chamado Geléia,⁹ que passou meses a fio vivendo numa cabana numa área de preservação no sul do Estado de São Paulo na tentativa inglória de capturar um animal vivo na natureza. A saída para essa dificuldade foi o emprego de uma metodologia engenhosa e inovadora que acabara de ser publicada na revista *Science*¹⁰

por um pesquisador do *Smithsonian Institution* e que viria a se tornar um grande parceiro do nosso grupo, Dr. Jesus Maldonado. A ideia central era de utilizar o DNA extraído das fezes dos animais a fim de identificar a espécie por meio do DNA mitocondrial e o indivíduo através de marcadores microssatélites. O estudo de DNA fecal já era realizado especialmente para o auxílio no diagnóstico de câncer de cólon em humanos, a grande inovação estava no modo de obtenção das amostras fecais em plena floresta tropical: o uso de cães farejadores!

O projeto foi aprovado, com o recurso terminamos de equipar o laboratório de biologia molecular e partimos para a padronização da técnica de extração de DNA das amostras e o mais complicado, o treinamento do cão farejador. A partir de um contato inicial com o canil da Polícia Militar de São Paulo,

9. Atualmente Prof. Dr. Alexandre Vogliotti, professor associado da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, em Foz do Iguaçu.

10. Smith, D.A., Ralls, K., Davenport, B., Adams, B., Maldonado, J.E. 2001. "Canine Assistants for Conservationists." *Science*, 291, (5503) 435

em Ribeirão Preto, conseguimos a doação do primeiro animal, um jovem macho da raça *Springer Spaniel*, Apolo.

Os policiais nos deram as noções básicas para o treinamento do animal e assim passamos alguns meses ensinando o cão a localizar amostras de fezes de veados na natureza. É um trabalho que exige paciência e perseverança tanto do treinador quanto do animal, mas o resultado é sensacional. Atualmente, mais de 20 anos depois dessa experiência inicial, cães farejadores são utilizados para localizar amostras de fezes de cervídeos em ecossistemas tão distintos quanto a Floresta Amazônica e a Caatinga nordestina.

Afora o clima de incerteza sobre o futuro, o período desse primeiro pós-doutorado foi excepcional. Trabalhar em Jaboticabal era uma delícia, mesmo depois de tantos anos de formado, o *Campus* continuava sendo uma extensão do meu lar.

O entorno do Mauricio era sempre cheio de estudantes e outros pesquisadores de diversas áreas, mas que invariavelmente estudavam cervídeos. Praticamente todos os dias, no fim da tarde, nos reuníamos em sua sala para conversar informalmente sobre os trabalhos do dia, expectativas e ideias de novas abordagens e projetos. Era uma espécie de *brains-torming* diário, com a leveza e alegria de amigos de mais de uma década. Esse foi um tempo feliz e de muito aprendizado não só técnico científico, mas também da filosofia do trabalho em equipe e do debate franco de ideias. Senti falta desses encontros por décadas e só agora volto a vive-los, na perspectiva da extensão na UFPE, mas isso é tema para um capítulo específico nesse memorial.

Durante esse primeiro pós-doutorado, tive a oportunidade de iniciar minha trajetória na formação de recursos humanos.

Informalmente foram diversos estudantes que passaram por mim de maneira mais ou menos incisiva, dentre eles posso citar dois que tinham o mesmo apelido:^{11;12} Gafanhoto (em alusão ao aprendiz de Kung Fu da antiga série de televisão estrelada por David Carradine), Grilo¹³ e Eddy.¹⁴ Oficialmente, de todas essas experiências de orientações e colaborações, apenas uma se concretizou como coorientação, a dissertação de mestrado de

Ângela Cristina Talarico (2006): "*Identificação da área de ocorrência de Mazama bororo baseada em marcadores moleculares*", pelo Programa de Pós-graduação em Genética e Melhoramento Animal da UNESP de Jaboticabal.

Além da coorientação oficial de Ângela, minha passagem por Jaboticabal nesse primeiro pós-doutorado também redundou nos seguintes artigos que foram publicados nos anos sub-sequentes:

GROSSI, S. F.; LUI, J.F.; GARCIA, J. E.; MEIRELLES, F. V. *Genetic diversity in wild (Sus scrofa scrofa) and domestic (Sus scrofa domestica) pigs and their hybrids based on polymorphism of a fragment of the D-loop region in the mitochondrial DNA. Genetics and Molecular Research*, v. 5, p. 564-568, 2006 (<https://tinyurl.com/bdd5e96m>)

RODRIGUES, FP; ROCHA, F.S.; GARCIA, J.E.; GARCIA, J.F.; DE VIVO, M.; MATIOLI, S.R. *Isolation and characterization of microsatellite loci in the woolly mouse opossum, Micoureus paraguayanus (Marsupialia: Didelphimorphia). Molecular Ecology Notes*, v. 6, p. 686-688, 2006. (<https://tinyurl.com/2eejx9tj>)

GONZÁLEZ, S.; MALDONADO, J.E.; ORTEGA, J.; TALARICO, A.C.; BIDEGARAY-BATISTA, L.; GARCIA, J.E.; DUARTE, J.M.B. *Identification of the endangered small red brocket deer (Mazama bororo) using noninvasive genetic techniques (Mammalia; Cervidae). Molecular Ecology Resources (Online)*, v. 9, p. 754-758, 2009. (<https://tinyurl.com/2uarp7nt>)

Com a proximidade do fim da bolsa do Projeto *Mazama bororo*, comecei a me movimentar para dar seguimento ao purgatório dos pós-doutorados, à espera de um concurso. Nesse interim meu velho amigo Laurival Vilas Boas, aquele dos tempos de doutorado, me contatou falando sobre a possibilidade de uma bolsa do Programa ProDoc da CAPES que havia sido concedida ao Programa de Mestrado em Biotecnologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Laurival já era bolsista do mesmo programa da CAPES, mas na Pós-Graduação em Genética da mesma Universidade. Me interessei pela ideia e dois dias depois embarquei para Londrina para participar do processo seletivo. Dos sete postulantes à bolsa, fui selecionado em primeiro lugar.

Dia 01 de maio de 2003 me mudei sozinho para Londrina pois minha esposa havia recém ingressado num pós-doutorado na USP em Ribeirão Preto com uma bolsa de quatro anos concedida pela FAPESP.

Distante 420 km de Jaboaticabal, Londrina é uma cidade espetacular! Desenvolvida, bonita, com ótimos serviços, boas instituições de ensino superior públicas e privadas enfim, um ótimo lugar para se viver. Mas nem toda a pujança do Norte do Paraná tampouco as belezas da rica Londrina foram suficientes para aplacar a amargura dos longos anos que vivi ali. A expectativa inicial era: “Eu vou, avalio as oportunidades e, no máximo em seis meses você (minha esposa Paula) vai também com nossa filha”. Ledo engano... os seis meses se transformaram em três longos anos

11. Atualmente Prof. Dr. Ricardo José Garcia Pereira, Professor Associado do Depto. de Reprodução Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP.
12. Atualmente Prof. Dr. Elias Alberto Gutierrez Carnellosi, Professor Adjunto do Depto. de Zootecnia da Universidade Federal do Sergipe.
13. Atualmente Dr. Hernani Gomes da Cunha Ramos, pesquisador do Instituto Baleia Jubarte, Caravelas/BA.
14. Prof. Dr. Eddy José Francisco de Oliveira, Prof. Adjunto do Depto. de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA.

anos, onde a incerteza do futuro, a dor da saudade e a preocupação com a saúde da minha pequena filha (com um ano e meio de idade na época), fizeram meus dias em Londrina terem sido bastante difíceis. Não à toa fiz questão de retornar para Jaboticabal todos os finais de semana numa exaustiva jornada de mais de oito horas de viagem em ônibus bastante precários. Os finais de semana em família recarregavam minha energia para os desafios da nova semana. Os intermináveis quilômetros percorridos entre Jaboticabal e Londrina certamente somariam minha quarta volta na circunferência da Terra.

Cientificamente meu segundo pós-doutorado pode ser analisado sob dois pontos de vista. Se por um lado o trabalho que vinha fazendo para me consolidar como uma referência em estudos de tamanduás foi totalmente deixado de lado, por outro ampliei muito minha rede de contatos e produzi bastante, em diversas áreas do conhe-

cimento. Se por um lado ampliei meus horizontes e pavimentei meu caminho para chegar na UFPE, por outro perdi o foco do meu objetivo principal de ser um grande pesquisador em uma área específica do conhecimento.

O Programa de Mestrado em Biotecnologia da UEL é oferecido pelo Departamento de Bioquímica e Biotecnologia (DBBTEC) e tem como foco principal estudos na grande área de biotecnologia agroindustrial. A bolsa de pós-doutorado tinha como objetivo principal atrair um pesquisador da área de biologia molecular que pudesse apoiar os projetos de pesquisa, e eu era a pessoa certa para isso.

As pessoas que me receberam no Departamento foram as Profas. Aneli de Melo Barbosa e Geni Varéa Pereira e a Técnica de Laboratório Silvia Borba.

Abrirei um pequeno parentese para falar um pouco sobre a pernambucana Sílvia. Ao longo dos quatro anos em que fiquei no DBBTEC convivi diariamente com Ela, dividin-

do a mesma sala, as mesmas expectativas e compartilhando nossas angústias e frustrações. Mãe de três filhos, mulher guerreira, enfrentou todas as dificuldades e tragédias que um ser humano nunca deveria experimentar. Desempenhava com responsabilidade, seriedade e rigor as tarefas laboratoriais que lhe cabiam e sempre tinha uma palavra de esperança mesmo diante de situações em que a esperança geralmente já pereceu a muito tempo. A convivência com Sílvia e o desfecho de sua trajetória (que está viva e pujante) me fez acreditar que a vida sempre é capaz de nos reservar situações absolutamente imprevisíveis, para o bem e para o mal. Testemunhei o dia em que Silvia, no auge de seus imensos problemas pessoais resolveu cantar num dos corais da UEL. A música lhe trouxe uma centelha de vida que ela soube muito bem transformar numa fogueira que hoje alimenta sua vida mais do que nunca! Aquela experiência

inocente no coral universitário evoluiu para um conjunto musical só de mulheres e agora, já aposentada, Sílvia se tornou cantora, sambista profissional, circulando pelo Brasil e sendo reconhecida por artistas de renome nacional tendo, inclusive, estado presente lado a lado em uma live com ninguém menos do que Chico Buarque! Sei que Sílvia sempre acreditou em mim e ficou muito satisfeita quando recebeu a notícia de que eu viria a ser professor em Pernambuco, sua “terrinha”. Eu jamais poderia chegar ao topo da minha carreira profissional sem fazer essa reverência mais do que justa a essa mulher que me ensinou sobre a vida muito mais do que eu me julgava merecedor.

Meu contato profissional mais próximo foi com a professora Aneli; pesquisadora entusiasmada que encontrou, em parceria com um colaborador australiano, Dr. Robert Dekker, um fungo (*Botryosphaeria rodhina*) capaz de produzir uma enzima chamada Lacase que possui

várias aplicações industriais, além de um exopolissacarídeo (Botriosferana) com grande potencial de aplicações na área de saúde.

Sua linha de pesquisa era muito voltada às questões bioquímicas dos produtos da *Botryosphaeria* e minha participação se deu a partir de estudos genéticos do fungo. Embalado pela experiência recente nos laboratórios de genoma, minha primeira orientação oficial na pós-graduação uniu as expectativas do grupo de pesquisa da Profa. Aneli Barbosa com minha expertise em clonagem molecular e análise de sequências de DNA e, dessa forma orientei a dissertação: “*Análise da seqüência do domínio cupro-oxidase do gene da lacase em Botryosphaeria rhodina (Ascomycota: Fungi)*”, defendida pelo estudante Flávio José Durán Castilho no Programa de Mestrado em Biotecnologia em 2006, que foi publicada alguns anos depois:

CASTILHO, F.J. D.; et al. On the Diversity of the Laccase Gene: A Phylogenetic Perspective from Botryosphaeria rhodina (Ascomycota: Fungi) and Other Related Taxa. Biochemical Genetics, v. 47, p. 80-91, 2009.
(<https://tinyurl.com/yy7zjsph>).

Coorientei a estudante Roze Lorraine Saldanha em sua dissertação defendida em 2006 pelo Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular da UEL: *Diversidade genética de isolados de Botryosphaeria e a produção de lacases, pectinases e beta-1,3-glucanases*. Os resultados desse trabalho foram publicados em:

SALDANHA, R.L.; et al. Genetic diversity among Botryosphaeria isolates and their correlation with cell wall-lytic enzyme production. Brazilian Journal of Microbiology, v. 38, p. 259-264, 2007.
(<https://tinyurl.com/2p8yuxhj>)

Ao longo do pós-doutorado, outras parcerias foram esta-

belecidas e trabalhos em conjunto realizados.

Em parceria com a Profa. Geni Varéa Pereira coorientei a estudante Danieli Cristina Sassá, que defendeu a dissertação de mestrado intitulada: *Comparação entre a atividade e o polimorfismo genético de quitinases produzidas por Beauveria bassiana*. pelo Programa de Mestrado em Biotecnologia / UEL. Os resultados dessa dissertação foram publicados em:

SASSÁ, D.C.; et al. *Genetic variation in a chitinase gene of Beauveria bassiana: lack of association between enzyme activity and virulence against Hypothenemus hampei*. Journal of Entomology (Print), v. 6, p. 35-41, 2009

(<https://tinyurl.com/mrtxhhv4>)

Outra parceria produtiva foi estabelecida com a Profa. Lúcia Helena da Silva Miglioranza do Depto de Zootecnia onde coorientei a tese de doutorado de Magali dos Santos Pozza, defendida em 2006 pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência de Alimentos / UEL, intitulada: *Análise da variabilidade*

genética de isolados de Lactobacilos e fermentação de Oligofrutose, Inulina, Lactulose e Lactilol por Isolados de Lactobacillus ssp in vitro e in vivo.

Os resultados dessa tese foram compilados nas seguintes publicações:

POZZA, M.S.; et al. *Isolamento e caracterização de Lactobacillus ssp para uso como probiótico*. Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes, Juiz de Fora / MG, v. 60, n.345, p. 158-161, 2005.

POZZA, M.S.; et al. *Utilização de prebióticos por Lactobacillus spp. e resistência antimicrobiana*. Higiene Alimentar, v. 25, p. 99-103, 2011.

(<https://tinyurl.com/3meyext5>)

POZZA, M.S.; et al. *Genetic diversity of lactobacilli isolated from human infant faeces*. Boletim do Centro de Pesquisa e Processamento de Alimentos (Impresso), v. 30, p. 125-134, 2012.

(<https://tinyurl.com/38k7t3hz>)

Outra parceria científica interessante que estabeleci, dessa vez fora dos limites da Universidade Estadual de Londrina, foi com a Profa.

Regina Celia Poli-Frederico, da UNOPAR, tradicional instituição privada de Londrina. O foco da pesquisa da Profa. Regina eram microrganismos envolvidos no processo de formação de cáries. Dessa parceria publicamos os seguintes artigos:

PIERALISI, F. J. S.; et al. *Genotypic diversity of Streptococcus mutans in caries-free and caries-active preschool children*. International Journal of Dentistry (Print), v. 2010, p. 1-6, 2010.
(<https://tinyurl.com/mrmv5y2t>)

PIERALISI, F.J.S.; et al. *Detection of Streptococcus mutans of the spaP gene and dental caries in mother/child pairs*. RGO. Revista Gaúcha de Odontologia (Impresso), v. 61, p. 205-211, 2013.
(<https://tinyurl.com/ydwk8as2>)

Outra colaboração importante foi estabelecida com o Prof. Marcelo Marcondes Seneda, do Depto de Clínicas Veterinárias, também da UEL.

A partir dessa parceria publicamos o artigo:

BLASCHI, W.; et al. *Effect of indole acetic acid on the in vitro activation and survival of bovine (Bos indicus) preantral follicles*. Animal Reproduction, v. 7, p. 389-397, 2010.
(<https://tinyurl.com/bdfepua2>)

Além do Programa de Mestrado em Biotecnologia, o DBBTEC mantinha também uma Pós-Graduação *Latu Sensu* em Bioquímica Aplicada. Entre 2004 e 2007 orientei as monografias descritas abaixo:

Ilara Gabriela Frasson Budzinski. *Aplicações do silenciamento gênico por RNA de interferência*. 2007. *Especialização em Bioquímica Aplicada* - Universidade Estadual de Londrina.

Tiago Benedito dos Santos. *Tecnologia de DNA microarrays aplicada a análise de genes em diversos organismos*. 2007. *Especialização em Bioquímica Aplicada* - Universidade Estadual de Londrina.

Daisy Rickle Binde. *Sequenciamento parcial do plasmídeo simbiótico da estirpe CFN299 de Rhizobium tropici*. 2006.

Especialização em Bioquímica Aplicada - Universidade Estadual de Londrina.

Monika Aparecida Coronado. *Identificação de microorganismos não cultiváveis por meio da abordagem de metagenoma*. 2004. *Especialização em Bioquímica Aplicada* - Universidade Estadual de Londrina.

Rosana Suzuki Lorenzetti. *Genética da produção de fumonisinas*. 2004. *Especialização em Bioquímica Aplicada* - Universidade Estadual de Londrina.

A partir dessas orientações publicamos os seguintes artigos:

LORENZETTI, R.S.; GARCIA, J.E. *Aspectos genéticos da biossíntese das fumonisinas*.

UNOPAR Científica. Ciências Biológicas e da Saúde, v. 8, p. 63-70, 2006.

(<https://tinyurl.com/tt2x9xy2>)

CORONADO, M.A.; et. al. *Determination of a minimal DNA sequence of the Internal Transcribed Spacer Region for the in silico identification of Botryosphaeria sp.* *Trends in Applied Sciences Research*, v. 2, p. 201-210, 2007

<https://tinyurl.com/mr3yyyar>)

Entre 2001 e 2007 ministrei a o módulo Biotecnologia Animal no Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* (Especialização) em Biologia Molecular na Universidade São Judas Tadeu. O módulo do qual eu era responsável ocorria a cada 18 meses e em uma oportunidade orientei uma monografia de conclusão de curso:

Celestino Próspero de Souza Sobrinho. *Melanoma cutâneo e telomerase: uma revisão*. 2008. *Monografia – Pós-Graduação Latu Sensu em Biologia Molecular*. Universidade São Judas Tadeu.

Os resultados da monografia foram publicados no artigo

abaixo, escrito em parceria com colegas da Escola Paulista de Medicina, da Universidade Federal de São Paulo:

SOUZA-SOBRINHO, C. P. et al. *Cutaneous melanoma and telomerase. Applied Cancer Research (Impresso)*, v. 29, p. 58-64, 2009.

(<https://tinyurl.com/3dj3vscj>)

Como já foi mencionado em outros momentos desse memorial, os anos que passei em Londrina, afastado de minha família, pude contar com o apoio inestimável dos meus velhos amigos dos tempos do doutorado, o casal Vilas Boas. Compartilhei praticamente todos os dias de minha estada em Londrina com esse casal, que me acolheu profissional e pessoalmente como poucas pessoas teriam feito. Além de trabalharmos em laboratórios próximos, atuávamos praticamente nas mesmas áreas de pesquisa e ainda éramos vizinhos no mesmo bairro, na periferia de Londrina.

Laurival é um entusiasta da ciência, um apaixonado pela

Universidade, suas coisas e atores. Minha visão da Universidade também não era muito diferente e isso nos aproximava demais. Juntando nosso senso de humor bastante parecido e um tanto quanto peculiar, a sintonia com meu amigo Laurival era perfeita. Não houve um só dia nos quatro anos que atuei na UEL em que não tivéssemos conversado sobre ciência, seja pensando em novos projetos, conjecturando possibilidades, das mais concretas às mais loucas, ou apenas falando bobagem e rindo de nós mesmos e nossos delírios genéticos e moleculares. Na sessão de agradecimentos de sua tese de doutorado Laurival, em menção à minha pessoa, disse: “Ao amigo José Eduardo Garcia que, entre um charuto e uma taça de vinho, resolvemos os problemas do Universo...”. E ele tinha razão!

E justamente numa dessas conversas surgiu uma ideia que, apesar de parecer singela, alavancou minha passagem pela UEL para um patamar bastante acima do

que se espera de um pós-doutorando convencional: um curso aberto sobre as bases da biologia molecular. E assim criamos o curso “*Biologia Molecular e Bioinformática: Fundamentos e Aplicações*”. Em três módulos de três dias cada, o curso, inicialmente descreditado por professores das disciplinas básicas de genética e biologia molecular (segundo eles todos os alunos já tinham visto aqueles temas na graduação e não haveria novidade alguma), teve um sucesso estrondoso! Mais de 300 inscritos ao final dos três módulos!! Auditório lotado, pessoas sentadas no chão!!! Foi uma experiência muito divertida!

“Mais de 300 inscritos ao final dos três módulos!! Auditório lotado, pessoas sentadas no chão!!! Foi uma experiência muito divertida!”

Estudantes de graduação, pós-graduação, docentes e técnicos participaram do curso. Para além da diversão, do ego inflado e de algum recurso levantado com as taxas de inscrição, o curso abriu as portas para diversas colaborações científicas, algumas que redundaram em pesquisas e consequentes publicações já citadas acima e outras duas oportunidades interessantes que detalharei abaixo.

O ano era 2004 e o Brasil, assim como o Mundo inteiro, efervescia com o lançamento do primeiro cultivar de soja transgênica de amplo impacto comercial, a *Round up Ready*, ou Soja RR, resistente ao herbicida glifosato por meio da introdução em seu genoma de um gene do microrganismo *Agrobacterium tumefaciens*. Nesse ínterim, a Profa. Valéria Carpentieri-Pipolo, do Departamento de Agronomia da UEL, após participar do nosso curso, me procurou pedindo ajuda na organização de um evento es-

pecífico sobre biotecnologia e biossegurança onde seriam abordados os Organismos Geneticamente Modificados em diversos aspectos, desde técnicas de obtenção até aspectos legais e de biossegurança. Embalado no ritmo do sucesso do curso ministrado com Laurival, aceitei o desafio e organizamos o *I Curso de Extensão em Biotecnologia e Biossegurança*. Mais uma vez, o evento foi um grande sucesso e, com financiamento do CNPq, pudemos convidar pesquisadores de alto nível de diversas Universidades e Institutos de Pesquisa Brasileiros. Foram quatro dias de discussões intensas e um episódio específico ficou gravado em minha memória e marca muito bem o clima que o Brasil, o maior produtor de soja do mundo, vivia em relação à chegada dos organismos transgênicos no mercado.

No meio de uma palestra do Dr. Luiz Filipe Protásio Pereira, da EMBRAPA, duas pessoas, movidas e financiadas por forças políticas e munidos dos argumentos mais tacanhas e medíocres se

levantaram simultaneamente na plateia, e aos berros, em um ato coordenado, tentaram impedir a fala do pesquisador de forma burlesca e agressiva. Toda a plateia ficou atônita e amedrontada até que acionei a segurança, os dois foram “gentilmente” retirados do auditório e o evento seguiu normalmente.

Quase duas décadas depois o Brasil se deparou com situação semelhante quando forças políticas, dessa vez do outro extremo ideológico, lutaram contra as medidas sanitárias e terapêuticas estabelecidas cientificamente para o enfrentamento da COVID 19 combatendo veementemente a ciência e seus atores. A experiência em Londrina e esse paralelo com o negacionismo em tempos de pandemia nos mostram o quanto a ciência pode ser alvo de ataques políticos que, no fundo, não estão minimamente preocupados com o bem-estar da humanidade e sim, unicamente, com seus interesses financeiros, ideológicos e, principalmente, de poder.

Ao final desse workshop publicamos o livro:

CARPENTIERI-PIPOLO, V.; GARCIA, J.E. *Biotecnologia na Agricultura: aplicações e biossegurança*. 1. ed. Cascavel: COODETEC, 2006. v. 1. 391p.

(<https://tinyurl.com/mwbhtpnn>)

A primeira edição foi lançada no IV Congresso Brasileiro de Soja em Londrina, e a tiragem de mil exemplares se esgotou em pouco tempo.

Outro momento interessante foi a organização da *I Semana de Biotecnologia da UEL* em 2004. Em parceria com a coordenação do Programa de Mestrado em Biotecnologia e de seus mestrandos, organizamos o primeiro evento público promovido pelo programa de pós-graduação com grande sucesso. Depois dessa primeira semana, o evento foi realizado sucessivamente ao longo dos anos, crescendo e se transformando no *Simpósio de Bioquímica e Biotecnologia da UEL*, que em sua primeira edição, no ano de 2011, me homenageou como um dos principais responsáveis pela trajetória daquele evento de sucesso, que ocorreu até 2019.

A organização desses três eventos em Londrina, somados à experiência dos Jogos da Veterinária durante a graduação me deram subsídios e coragem para organizar em 2010, a etapa de Vitória de Santo Antão da *Reunião Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em Pernambuco*. O evento, em novembro de 2010 contou com dezenas de mesas redondas, minicursos e conferências, atendendo a mais de duas mil pessoas em três dias. Foi um evento icônico no CAV realizado por muitos docentes, técnicos e estudantes e que marcou época.

Findado o período de quatro anos no ProDoc, fui aprovado num processo seletivo simplificado para professor substituto no Departamento de Biologia Geral da UEL onde, entre os anos de 2006 e 2007 fui professor das disciplinas de genética para os cursos de biologia, medicina veterinária e zootecnia. Nesse mesmo tempo também fui professor da Faculdade Metropolitana de Londrina, ministrando disciplinas de genética e biologia geral para os cursos de enfermagem e psicologia.

7

CAPÍTULO

A CHEGADA EM PERNAMBUCO

**Pedras no caminho para a
realização de um sonho**

Desde que iniciei a faculdade eu já entendi que meu futuro profissional estaria intimamente ligado à Universidade. Rapidamente compreendi que a docência seria meu caminho e todo meu percurso foi planejado e direcionado para isso. O que eu não contava é que os desastrosos governos de José Sarney e Collor/Itamar pavimentariam o caminho para o neoliberalismo de Fernando Henrique Cardoso que, entre os tantos ataques ao serviço e servidores públicos, deixou à míngua as Universidades Federais, com baixíssimos recursos e praticamente sem novas contratações. E os governantes de São Paulo seguiam a mesma linha, o que colocava as três grandes estaduais em situação parecida.

O resultado disso foi um enorme represamento de doutores desempregados à espera de um concurso. Eu, minha esposa e mais pelo menos uma dezena de amigos estávamos na mesma situação, entre o limbo dos pós-doutorados ou a sangria das instituições privadas.

A partir de 2002 uma nova movimentação na Universidade começou a ocorrer, inicialmente com a contratação emergencial de milhares de docentes e técnicos, depois com o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades (REUNI) e, finalmente com a Interiorização das Universidades Federais.

E foi nessa nova onda de vagas que fiz cinco tentativas em concursos até a aprovação na UFPE: Universidade Federal do Triângulo Mineiro, UNESP de Botucatu, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Estadual de Santa Catarina e EMBRAPA.

No primeiro concurso, em Minas Gerais, não tive sucesso por pura inexperiência e imaturidade. Considero que foi a minha “porta de entrada” no mundo dos concursos. O segundo, em Botucatu, para a área de evolução, não contemplava em profundidade minha área de conhecimento e havia outros candidatos mais bem preparados do que eu. O concurso de Londrina foi disputado por quase uma cen-

tena de candidatos (frutos do represamento que citei acima) e, numa situação dessa, qualquer detalhe é crucial para o sucesso ou insucesso no certame. No meu caso, foi a segunda opção. O concurso em Lages (UDESC), era para a vaga de Manejo de Animais Silvestres, e a lotação seria no Centro de Ciências Agrárias e Veterinárias: CAV (talvez esse tenha sido um prenúncio do estava por vir, em Pernambuco!), e eu estava muito mais bem preparado. Fui bem em todas as etapas, mas por obra do destino, fui classificado em segundo lugar. Analisando friamente hoje, eu prefiro o calor do CAV Pernambucano ao frio cortante do CAV da Serra Catarinense, com o perdão do trocadilho.

Já no concurso da EMBRAPA fui aprovado, e não foi uma simples aprovação, fui aprovado de maneira incontestável e narrarei abaixo algo que já contei para muitas pessoas, em diversos contextos, da intenção de animar alguém mostrando que a vida é feita

de altos e baixos até quando quero me referir à condição mais baixa e vil da natureza humana.

Ano de 2006, fim do segundo pós-doutorado, vinte e quatro horas por dia pensando única e exclusivamente em um concurso! Eis que surge um grande edital para a contratação de pesquisadores para praticamente todas as unidades da EMBRAPA no Brasil. Uma das vagas me chamou a atenção, a que tratava especificamente sobre minha área de atuação.¹⁵

Apesar da EMBRAPA nunca ter sido meu grande objetivo profissional, diversas unidades atuam em áreas correlacionadas aos meus interesses e saberes à época, e essa vaga certamente atenderia às minhas expectativas profissionais.

Me inscrevi no concurso e, juntamente com minha amiga Gislayne Vilas-Boas fomos até Curitiba para realizar a prova. Nessa ocasião nos hospedamos na residência dos nossos velhos amigos Rodrigo Au-

15. Omitirei detalhes da vaga, unidade da EMBRAPA e nomes de pessoas por questões éticas e, eventualmente, legais.

gusto Torres e Monica Lucia Adam, que no futuro vieram a se tornar professores do Departamento de Zoologia e do Curso de Educação Física (CAV) da Universidade Federal de Pernambuco, respectivamente.

A prova consistia em 100 questões objetivas e duas discursivas.

Como disse anteriormente, meu foco principal nunca foi a EMBRAPA, mas a oportunidade e circunstâncias me conduziram para aquele concurso. Fiz a prova de forma totalmente descompromissada e recordo perfeitamente dos meus comentários quando voltei para a casa dos amigos Rodrigo e Mônica: “Devo ter me saído pessimamente na prova; não tinha certeza de nenhuma das respostas que assinalei; respondi tudo por intuição...”. Voltei para Londrina com a certeza de mais um insucesso no currículo.

Dias depois foi publicado o gabarito oficial e me pus a fazer a correção com expectativa abaixo de zero. Mas qual não foi minha surpresa ao notar que havia assinalado a resposta correta logo nas primeiras dez questões.

Voltei à publicação das respostas para me certificar de que estava usando o gabarito correto na correção e segui conferindo os resultados. A cada questão corrigida minha incredulidade aumentava, na mesma medida em que anotava as respostas corretas. Das cem questões, acertei nada menos que 82!!! O edital previa que cada questão correta valia um ponto e a cada errada seria descontado um ponto; dessa forma, minha nota final na prova objetiva foi 64! Com o desenrolar dos fatos, nos meses que sucederam, tive a paciência de analisar as notas de todos os candidatos aprovados e constatei que a minha havia sido a terceira maior nota na prova objetiva. Sim, entre os mais de três mil candidatos em um concurso nacional cujo requisito mínimo era o título de mestrado, eu havia obtido a terceira maior nota!!!

A próxima fase foi a análise de currículo. Cinco candidatos por vaga deveriam entregar seu currículo comprovado para a análise. E mais uma vez fui até Curitiba, dessa vez mais confiante e tratando o

processo com mais seriedade, afinal a vaga de Pesquisador na EMBRAPA já não parecia tão distante. Ledo engano...

E no mês de junho, a publicação do resultado final trouxe a informação mais sonhada dos últimos anos: **APROVADO EM PRIMEIRO LUGAR!**

Foram tempos de muita alegria, expectativa, planos que já se estendiam à minha esposa Paula, também no limbo do pós-doutorado e à espera da sua oportunidade.

Passada a euforia da aprovação, o segundo semestre de 2006 foi transcorrendo com mais leveza. Poucos meses após a divulgação dos resultados, a informação de que vários colegas aprovados já estavam sendo convocados para assumirem as vagas foi aumentando minha esperança. Porém, a demora na minha convocação causou estranheza e resolvi ligar para a Unidade que me receberia a fim de verificar se havia alguma perspectiva de data para a convocação. Não consegui conversar com o gestor

mas, para a minha surpresa, na noite da sexta feira da mesma semana, recebi seu telefonema.

O tom da conversa foi bastante simpático e amistoso até eu conseguir compreender o “conselho de amigo” que estava sendo transmitido naquele momento. Em linhas gerais, o recado era de que “eu não teria o perfil adequado para a vaga” e que ali, diferentemente de uma Universidade, havia um contrato de experiência que “eventualmente” eu poderia não ser bem-sucedido, e que mesmo que tivesse sucesso no período de experiência, possivelmente “não atingiria os critérios necessários” para atravessar o estágio probatório.

A sentença de morte foi quando sutilmente me foi perguntado: “Você é casado? Tem filhos?”, e diante da minha resposta afirmativa (Paula estava grávida da nossa segunda filha, e a mais velha com cinco anos) seu “conselho de amigo” foi: “Pense bem, pois imagine o

transtorno de se deslocar com a família e filhos pequenos para outra cidade e se ver desempregado pouco tempo depois...”.

Aquele telefonema foi mortal. Todos meus sonhos e expectativas foram por água abaixo em alguns minutos de conversa. Meu fim de ano, que seria de alegria e festa, se converteu em tristeza e desespero. relatei a fatídica conversa para vários colegas e, sem provas de que aquilo realmente havia acontecido, só havia duas opções quando fosse convocado: encarar o desafio e enfrentar uma força desconhecida, mas certamente muito maior que a minha ou, declinar da vaga e ser reclassificado em quinto lugar para um dia talvez, ser convocado para outra unidade.

No início de 2007 recebi o telegrama com a convocação para assumir a vaga. Nesse momento, depois de incontáveis noites de sono perdidas, eu já sabia exatamente o que fazer. Fui até a Unidade, me apresentei, ouvi tudo o que os colegas tinham para dizer e,

no dia seguinte, já de volta a Londrina, escrevi uma carta declinando da vaga. Sem detalhar os motivos, agradeci e deixei o cargo à disposição para alguém que “seria mais adequado para a vaga”.

Andei por anos com uma cópia dessa carta na minha mochila, para não me esquecer de que a canalhice e miséria humana estão por todas as partes, e que a luta no combate às injustiças não pode parar nem por um minuto. Me recordo dessa experiência, que talvez tenha sido a pior em toda a carreira, todas as vezes em que me deparo com uma injustiça ou arbitrariedade sendo perpetrada por poderosos em qualquer instância, e tenho procurado canalizar minhas forças para que outras pessoas não sejam obrigadas a passar pela mesma humilhação que a mim foi imposta.

“A luta no combate às injustiças não pode parar nem por um minuto”

No fim de 2007 um novo concurso renovou a esperança de me tornar professor universitário. Dessa vez a oportunidade estava do outro lado do Brasil, em Pernambuco, especificamente em Vitória de Santo Antão. Criado no segundo semestre de 2006, o Centro Acadêmico de Vitória (CAV) iniciou com três cursos de graduação: Licenciatura em Ciências Biológicas, Enfermagem e Nutrição, e o concurso de 2007 seria o momento de ingresso do segundo grupo de docentes para o último Campus da primeira rodada de interiorização das Universidades Federais.

Vinte e cinco inscritos para uma vaga na área de genética, mas dessa vez eu estava preparado. Procurei dar atenção aos meus pontos fracos (especificamente a prova escrita) observados nos outros concursos, canalizei meu ódio pela “puxada de tapete” no concurso anterior e me dediquei com todas as forças para essa oportunidade.

A prova escrita consistia em dez temas de genética geral e minha estratégia de estudo

foi bastante simples: escrevi um texto, aos moldes de uma “resposta perfeita”, para cada um dos temas e passei a estudar apenas pelos meus textos.

<https://tinyurl.com/4rh9z6tv>

Nessa época eu era professor substituto na Universidade Estadual de Londrina e nas semanas anteriores à prova, ministrei duas aulas que faziam parte do conjunto de temas do concurso da UFPE: Genética Mendeliana e Mapeamento Genético. Para minha surpresa e felicidade, o tema sorteado para a prova escrita foi Mapeamento Genético e para a prova didática, Genética Mendeliana!! Com tudo bem estudado e fresco na memória, com o currículo relativamente robusto depois de dois pós-doutorados, o resultado não poderia ter sido outro: aprovado em primeiro lugar!

E assim, em 21 de janeiro de 2008, finalmente assumi o cargo de Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória.

8

CAPÍTULO

A DOCÊNCIA NA UFPE

O doce sabor do sonho realizado

Assumi a vaga em 21 de janeiro e retornei a Londrina para as providências necessárias para a nova vida em terras pernambucanas. Organizamos a mudança, embarcamos tudo com a expectativa de receber nossas coisas no nordeste apenas trinta dias depois. Paula e as crianças (Mariana com seis anos e Gabriela com cinco meses) ficaram em São Paulo aguardando a chegada da mudança e eu viajei sozinho (na verdade com um peixe de aquário que tínhamos na época) de carro por três dias até que em 29 de janeiro de 2008, desembarquei definitivamente em Pernambuco.

No dia 30 de janeiro, hospedado na casa dos meus amigos, e agora professores da UFPE, Rodrigo e Monica (os mesmos que me hospedaram em Curitiba no concurso da EMBRAPA), recebi um telefonema do Prof. Cesar Augusto de Souza Andrade, convidando para participar do grupo que estava construindo um *Aplicativo para Propostas de Cursos Novos* (APCN) visando a criação de um mes-

trado no jovem *Campus* de Vitória de Santo Antão. Naturalmente atendi ao chamado e no dia seguinte já estava reunido com os colegas: Cesar Andrade, Florisbela Campos, Zelyta Faro, Carol Leandro, Edvane Borges, Carlos Perez, Claudia Rohde, André Maurício, Cristiano Chagas, Peter Falcão, Idjane Santana e Noêmia Santos para colaborar com a construção do primeiro programa de mestrado em um *Campus* da interiorização da UFPE. A esse grupo, pouco tempo depois se integrariam os Profs. Raul Manhães de Castro e Romero Marinho de Moura, veteranos do Depto de Nutrição e da Universidade Federal Rural de Pernambuco, respectivamente, e que deram grande impulso nos primeiros anos do programa de pós-graduação.

Na verdade, os colegas já vinham trabalhando a um bom tempo nesse projeto e minha participação foi relativamente pequena, inserindo minhas disciplinas e dando algumas sugestões aqui e ali. Mas a forma gentil e calorosa com que fui recebido por

todos já me deixou totalmente à vontade e com muita esperança nos tempos vindouros.

O resultado do projeto seria apresentado para o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Prof. Anísio Brasileiro na sexta-feira, dia 01 de fevereiro, meu aniversário e primeiro dia de carnaval. Reunimos a maioria dos colegas que trabalharam no projeto e fomos em grupo para o gabinete do pró-reitor apresentar a proposta. Essa estratégia de “invadir” o gabinete do gestor com um grande grupo foi usada por muitos anos e, eventualmente ainda hoje, quando a comunidade do CAV tem alguma reivindicação às instâncias superiores. Nesse dia tive meu primeiro choque de culturas quando me deparei com a Profa. Florisbela (diretora do CAV na época) pronta para se encontrar com o pró-reitor trajando a camiseta do Carnaval da Federal que acontece todas as sextas-feiras de carnaval a partir das 12:00h. Fiquei absolutamente pasmo!!! Na minha cabeça paulista era inconcebível que uma diretora

fosse a uma reunião com o pró-reitor tratar de algo tão importante quanto a criação de um programa de mestrado trajando uma roupa de carnaval! Para mim aquilo tinha tudo para dar errado! Qual não foi minha surpresa quando fomos recebidos com toda naturalidade pelo pró-reitor que ao final da reunião revelou que também estava com a mesma camiseta do carnaval!! E assim fomos todos para meu primeiro baile de carnaval em Pernambuco!

Nesse momento entendi que aqui realmente seria meu lugar por muitos anos, e hoje já decidi que continuará sendo mesmo após o último dia.

“Nesse momento entendi que aqui realmente seria meu lugar por muitos anos, e hoje já decidi que continuará sendo mesmo após o último dia

Na graduação assumi as disciplinas da área de genética em parceria com a Professora Claudia Rohde, e pouco tempo depois com a Profa. Ana Lauer, aprovada em segundo lugar no mesmo concurso que eu. Atualmente outro professor, o queridíssimo João Dutra está integrado ao grupo responsável pelas genéticas do CAV.

Dessa forma passei a ministrar as disciplinas *Genética e Evolução Humana* (Enfermagem), *Genética Humana* (Nutrição), *Genética Mendeliana e Molecular* (atualmente Genética Mendeliana), *Genética de Populações e Evolução*, essas para a Licenciatura em Ciências Biológicas.

Nosso grupo de geneticistas se entendeu desde o primeiro momento e a divisão de cargas horárias que fizemos lá no início se mantém com poucas alterações até hoje, o que nos dá bastante tranquilidade e segurança para debater genética com os estudantes ano após ano.

Uma característica marcante do CAV, especialmente na Licenciatura em Ciências Biológicas são as aulas de campo.

Praticamente em todos os semestres os estudantes participam de viagens mais ou menos longas onde têm a oportunidade de vivenciar inúmeras experiências pedagógicas *in loco*, fora dos ambientes convencionais de laboratórios e salas de aula. E nessa perspectiva, desde 2008 a disciplina de Evolução realiza uma excursão didática para o Parque Nacional do Vale do Catimbau. Comecei a participar a partir da segunda edição e desde então, em parceria com a Profa. Claudia Rohde, em praticamente todos os semestres tivemos a oportunidade de levar nossos estudantes para conhecerem o segundo maior sítio arqueológico do Brasil, atrás apenas do Parque Nacional da Serra da Capivara, que é visitado anualmente por meio da disciplina eletiva “Evolução do Homem na América”, coordenada pela Profa. Claudia, mas que recebe meu apoio.



Jantar em Buíque após visita ao Parque Nacional do Vale do Catimbau



Visita ao Parque Nacional da Serra da Capivara no Piauí



Transporte rural para o Sítio Arqueológico de Alcobaça/ Buíque



Encontro histórico com a Dra. Niède Guidon
(<https://tinyurl.com/2tuthp64>)

Um fato bacana referente à minha atuação na graduação foi quando, por ocasião da mudança de perfil do Projeto Político do Curso de Licenciatura em Biologia em 2013, optei por mudar minha forma de avaliação, das famigeradas provas tradicionais objetivas e discursivas, para a concepção e execução de um projeto de instrumento auxiliar para o

ensino/aprendizagem de temas ligados à genética, para o ensino básico, vindo ao encontro da finalidade maior do graduando que é se tornar professor. Diante desse novo (pelo menos para mim) modelo de avaliação, muitas coisas interessantes surgiram para além dos já esperados jogos de tabuleiros e perguntas e respostas.

Sempre procurei estabelecer alguma conexão direta entre o ensino, a pesquisa e a extensão e nesse sentido habitualmente busco estimular os estudantes a participarem de congressos, produzirem textos e dessa forma, dois trabalhos apresentados em salas de aula se converteram em comunicações científicas.

Apresentamos o resumo:

LIMA, G. H.; et al. *A utilização do stop motion como recurso didático-tecnológico na abordagem do conteúdo: replicação do DNA*. In: 61 Congresso Brasileiro de Genética, 2015, Águas de Lindoia. Anais do 61 Congresso Brasileiro de Genética, 2015

Esse trabalho foi premiado nesse mesmo evento (61º Congresso Brasileiro de Genética), recebendo a *Menção Honrosa* no “*Prêmio Iniciação Científica*”.

E publicamos ainda o artigo:

SANTOS, J.A.C.; et al. *Molécula Imobiliária para o ensino de genética*. *Research, Society and Development*, v. 10, p. e10310-413890, 2021
(<https://tinyurl.com/ypr6fp2r>)

No curso de enfermagem, mesmo sendo veterinário e trabalhando prioritariamente com animais selvagens, fui procurado uma única vez para orientar um Trabalho de Conclusão de Curso, numa experiência bastante satisfatória. A estudante em questão fez uma revisão sobre o uso da tecnologia de edição genômica CRISPR/Cas9 na terapia da leucemia linfocítica aguda, defendendo o seguinte TCC:

Laryssa Thamyres dos Santos Barros. *CRISPR/CAS9 na terapia da Leucemia Linfocítica Aguda: uma pequena revisão*. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Enfermagem. 2021
(<https://tinyurl.com/mvbnah>)

Uma das melhores coisas da docência é o contato com a juventude. O professor envelhece ano após ano, mas os estudantes têm sempre a mesma idade. O frescor da juventude alimenta nossa alma, nos mantém atualizados das mudanças implacáveis da vida cotidiana, sempre renovam nossa esperança e reforçam a certeza de que escolhemos a profissão certa.

A cabeça pretensamente jovem num corpo sabidamente desgastado também tem suas mazelas, e às vezes é necessário dar um passo atrás para olhar a vida sob outro prisma, apertar alguns parafusos, afrouxar outros e seguir em frente.

Nesses quase trinta anos de docência milhares de estudantes passaram por minhas mãos, a maioria de forma discreta, outros de um modo mais intenso e alguns de um jeito tão marcante que acabaram por promover mudanças definitivas em minha vida. Não poderia escrever minha história sem citar nominalmente alguns que eu trago na minha memória e, principalmente, no meu coração, e assim o farei até o fim. Amaro, Bel, Bruna, Diogo, Elizandra, Felipe, Gabriel, Jéssica, João, Layane, Malu, Maria José, Marcia, Maynara, Newton, Nivaldo, Olga, Renato, Thiago, Vanessa, Zélia, Zé Luis são alguns dos que deixaram marcas importantes em minha vida. Mantive a ordem alfabética pois todos têm a mesma relevância. Cada vez

que um aluno me disse “você é um amigo”, ou ainda (e mais forte) “você é como um pai para mim”, ou qualquer outra manifestação de afeto, reforçou em mim a certeza da importância e do significado de um professor na vida de uma pessoa.

Como tudo na vida, essa relação próxima com as pessoas também tem um preço e, eventualmente, somos desafiados por situações extremas que colocam à prova nossa resiliência e nos levam próximos aos limites do suportável. Não posso deixar de narrar aqui dois episódios tristes e impactantes, mas pelas marcas profundas que deixaram em minha vida, não seria justo comigo mesmo se não os mencionasse.

Logo que cheguei em Vitória, fui contemplado no Edital (11/2008) de Apoio à Divulgação e Popularização da Ciência e Tecnologia da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), e a partir de 2009 iniciei sua execução. Ante a perspectiva de popularização da ciência, pro-

jeto consistiu em organizar exposições dinâmicas para estudantes do ensino médio onde estudantes foram monitores para guiar as visitas. Foram duas grandes exposições, uma tratava sobre dois temas: evolução e o aquecimento global e foi intitulada: “O ambiente em foco: de Charles Darwin ao caos climático” e a segunda, versando sobre biotecnologia e seus impactos na sociedade recebeu o título: “Ciência e Tecnologia: as promessas do futuro presentes no cotidiano” O projeto tomou grandes proporções e atraiu dezenas de estudantes e diversos professores colaboradores.

A primeira exposição aconteceu no ambiente do pilotis no bloco B, espaço que hoje abriga o auditório do CAV, e teve a duração de enlouquecedores trinta dias!!! Ao longo de um mês, em todos os dias da semana, centenas de estudantes dos ensinos fundamental e médio de Vitória de Santo Antão e cidades vizinhas visitaram a exposição, sempre guiada por

nossos monitores que se dividiam de acordo com suas agendas de compromissos, em particular as aulas na graduação. Em torno de cinquenta estudantes se revezaram para receber as escolas. Em que pese o trabalho gigantesco de manter uma exposição aberta durante trinta dias, a experiência foi extremamente exitosa. Tão exitosa que pouco tempo depois de seu encerramento, por intermédio da amiga Profa. Ana Cristina Lauer Garcia, levamos a exposição para o Campus da UFRPE em Serra Talhada onde recebeu estudantes daquela cidade e região por mais quinze dias.

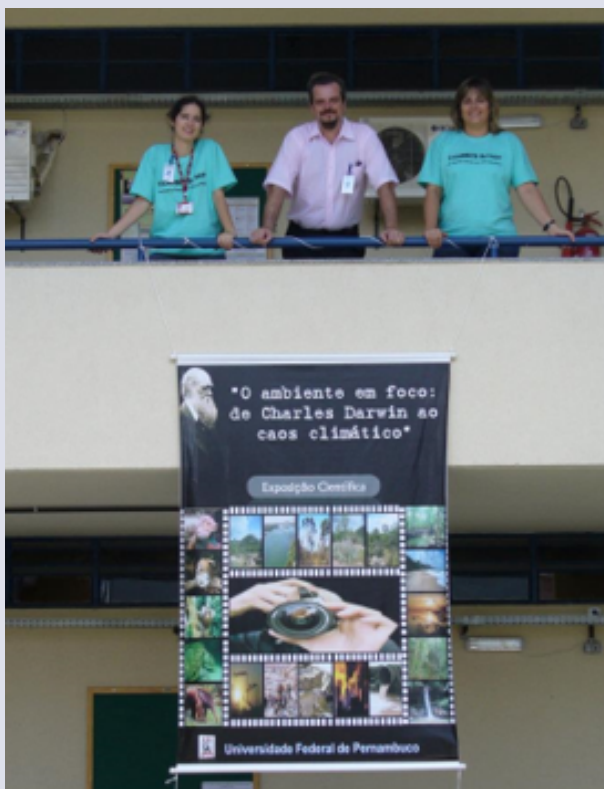
De volta ao CAV, conseguimos, por intermédio do amigo Prof. Jean Carlos Ramos da Silva, levar a exposição para o Parque Estadual de Dois Irmãos, ocupando uma sala de visitação livre. Ao todo, a primeira exposição foi visitada por mais de cinco mil pessoas.

A segunda exposição trouxe os avanços tecnológicos especialmente nas áreas biológicas, como a clonagem de células somáticas, os orga-

nismos geneticamente modificados, o uso da radiação na medicina, nanotecnologia, entre outros. A segunda exposição foi mais compacta, apesar de ter um conteúdo bastante denso e interessante, mas as experiências (algumas dolorosas) da primeira nos ensinaram a organizar melhor o tempo e concentrar as visitas em menos dias. De modo geral, o projeto foi um grande sucesso tanto pelo impacto nos visitantes quanto pela experiência de todos que trabalharam na organização.



Cartaz de divulgação da segunda exposição



Cartaz de divulgação da primeira exposição



Eu com algumas monitoras do projeto no dia anterior à inauguração da primeira exposição



Cenas das visitas monitoradas dos estudantes de Vitória de Santo Antão e Região

Dentre os tantos estudantes que integraram o projeto, uma se aproximou muito de mim: Isabel Lima. Proativa e com personalidade forte, Bel assumiu muitas

responsabilidades no projeto e me apoia em tudo.

Posso dizer que nunca fui uma pessoa muito calma,

eventualmente um pouco explosivo, e naquela época, por uma série de contingências (talvez a inexperiência e insegurança fossem as principais), meu trato com as pessoas não era o mais gentil, na maioria das vezes. Bel sentiu isso na pele muitas vezes, mas como também não era lá das mais gentis, nos entendíamos bem.

O projeto se encerrou e Bel continuou ligada a mim, dessa vez na Iniciação Científica; com uma bolsa da FACEPE, desenvolveu dois projetos: “*A doença priônica CWD (Chronic Wasting Disease): verificação de polimorfismos genéticos associados à suscetibilidade em veado catigüeiro (Mazama gouazoubira)*” e “*Sequenciamento do Exon I do gene MBL em Mazama gouazoubira*”.

Em alguma sexta-feira de 2011, retornando para Recife, dei carona para Bel até o Terminal Integrado de Passageiros (TIP), depois de um dia cheio das habituais brigas e discussões. O que tinha tudo para ser mais um fim de semana normal foi brusca-mente interrompido na madrugada daquele mesmo dia.

Ao acordar no sábado pela manhã, me deparo com dezenas de ligações perdidas no celular e a notícia de que Bel havia sofrido um grave acidente automobilístico. Corri para o Hospital da Restauração e me encontrei com seu pai e irmão, atônitos e desesperados, como não podia ser diferente. Passadas as primeiras 72 horas críticas, Bel foi transferida para outro Hospital onde ficou internada por mais de um mês numa dolorosa recuperação.

Ao longo desse período fui visitá-la algumas vezes e acompanhei boa parte da sua trajetória para trazer a vida ao normal.

Nesse tempo todo em que acompanhei a luta daquela jovem, pude refletir sobre minha forma de agir e meu modo de tratar as pessoas. Não conseguia, e até hoje não consigo, parar de pensar que aquela despedida na porta do TIP poderia ter sido a última vez que eu veria minha aluna, alguém que me ajudou muito em vários momentos, e que talvez eu não tivesse manifestado minha gratidão da forma e na hora que deveria

ter feito. Ela teria morrido sem ter a certeza do que eu sentia por ela!

Bel se recuperou, concluiu sua graduação, foi minha orientada de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Saúde Humana e Meio Ambiente e, recentemente, defendeu seu doutorado na minha amada UNESP de Jaboticabal, orientada por ninguém menos do que meu velho amigo Maurício Barbanti, o Espigão. Por essas e outras, essa menina é um dos meus orgulhos.

Outro episódio, provavelmente o mais triste da história do CAV, ocorreu em 2016 quando diversos estudantes do curso de ciências biológicas foram para Natal/RN participar de um congresso na área de educação. Naquela época eu era o diretor do CAV e todos os pedidos de transportes por parte de estudantes passavam por mim. Geralmente nessas situações algum estudante assume a frente da negociação com a gestão e se responsabiliza por organizar ofícios, listas de passageiros, horários etc. Nessa ocasião, o interlocutor da

turma com a gestão foi o jovem Vitor Silva, menino gentil e educado que conduziu todo o processo de forma tranquila respeitosa. No dia e hora marcados todos embarcaram para Natal com a alegria recorrente nesse tipo de viagem. Encerrado o congresso na sexta-feira, o combinado foi de que o ônibus partiria no sábado à noite para que os estudantes pudessem aproveitar um pouco da cidade de Natal.

No fim da tarde de sábado, porém, uma mensagem chegou no meu celular como uma facada no coração: Vitor havia se afogado e falecido na Praia do Amor, em Pipa. Minha reação foi instantânea e no início da madrugada, juntamente com o Prof. Kênio Lima, coordenador do curso de ciências biológicas na época, desembarcamos em Natal sem saber direito o que nos esperava.

Decidimos que Kênio iria amparar os estudantes e encaminhá-los de volta para casa, e eu trataria da dolorosíssima missão de desembarcar a documentação para a liberação do corpo de Vitor.

Nesse momento tive a inestimável ajuda do técnico em necrópsia do CAV, André Pukey, que sendo natalense estava na cidade visitando a família. André conhecia o sistema do Instituto Médico Legal o que facilitou bastante as tramitações burocráticas habitualmente demoradas nesses momentos. Mesmo com a ajuda de André, foram longas horas de espera, negociações com agentes funerários, escolha das flores, ataúde etc. Uma longa tarde ensolarada e sombria.

Estar naquela situação, participando daquele momento doloroso, frente a frente com vida interrompida daquele jovem rapaz, foi o momento mais difícil de toda minha carreira, talvez de toda a minha vida, e até hoje são incontáveis as vezes em que me flagro pensando nisso e em toda a efemeridade da vida.

Esses dois episódios deixaram marcas profundas e, assim como tantos outros, felizes ou nem tanto, vêm ajustando minha rota e direcionando os caminhos da minha vida, dia após dia.

“Esses dois episódios deixaram marcas profundas e, assim como tantos outros, felizes ou nem tanto, vêm ajustando minha rota e direcionando os caminhos da minha vida, dia após dia”

Mas voltando aos bons momentos...

Conforme relatei mais acima nesse capítulo, 2008 foi um ano intenso; desde as reuniões na primeira semana para a organização da primeira pós-graduação do CAV até o fim do ano trabalhei num ritmo frenético e encerrei o ano tendo aprovado três projetos, dois na FACEPE (pesquisa e extensão) e o Projeto Rondon, sobre o qual irei descrever com mais detalhes no capítulo sobre a extensão universitária na minha vida.

O projeto de pesquisa “*Marcadores moleculares para identificação de espécies da*

fauna brasileira: ferramentas na mitigação da caça predatória no Brasil aprovado no Edital 06/2008 – Programa de Infraestrutura para Jovens Pesquisadores PPP, da FA-CEPE,
<https://tinyurl.com/yn5dba4k>

que tinha como objetivo principal o desenvolvimento de um painel de identificação molecular baseado em polimorfismos do gene mitocondrial citocromo b. A partir dos recursos desse projeto tive a oportunidade de orientar os seguintes estudantes:

Paula Braga Ferreira. Construção in silico de um painel de marcadores moleculares para identificação de peças de animais silvestres frutos de caça predatória. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Ciências Biológicas – UFPE
(<https://tinyurl.com/42u5mdbk>)

Paula Braga Ferreira. ***Marcadores moleculares para identificação de espécies da fauna brasileira: Ferramentas na mitigação da caça predatória no Brasil***. 2009. Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente – UFPE
(<https://tinyurl.com/m3hbb7tn>)

Maria Luiza Valões Cardoso. Marcadores moleculares para a identificação de Muriqui (*Brachyteles arachnoides*). 2010. Iniciação Científica. Graduação em Ciências Biológicas – UFPE
(<https://tinyurl.com/n8bm5k>)

Amaro Alexandre da Silva Neto. Marcadores moleculares para a identificação de paca (*Agouti paca*). 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Biológicas) - Iniciação Científica. Graduação em Ciências Biológicas – UFPE
(<https://tinyurl.com/27e9n3vw>)

Amaro Alexandre da Silva Neto. ***Filogenia molecular de Cuniculus paca: ferramentas para a conservação in situ e manejo em cativeiro***. 2013 - Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente - UFPE

E a partir dessas orientações foram publicados os seguintes artigos:

FERREIRA, P. B., et al. Single nucleotide polymorphisms from cytochrome b gene as a useful protocol in forensic genetics against the illegal hunting of manatees: Trichechus manatus, Trichechus inunguis, Trichechus senegalensis, and Dugong dugon (Eutheria: Sirenia). Zoologia, v. 28, p. 133-138, 2011.
(<https://tinyurl.com/r6uut5zc>)

SILVA-Neto, A.A., et.al. *Diagnostic Cytochrome b gene profiles for the identification of paca (Cuniculus paca) bushmeat: implications for the monitoring of illegal hunting and wildlife trade. Brazilian Journal of Biology*, v. 76, p. 1-4, 2016
(<https://tinyurl.com/43s59dus>)

CARDOSO, M.L.V., et. al. *A cost-effective method for rapid identification of the Southern Muriqui (Brachyteles arachnoides): a contribution for the control of illegal bushmeat trade. Journal of Neotropical Mammalogy*, v. 25, p. 35-41, 2018.
(<https://tinyurl.com/vjedsrr9>)

Em 2009 tive mais um projeto aprovado com financiamento, dessa vez no Edital Universal do CNPq. O projeto foi intitulado: “Os cervídeos brasileiros e a doença priônica CWD (Chronic Wasting Disease): verificação de polimorfismos genéticos associados à susceptibilidade”. A CWD é uma doença epidêmica em cervídeos norte americanos e é causada pelo mesmo agente etiológico, o *Prion*

da “Doença da vaca louca” em bovinos e da “Doença de Creutzfeldt Jakob” em humanos. Até então nunca havia sido postulada a possibilidade de que os cervídeos neotropicais tivessem os polimorfismos nucleotídicos implicados na susceptibilidade à doença. Nossos estudos revelaram que, assim como cervídeos do velho mundo, os da fauna sul-americana também são susceptíveis à doença e isso gera implicações que vão desde a conservação *ex situ* até a saúde pública.

A partir desse projeto, orientamos os estudantes:

Caio Bruno Ribeiro Falcão. *Os cervídeos brasileiros e a doença priônica CWD (Chronic Wasting Disease): verificação de polimorfismos genéticos associados à susceptibilidade*. 2010. Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente – UFPE
(<https://tinyurl.com/4eew39wp>)

Isabel Luiza de Melo Nunes Freire Lima. *Variabilidade genética e evolução do gene PRNP em veados cinzas (Mammalia; Cervidae; Mazama)*. 2014. Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente – UFPE
(<https://tinyurl.com/497jrnft>)

Foram ainda publicados os seguintes artigos:

FALCÃO, C.B.R.; GARCIA, J. E. *Chronic Wasting Disease: the prion disease of cervids*. *ARS Veterinária*, v. 28, p. 13-21, 2012.
(<https://tinyurl.com/yc22cwX>)

FALCÃO, C.B.R; et al. *Are Brazilian cervids at risk of prion diseases?*. *Prion*, v. 1, p. 1-6, 2017
(<https://tinyurl.com/3d92s3e9>)

Vale destacar que a dissertação de Caio Falcão recebeu *Menção Honrosa - Prêmio Melhor Trabalho de Pós-graduação na Área de Genética e Melhoramento Animal, Sociedade Brasileira de Genética*, no Congresso Nacional de Genética em 2011.

Tive também a oportunidade de orientar a estudante

Alexandra Farias, em parceria com a amiga Profa. Daniela da Silva Castiglione, que atualmente é professora da Universidade Federal de Santa Maria. A dissertação de Alexandra foi:

Alexandra Carla de Almeida Farias. *Dinâmica populacional do caranguejo chama-maré Uca thayeri Rathbun, 1900 (Crustacea, Decapoda, Ocypodidae) no manguezal do Rio Formoso, PE, Brasil*. 2009. Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente – UFPE.
(<https://tinyurl.com/57sf5fk7>)

A partir dessa dissertação foi publicado o seguinte artigo:

FARIAS, A. C. A., et.al. *Population structure of the Fiddler Crab, Uca thayeri RATHBUN, 1900 (CRUSTACEA, DECAPODA, OCYPODIDAE) in a tropical mangrove. Thalassas (Santiago de Compostela)*, v. 30, p. 21-37, 2014
(<https://tinyurl.com/2p8zttdU>)

Orientei ainda o Biólogo Nivaldo Bernardo de Lima Júnior, no Programa de Mes-

trado em Saúde Humana e Meio Ambiente, em parceria com a Profa. Katharine Raquel Pereira dos Santos, a seguinte dissertação:

Nivaldo Bernardo de Lima Junior. *Biologia reprodutiva em Artibeus cinereus (Chiroptera: Phyllostomidae) em fragmentos de mata atlântica de Pernambuco*. 2014. Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente – UFPE (<https://tinyurl.com/mv6vfmuf>)

A partir dessa orientação publicamos o seguinte artigo:

LIMA JUNIOR, N. *Descrição e variação sazonal na histomorfometria epididimária de Dermanura cinerea (Chiroptera: Phyllostomidae) em um fragmento de Mata Atlântica no Nordeste do Brasil*. IHERINGIA. Série Zoologia (ONLINE), v. 111, p. 1-8, 2021. (<https://tinyurl.com/2s3s7j47>)

No mesmo Programa de Pós-Graduação em Saúde Humana e Meio Ambiente co-orientei a enfermeira Thaíse Torres de Albuquerque, orientada pelo amigo Prof. René Duarte Martins no desenvolvimento da seguinte dissertação:

Thaise Torres de Albuquerque. *Estudo das atividades dos óleos essenciais mirceno e beta-ocimeno extraídos da Myracrodruon urundeuva fr. all - Aroeira do Sertão no modelo de cicatrização*. 2013. Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente) – UFPE.

Colaborei, ainda, com o amigo Prof. Carlos Daniel Perez coorientando dois de seus estudantes de mestrado, Felipe Campos e Davi Oliveira, nos Programas de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente e Biologia Animal, respectivamente. Os títulos de suas dissertações foram:

Felipe Ferreira Campos. *Estudo metagenômico da microbiota associada ao muco do Zooantídeo Palythoa caribaeorum (CNI-DARIA, ANTHOZOA)*. 2009. Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente - UFPE. (<https://tinyurl.com/2bjxvpmw>)

David Henrique Rodrigues de Oliveira. *Análise morfológica e molecular do gênero Muriceopsis aurivillius, 1931 (Cnidaria: Octocorallia) no Oceano Atlântico Ocidental*. 2010. Dissertação de Mestrado em Biologia Animal - UFPE. (<https://tinyurl.com/yxpxdk5x>)

A partir dessas colaborações foram publicados os seguintes artigos:

CAMPOS, F.F.; et al. *Alcanivorax dieselolei*, an alkane-degrading bacterium associated with the mucus of the zoanthid *Palythoa caribaeorum* (Cnidaria, Anthozoa). *Brazilian Journal of Biology*, v. 75, p. 431-434, 2015. (<https://tinyurl.com/4jdzet62>)

CAMPOS, F.F.; et al. *Culturable bacteria associated with the mucus of the zoanthid *Palythoa caribaeorum* (Cnidaria, Anthozoa) from Northeast of Brazil. 2023. *Revista de Biologia Marina y Oceanografia*, v. 58(1), 61 – 66, 2023. (<https://tinyurl.com/yzpdttey>)*

A partir de 2014 tive a felicidade de interagir cientificamente com a Profa. Carolina Peixoto Magalhães partilhando com ela as seguintes orientações, tendo eu como orientador e ela coorientadora, trabalhando em parceria de forma tranquila e produtiva. Nessa oportunidade formamos os seguintes mestres:

Wellington Mauricio de Almeida. *Análise histomorfométrica e parasitológica do trato digestório de *Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1788) e *Caracara plancus* (Miller, 1777). 2014. Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente – UFPE (<https://tinyurl.com/mrxcc6aw>)*

Ewerton Fylype de Araújo Silva. *Análise morfológica, histológica e microbiológica do intestino do Gavião Carijó (*Rupornis magnirostris*, GMELIN, 1788). 2014. Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente - UFPE. (<https://tinyurl.com/56e2jn3k>)*

Fernanda Alda da Silva. *Histomorfometria da Língua e Aparelho Hioide e Análise Microbiológica da Orofaringe de *Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1788) e *Caracara plancus* (Miller, 1777). 2017. Dissertação de Mestrado em Saúde Humana e Meio Ambiente – UFPE (<https://tinyurl.com/57n5h5b4>)*

E a partir dessas dissertações foram publicados os seguintes artigos:

SILVA, E.F.A, et al. *Macroscopic morphometry and histology of the intestinal tract of Roadside Hawks (Rupornis magnirostris, GMELIN, 1788)*. Brazilian Journal of Animal and Environmental Research, v. 5, p. 2985-3000, 2022.

(<https://tinyurl.com/ajz64rx3>)

SILVA, F. A., et al. *Antimicrobial resistance profile and biofilm production of microorganisms isolated from oropharynx of Rupornis magnirostris (Gmelin, 1788) and Caracara plancus (Miller, 1777)*. Veterinary Medicine International, v. 2020, p. 1-10, 2020

(<https://tinyurl.com/4nypxh9a>)

Uma das primeiras coisas que fiz quando cheguei em Vitória de Santo Antão foi contatar meu antigo amigo Jean Carlos Ramos da Silva, professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco e já mencionado anteriormente nesse memorial. Dessa reproximação surgiram três grandes oportunidades científicas: a orientação conjunta de uma dissertação de mestrado e a publicação de dois artigos científicos e o capítulo de um livro editado por Jean e

pelo colega Zalmir Silvino Cubas, de Foz do Iguaçu.

A orientação partilhada da dissertação de mestrado foi essa:

Leontina Hellen Macedo de Andrade. *Pesquisa de anticorpos anti-Toxoplasma gondii e hemotozoários em aves sil-vestres da Mata Atlântica e Caatinga do Nordeste do Brasil*. 2014. *Dissertação de Mestrado em Medicina Veterinária - Universidade Federal Rural de Pernambuco*

A partir dos dados obtidos nessa dissertação publicamos os artigos:

ANDRADE, L. H. M.; et al. *Ocorrência de anticorpos anti-Toxoplasma gondii em aves silvestres de três Unidades de Conservação Federais da Paraíba e da Bahia*. Pesquisa Veterinária Brasileira, v. 36, p. 103-107, 2016

(<https://tinyurl.com/4uwezwzk>)

FECCHIO, A. et al. *Loss of forest cover and host functional diversity increases prevalence of avian malaria parasites in the Atlantic Forest*. International Journal for Parasitology, v. 51, p. 719-728, 2021

(<https://tinyurl.com/52xwdj78>)

Sobre minha contribuição no capítulo do livro mencionado, creio que caiba aqui um pequeno adendo sobre a importância dessa obra. Trata-se de *“Tratado de Animais Selvagens – Medicina Veterinária”* 2º Ed. (2014) de Jean Carlos Ramos da Silva, Zalmir Silvino Cubas e José Luiz Catão-Dias, a maior referência em medicina de animais silvestres, original em língua portuguesa. A primeira edição, de 2007, tornou-se rapidamente um grande sucesso, tendo sido classificada entre os três finalistas do *Prêmio Jabuti* do mesmo ano. Para termos uma noção da importância da obra, em 2009 participei da banca examinadora do concurso público para professor adjunto na área de “Criação de Animais Silvestres” da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e no momento da prova escrita TODOS os candidatos traziam consigo uma cópia do famoso livro.

Podemos dizer, sem sombra de dúvidas, que o livro de Jean, Zalmir e Catão

substituiu, pelo menos no Brasil, o grandioso *“Livro do Fowler”* já mencionado nesse memorial.

Ter tido a oportunidade de dar minha humilde contribuição nos dois livros mais importantes da medicina de animais silvestres da atualidade é um dos grandes motivos de orgulho da minha carreira profissional.

O capítulo em questão foi:

GARCIA, J. E. *Utilização do DNA em situações forenses envolvendo animais selvagens*. In: Zalmir Silvino Cubas; Jean Carlos Ramos Silva; José Luiz Catão-Dias. (Org.). *Tratado de Animais Selvagens-Medicina Veterinária*. 2ed.São Paulo: Editora Roca, 2014, v. 1, p. 1647-1654.

Aqui me permito voltar um pouco no tempo para discorrer sobre outra participação em um livro de referência, mantendo a linha de pensamento do parágrafo anterior.

Trata-se de duas contribuições no livro *Neotropical Cervidology* editado pelo amigo Maurício Barbanti em 2010. Esse livro é uma compilação do “estado da arte” do conhecimento sobre cervídeos neotropicais até então, e contou com a colaboração de dezenas de pesquisadores do Brasil e exterior. Ainda que o volume de informação sobre cervídeos neotropicais nos últimos 15 anos tenha aumentado exponencialmente, o livro ainda se mantém atual e é uma das poucas obras de grande porte sobre um grupo específico da fauna neotropical. Os capítulos nos quais dei minha contribuição foram:

GARCIA, J. E.; OLIVEIRA, E. J. F. *Biochemical Genetics*. In: José Mauricio Barbanti Duarte; Susana González. (Org.). *Neotropical Cervidology*. 1ed. Jaboticabal: IUCN / FUNEP, 2010, v. 1, p. 27-30.

(<https://tinyurl.com/yckaafxp>)

GONZÁLEZ, S.; GARCIA, J. E. *Fecal DNA*. In: José Mauricio Barbanti Duarte; Susana González. (Org.). *Neotropical Cervidology*. 1ed. Jaboticabal: IUCN / FUNEP, 2010, v. 1, p. 306-312.

(<https://tinyurl.com/yckaafxp>)

Ainda no âmbito do Programa de Pós-graduação em Saúde Humana e Meio Ambiente, supervisionei três bolsistas de pós-doutorado que apoiaram tanto orientações quanto o desenvolvimento de nossas pesquisas e de outros colegas do programa de mestrado. Os bolsistas foram:

Liliane G. D. de Oliveira. 2014. *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*.

Artur Maia Wanderlei. 2015. *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*.

Maria de Fátima Carvalho. 2016. *Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco*.

Em 2018 o Programa de Saúde Humana e Meio Ambiente foi descontinuado e a partir de 2017 teve início um novo programa de mestrado no CAV: o Programa de Mestrado Profissional em Rede em Ensino de Biologia (Prof-Bio), do qual passei a integrar como orientador do corpo permanente, e sigo fazendo

parte até o ano da publicação desse memorial (2024).

Um programa de Ensino de Biologia, voltado para professores da rede pública de educação básica é totalmente diferente de todas as pós-graduações que eu já havia me envolvido até então; desde a linha de pesquisa até o perfil dos mestrandos, o formato da dissertação (nesse caso TCM – Trabalho de Conclusão de Mestrado) e a dinâmica das disciplinas, tudo foi novidade para mim. As áreas do programa se subdividem em Macroprojetos e minhas pesquisas e orientações concentram-se no macroprojeto: “Produção e avaliação de recursos didático-pedagógicos para o ensino de Biologia” onde tenho orientado projetos basicamente na área do desenvolvimento de ferramentas e estratégias auxiliares no ensino da genética para o ensino médio. Essa área se encaixou muito bem dentro da minha experiência de quase trinta anos de docência na genética e tem fluído muito naturalmente, mesmo

eu não sendo alguém organicamente formado na área da Educação.

Até o momento foram quatro orientações concluídas e duas em andamento.

Concluídas:

Márcio Emerson da Silva Assis. *Organismos geneticamente modificados (OGM): Uma proposta pedagógica baseada em problemas para a compreensão das bases da genética molecular no ensino médio*. 2024. Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – UFPE

Ania Patricia Bevenuto da Silva. *Utilização do DNA forense como ferramenta auxiliar na compreensão de temas básicos da genética mendeliana e molecular*. 2023. Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – UFPE (<https://tinyurl.com/2xubnwbx>)

João Paulo Gomes Ferreira. *Animações em Stop Motion: uma ferramenta midiática no ensino de genética*. 2021. Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – UFPE (<https://tinyurl.com/mhy5ffyh>)

José Alexandre Batista de Freitas. *A gamificação aliada ao uso das tecnologias móveis (smartphone e tablets) como estratégia facilitadora de aprendizagem dos conteúdos de genética.* 2020. *Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – UFPE*
(<https://tinyurl.com/ys6n959a>)

Em andamento:

Damaris Marques Ferreira. *Sequência didática sobre seleção natural e adaptação no processo de formação de novas espécies visando a preservação da biodiversidade.* Início: 2023. *Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – UFPE*

Romário Barros Capitó. *Identificando características monogênicas do ser humano através de uma sequência didática.* Início: 2023. *Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional – UFPE*

A partir das dissertações concluídas publicamos o seguinte artigo, até o momento:

SILVA, A. P. B.; GARCIA, J. E. *Perícia Criminal na sala de aula para compreensão de temas básicos da genética mendeliana e molecular.* *Genética na Escola*, v. 19, p. 51-67, 2024.
(<https://tinyurl.com/2x5hhr8y>)

A experiência exitosa no ProfBio até agora me estimulou a aceitar uma orientação no Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (ProfCiamb) da UFPE. Essa orientação tem um caráter muito pessoal pra mim, uma vez que o orientado é meu grande amigo e companheiro de projetos de extensão, Sérgio Matias da Silva, que desenvolverá sua dissertação em uma escola da periferia do Recife propondo o debate entre os alunos a respeito das condições de saneamento das comunidades onde residem. A temática do projeto dialoga muito com vários debates que temos estabelecido ao longo dos anos de nossos projetos de extensão tanto no Brasil quanto no exterior. Trata-se de um movimento pouco usual na

Universidade, onde a extensão passa a demandar pesquisa, algo que costuma ser visto apenas no sentido contrário dentro da academia.

O orientador da dissertação é o Prof. Bruno Severo Gomes, do Centro de Biociências da UFPE.

O projeto de mestrado em questão é:

Sérgio Matias da Silva. *Uma sequência didática como ferramenta de transformação social: educação ambiental crítica para engajar os jovens na luta pela melhoria dos (seus) micro-mundos*. Início: 2023. Dissertação Mestrado Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (ProfCiamb) – UFPE

Outra experiência bastante interessante ocorreu na Pós-Graduação *Latu Sensu* com a orientação de três monografias no Curso de Especialização em Avaliação em Saúde Aplicada à Vigilância realizado na modalidade à distância (EAD) e coordenado pelo Prof. Flávio Renato

Barros da Guarda, do curso de Saúde Coletiva do CAV. Os produtos das orientações foram:

Marilia Milena Rabelo Pires. *Efetivação das ações da política nacional de educação permanente em saúde (PNEPS) em Afogados da Ingazeira/PE por meio da implantação do núcleo de educação permanente em saúde*. 2020. Monografia - Especialização em Avaliação em Saúde Aplicada à Vigilância (EAD) – UFPE.

Milena de Moraes Santana. *Fortalecimento da vigilância e manejo clínico dos casos de espirotríose humana no município de Olinda*. 2020. Monografia - Especialização em Avaliação em Saúde Aplicada à Vigilância (EAD) – UFPE.

Nadja Suzanne da Silva. *Proposta de intervenção: descentralização das atividades de controle da esquistossomose entre a vigilância e atenção básica no município de Paulista Pernambuco, visando garantir a regularidade das ações de controle*. 2020. Monografia - Especialização em Avaliação em Saúde Aplicada à Vigilância (EAD) – UFPE.

Outro ponto que considero relevante em minha experiência no Ensino Superior foi ter feito parte do corpo de avaliadores de cursos de graduação do INEP para cursos de Medicina Veterinária de 2003 a 2024. Nesse período realizei mais de uma dúzia de avaliações em Instituições públicas e privadas. O contato com todas as documentações e procedimentos avaliatórios tanto para autorização quanto reconhecimento de cursos me deram uma vasta experiência que se mostrou bastante útil entre 2011 e 2023, período em que fui gestor do CAV e pude participar ativamente em todos os processos avaliativos dos nossos cursos de graduação.

Outro momento interessante, que foge um pouco da temática desse memorial, mas é digno de nota aqui foi

minha participação na banda “Pterorock” composta por ex-alunos (Renato, Hugo Gama, Rudson e Rafael) e o Prof. Augusto Santiago, do curso de Ciências Biológicas, todos do CAV. A banda que executava clássicos do rock nacional e internacional existiu por quase dez anos, com diversas apresentações no CAV, Recife Antigo, Crato e outros. Um tempo muito divertido que mostra (pelo menos para mim) que é muito difícil separar o trabalho da diversão quando se faz o que gosta!

Enquanto professor universitário, posso dizer que já fui um *rock star*!!



**Show no Burburinho Bar
(Recife Antigo)**



Show na quadra do CAV



Fim de show no CAV

9

CAPÍTULO

A EXPERIÊNCIA NA GESTÃO UNIVERSITÁRIA

Uma Flor em meu caminho

Como já falei anteriormente, minha chegada em Vitória de Santo Antão se deu em pleno recesso do início do ano. Sozinho e praticamente sem nada para fazer em Pernambuco, o CAV era meu abrigo diário do início da manhã ao fim da tarde. Naquela época a estrutura ainda era incipiente e o *Campus* era formado basicamente pelo prédio administrativo, a biblioteca, o bloco antigo de salas de aula e a quadra. Um novo prédio estava em construção, mas seria inaugurado vários meses depois.

Sem atividades didáticas, minha rotina se resumia em procurar editais, terminar de escrever algum artigo com dados do pós-doutorado ou maquinar projetos de pesquisa para finalmente iniciar minha carreira na pesquisa de forma autônoma!

Se a estrutura do *Campus* nos dias de hoje não é muito favorável, naquela época a situação era bem pior. E me vendo perambular pelo prédio administrativo sem local para

ficar, diversas vezes fui convidado a utilizar o espaço da diretoria para sentar e usar meu computador. Em pouco tempo já me aproximei dos servidores administrativos e praticamente todos os dias saíamos juntos para almoçar nos poucos e precários restaurantes que existiam em Vitória.

No início de 2009 recebemos da CAPES, com muita alegria, a notícia da aprovação da criação do Programa de Pós-Graduação em Saúde Humana e Meio Ambiente (PPGSHMA), aquele no qual me envolvi desde o segundo dia em terras pernambucanas! A primeira seleção ocorreu logo no início do ano e minha primeira orientada foi a bióloga Paula Braga Ferreira, mas sobre os detalhes dessa orientação eu já discorri no capítulo anterior. Nesse capítulo me aterei apenas às questões ligadas à gestão universitária, e foi justamente na vice coordenação do PPGSHMA que debutei nessa área, na qual dediquei treze

longos anos da minha vida.

Desde a concepção do projeto de criação da pós-graduação, uma das pessoas que mais de se dedicou à proposta foi o Prof. Cesar Augusto Souza de Andrade e, como era de se esperar, se tornou o primeiro coordenador do programa e como vice coordenadora a já experiente Profa. Carol Virgínia Goes Leandro. Essa coordenação deu os primeiros passos no programa, organizou o primeiro processo seletivo e caminhou junta até o início do segundo semestre de 2010 quando a Profa. Carol saiu da vice coordenação para coordenar o curso de Bacharelado em Educação Física que estava sendo criado. Por algum motivo que não saberei precisar, o colegiado me elegeu para assumir a vice coordenação e assim se fez.

A gestão nunca havia sido meu objetivo pois, como pontuei anteriormente, inclusive no título de um dos capítulos desse memorial, meu objetivo sempre fora ser um

grande pesquisador, e era apenas para isso que eu vinha me preparando desde os tempos da República Filomena.

Todos os projetos nos quais que me envolvi na vida, eu os fiz de forma intensa e sem medir muito as consequências. Não vou me ater à pieguice justificando a intensidade dos meus atos com a tradicional “vontade de fazer o melhor trabalho possível”, pois acho que essa forma de encarar os desafios da vida seja parte da minha natureza. Na maioria das vezes a história mostrou que os resultados foram bons, outras vezes talvez não tenham sido, mas em todas as oportunidades eu fiz o que achava que deveria fazer. E na vice coordenação do mestrado não foi diferente. Nesse interim, uma das coisas que me lembro bem foi de praticamente ter transferido meu gabinete para a secretaria de pós-graduação. Todos os dias cumpria meu expediente dentro da secretaria, dividindo o espaço com as servidoras

Adalva e Ana Patrícia. Se por um lado minha presença diária na secretaria agilizava muito os processos, todos em papel, por outro causava um desconforto natural nas servidoras que tinham que conviver com essa “ocupação indesejada”. Na minha cabeça esse procedimento era absolutamente normal pois acreditava que como gestor da pós-graduação minha obrigação era de me dedicar integralmente a esse propósito, mas o tempo e meu amadurecimento me mostraram a forma correta de me comportar como gestor e isso me foi muito útil nos anos subsequentes, dessa vez na diretoria do Centro.

Minha atuação como vice coordenador foi de 2010 a 2011 e nesse tempo não houve grandes ações e medidas a serem tomadas, posto que o curso estava em seus primeiros anos de funcionamento.

Um hábito que cultivei nos meus primeiros anos no CAV era o de iniciar o expediente praticamente todos os dias

parando por alguns minutos na sala do coordenador administrativo da época, o grande amigo George Gaudêncio. George era (e continua sendo) uma pessoa gentil e simpática, ao mesmo tempo em que era altamente conectado com a política institucional e seus meandros. Conversar com ele todos os dias era um grande prazer e, acima de tudo, uma excelente oportunidade para mim, um “forasteiro”, que não conhecia absolutamente nada do sistema federal de ensino superior, muito menos das particularidades da UFPE, aprender um pouco sobre a administração da Universidade e de uma infinidade de outros temas. Politicamente posso dizer que George era um “macaco velho”, e eu respeitava muito isso!

E um belo dia, numa dessas conversas, George me fez a pergunta que mudaria minha vida para sempre: “Você aceitaria assumir a direção do CAV?”. Minha resposta foi automática e certa: NÃO!

Nem em meus sonhos mais longínquos me imaginei dirigindo o CAV menos de quatro anos depois de ter chegado em Vitória de Santo Antão. Ser o vice coordenador da pós-graduação já era algo muito além das minhas expectativas, quem dirá diretor do Centro.

Com toda calma e malícia que é peculiar a uma “raposa política”, George foi me convencendo que eu teria o perfil para um cargo maior na gestão, que eu não estaria sozinho, que a experiência só se adquire experimentando, e todos aqueles argumentos tradicionais para um convite dessa natureza. A primeira conversa ficou em aberto, mas a pulga havia sido colocada atrás da minha orelha e voltei para casa bastante perturbado com a ideia. Passei o fim de semana refletindo, conver-

sando com a esposa e cheguei à conclusão de que se eu não aceitasse, alguém com menos experiência que eu acabaria aceitando então, por que não aceitar?

Na semana seguinte voltei ao gabinete de George e informei: “se meu nome for cogitado novamente, diga que aceito!”. E assim foi lançada a semente para os próximos doze anos!

O CAV havia sido criado em 2006 e a primeira direção que foi indicada pelo Reitor para o imenso desafio de implantar o novo campus era formada por duas professoras do Departamento de Nutrição do Campus Recife: Profa. Florisbela Campos (diretora) e Profa. Zelyta Faro (vice). As duas se mantiveram na gestão até 2011, quando foi realizada a primeira eleição para a diretoria.

Aqui peço licença para falar um pouco sobre Florisbela, ou simplesmente Flor, aquela que, como não poderia deixar de ser, empresta seu nome ao título desse capítulo e que guiou praticamente todos os passos iniciais da minha trajetória na gestão e que até hoje é uma grande mentora, conselheira, amiga e exemplo para mim. Posso dizer que Flor é, sem dúvida, minha madrinha na gestão e na política universitária.

Veterana na Universidade, fez da UFPE sua segunda (muitas vezes a primeira) casa. Ao longo dos mais de quarenta anos de UFPE já experimentou praticamente de tudo no que diz respeito à gestão, de coordenadora de curso à vice-reitora, vivenciando centenas de momentos históricos da Universidade, atravessando reitorados, regimes políticos,

presidentes e conjunturas favoráveis e desfavoráveis. Flor foi uma das primeiras pessoas que conheci na UFPE, e seu jeito sempre franco e sincero me cativaram desde cedo. Flor é uma pessoa propositiva, que valoriza as iniciativas e dificilmente diz não para uma proposta seja ela qual for; sua preocupação maior sempre foi com o desenvolvimento da Universidade e, independente das forças políticas do momento, sempre agiu de forma republicana, nunca se furtando a apresentar propostas e soluções para as mais variadas situações, desde que fossem para o bem da Instituição. Em todos meus momentos na gestão sempre procurei seguir seu exemplo equilibrado, racional e, acima de tudo, humano de trabalhar

Após a fatídica conversa com George, narrada acima,

começaram os preparativos da primeira eleição para a direção do CAV. Nesse ponto a Profa. Zelyta já havia manifestado o desejo de não seguir na gestão e, por outro lado, Flor já havia indicado que teria interesse em se candidatar. Faltava, pois, um vice. Diante das possibilidades que se apresentavam no momento para ocupar essa função na chapa, dois nomes foram cotados: o meu e do Prof. Augusto Cesar Pessoa Santiago. Flor deixou que essa decisão partisse de nós dois, manifestando igual simpatia por ambos para ser seu companheiro nos próximos quatro anos de gestão. Deixar que os dois postulantes à vice direção decidissem entre si qual deles encararia o desafio em detrimento do outro pode ter sido confortável para Flor, mas colocou a mim e meu amigo Augusto numa imensa saia justa.

Depois de refletirmos individualmente, tivemos uma longa e franca conversa sobre o momento em que cada um de nós estaria vivendo e, con-

siderando Augusto mais jovem, recém-casado, ainda sem filhos, concluímos que o momento de atravessar os portões da gestão era mais propício para mim do que para ele. E assim sacramentou-se que eu seria o candidato a vice-diretor do CAV na chapa juntamente com Florisbela.

2011 / 2015 – Aprendendo sobre gestão

Em 27 de setembro de 2011 ocorreu a primeira eleição do CAV, a chapa Experiência & Inovação se apresentou como chapa única e elegeu Florisbela e José Eduardo como os primeiros gestores eleitos do Centro Acadêmico da Vitória.

Nesse momento o CAV já tinha cinco cursos de graduação: Licenciatura em Ciências Biológicas, Nutrição, Enfermagem, e os recém-criados Bacharelado e Licenciatura em Educação Física,

além de um programa de mestrado e uma residência profissional.

Ainda embalados pelos incentivos dados pelo Governo Federal às Universidades desde 2002, o CAV era um canteiro de obras. Estavam em curso as obras de ampliação da biblioteca, prédio de gabinetes dos docentes, bloco C e auditório. Uma de nossas plataformas políticas havia sido a ampliação dos espaços físicos, principalmente com a construção do novo *Campus* no terreno que havia sido doado pela prefeitura às margens da BR 232.

Nossa posse ocorreu no dia 11 de outubro de 2011, dois dias antes da posse do Reitor recém-eleito Prof. Anísio Brasileiro e seu vice Prof. Sílvio Marques. Foi uma cerimônia simples, mas muito marcante em minha vida. Um novo ciclo totalmente novo se iniciara naquele momento, e isso me deixou muito feliz!



Reitor Amaro Lins empossando Florisbela diretora e eu vice-diretor do CAV



Eu e Profa. Zelyta Faro, ex-vice-diretora do CAV

A chapa do Prof. Anísio não havia sido apoiada por nós (Flor e eu), que havíamos escolhido ao Prof. Gilson Edmar como nosso candidato, mas ainda assim o primeiro ato do Reitor em seu cargo foi justamente uma visita ao CAV, com o propósito de tentar reverter um fato que traria consequências sentidas até hoje, mais de uma década passada: o grande terreno doado pela Prefeitura de Vitória para a construção do Campus II havia sido devolvido pela gestão da UFPE com a justificativa de que não seria adequado para a construção de um novo campus, mas as reais motivações políticas por trás dessa decisão nunca foram bem esclarecidas. A visita acabou não surtindo o efeito desejado (o retorno do terreno para o CAV não aconteceu), mas disparou um novo processo de doação que durou alguns anos e quando se concretizou já havíamos perdido do *timing* dos investimentos federais na educação superior e por isso o CAV sofre com a falta de espaço físico até hoje.

Mas em detrimento do insucesso parcial da visita à prefeitura, o ato do Reitor em atender ao CAV (onde praticamente não teve apoio eleitoral) em uma de suas primeiras ações no mandato foi uma grande lição que recebi logo na primeira semana da gestão: a de que não importam quais são as forças políticas que estão dentro ou fora da gestão, o que importa de fato é manter a institucionalidade e lutar pela Universidade a qualquer custo.

“Não importam quais são as forças políticas que estão dentro ou fora da gestão, o que importa de fato é manter a institucionalidade e lutar pela Universidade a qualquer custo”

Outro fato interessante dessa primeira visita do Reitor ao CAV foi quando no almoço na Feijoada do Elias, o Reitor

que, assim como eu, iniciava seu mandato naquela semana disse: “Eduardo, estamos iniciando simultaneamente uma longa jornada de quatro anos, espero que consigamos cumprir ao menos uma boa parte do que nos comprometemos e que ao final dessa jornada estejamos felizes e com saúde!”. Essas palavras vindas do Reitor, alguém com muito mais experiência e expectativas depositadas que eu, me deu bastante tranquilidade para atravessar os anos que estariam por vir e sempre que desanimei com algum desmando ou intempérie, recorri a elas lembrando que não somos infalíveis, ainda que muitos teimem em acreditar no contrário.

Minha primeira reunião como conselheiro do Conselho Universitário também foi bastante interessante e me lembro muito bem. Era um momento festivo pois era também a primeira reunião da nova gestão na reitoria e a pauta, entre agradecimentos e outras falas teve dois pontos principais: a criação da

Ouvidoria Geral da UFPE e o início do processo de elaboração do novo Estatuto da UFPE, em substituição ao que estava vigente desde os tempos da ditadura militar. A reunião transcorria de forma leve até chegar ao ponto do Novo Estatuto; eu, como absoluto estreante no mundo da política, não fazia ideia de que a semente que estava sendo lançada ali só frutificaria num novo documento maior da Universidade, dez anos depois. E para minha sorte, pude acompanhar de perto todo o processo!

Sobre o outro ponto, a criação da Ouvidoria Geral da UFPE, ao regressar para o CAV, eu e Flor criamos a Ouvidoria Setorial do CAV, já no dia seguinte. Sem alguém para assumir a função, atuei como ouvidor por alguns meses até convidar a Profa. Simone Rabelo da Cunha para assumir o encargo. Ao longo desses anos a Ouvidoria Setorial do CAV foi gerida por diversas professoras e nos últimos anos vem sendo conduzida pela servidora Danielly Divete Santos.

Desde sua criação a Ouvidoria Setorial do CAV evoluiu muito e hoje trabalha em nível de excelência e em consonância com a Ouvidoria Geral tendo sido acionada inúmeras vezes, sempre contribuindo para a manutenção de um ambiente de trabalho respeitoso, inclusivo e ético.

Os primeiros meses da gestão foram dedicados à conclusão das obras e antes do final do mandato todas já haviam sido entregues.

Ainda na parte de infraestrutura, construímos o estacionamento, reformamos o piso e a estrutura da cobertura do ginásio, construímos a guarita, as salas do D.A., vigilantes, motoristas e sala de aula da pós-graduação.



Curva da ladeira do CAV, ano 2012



Curva da ladeira do CAV com destaque para a portaria 02 com salas de vigilantes, D.A., motoristas e pós-graduação, atualmente

Outro fato relevante foi a criação do Curso de Bacharelado em Saúde Coletiva, o primeiro do Estado de Pernambuco. Junto com a criação do curso acompanhamos a contratação de todo o corpo docente e técnico que se integrou aos que já faziam parte do quadro e hoje totalizam 148 e 93, respectivamente.

Sob o ponto de vista administrativo, a experiência em meu primeiro mandato pode ser considerada uma grande escola. A sala que posteriormente seria destinada à vice diretoria, em 2011 ainda era

utilizada pelo Núcleo de Apoio Psicossocial (NAEPS, atual CAEST) e dessa forma, eu e Flor dividíamos a sala que futuramente seria exclusiva da diretoria. O tempo em que passamos compartilhando o mesmo espaço foi riquíssimo para mim, uma vez que tive a oportunidade de conviver com Florisbela e ela, generosa como sempre, não se furtava a me ensinar tudo o que fosse possível sobre a gestão.

Logo no início da nossa gestão, o Fórum de Diretores foi reorganizado e passou a se reunir periodicamente para discutir conjuntamente problemas comuns aos Centros ou que de alguma forma afetavam transversalmente toda a comunidade da UFPE.

Foi a partir de demandas do Fórum que a gestão central se organizou para buscar um sistema que substituísse o SIGA e que de alguma maneira pudesse também auxiliar em outros setores da administração. Motivada por essa provocação a reitoria promoveu uma busca por sistemas utilizados em outras

Universidades do Brasil e chegou à UFRN dando início às negociações que culminaram com a aquisição dos sistemas utilizados amplamente na UFPE nos dias de hoje, o SIPAC, SIGAA e SigaRH.



Reunião do Fórum de Diretores em março de 2012. Foto da esquerda para a direita André (CIN), Gauss (CCEN), Daniel (CE), Cristiane (CAC), Walter (CAC), Antonino (CTG)



Reunião do Fórum de Diretores em março de 2012. , da esquerda para a direita: Walter, Antonino, Osmar (CAA), Libonatti (CCSA), Eduarda (CB) e Schuller (CTG)

No modelo de gestão que assumimos na diretoria do CAV, diretora e vice-diretor atuavam lado a lado sem uma definição clara do papel de cada um e, no frigar dos ovos, os dois dominavam e respondiam igualmente todas as demandas, guardadas as devidas proporções entre o nível de entendimento de Flor das coisas da gestão, pelo menos duas décadas mais aprofundado que o meu. Dessa forma, em todas as reuniões no gabinete do Reitor ou qualquer outro evento cuja diretora fosse convidada, eu como vice-diretor também me fazia presente. Geralmente eram 12 diretores(as) (O CCM só seria criado anos depois) e um vice-diretor! Naquela época, culturalmente na Universidade, os(as) vice-diretores(as) apenas substituíam os(as) diretores(as) em suas ausências, e minha presença em praticamente todos os espaços começou a causar certa estranheza e por que não, algum desconforto nos(as) diretores(as) que passaram a con-

vidar seus respectivos(as) vices para as reuniões. Pouco a pouco essa cultura foi se enraizando e hoje em dia, em praticamente todos os Centros da UFPE diretores(as) e vices participam igualmente das decisões relevantes para toda a Universidade. Essa cultura é tão forte no CAV que a tradicional galeria de fotos de diretores(as) em nosso Centro também acolhe os retratos dos(as) vices, tornando-se a Galeria de Diretores e Vice-Diretores do CAV.

Nos quatro anos em que estive como vice-diretor tive a oportunidade de testemunhar e participar ativamente de diversos momentos históricos não só da UFPE mas do ensino superior federal em sua totalidade.

Participei, por exemplo, de todos os estudos e discussões que levaram à implementação das cotas para o ingresso na UFPE que ocorreu gradualmente a partir de 2013 e hoje atinge 50% de todos os ingressantes na Universidade.

(Lei 12.711/2012

<https://tinyurl.com/e869ffpk>)

A UFPE passou a atingir a população de forma mais justa e igualitária e a contribuir efetivamente na mitigação do abismo social em que vivemos.

Estive presente, ainda, na reunião de 03 de abril de 2014 quando o Conselho Coordenador de Ensino Pesquisa e Extensão (CCEPE, atual CEPE) deliberou pela adesão da Universidade ao Sistema de Seleção Unificada – SiSU para ingresso de estudantes em todos os cursos de graduação a partir de 2015.

Em ambas as ocasiões votei favoravelmente e me sinto muito orgulhoso por ter vivido esse momento histórico da nossa Universidade.

Outro momento importante que vivenciei nos conselhos superiores foi a adesão do Hospital das Clínicas (HC) à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), em 2013. Na época, diante da situação precarizada em que se encontravam a maioria dos Hospitais Universitários ligados à rede federal de ensino superior, a solução proposta

pelo Governo Federal foi de criar uma empresa pública para gerenciá-los independentemente da Universidade, porém sem perder o caráter de Hospital Escola. Esse movimento foi entendido por uma pequena parcela da comunidade universitária como um primeiro passo para a privatização do hospital, o que abriria as portas para uma futura privatização de toda a Universidade. A adesão à EBSERH era facultativa e dependia de decisão do Conselho Universitário. Com espírito democrático e apaziguador o Reitor Anísio exauriu o debate com intermináveis reuniões, grupos de trabalho e todos os outros dispositivos democráticos disponíveis para subsidiar a decisão do conselho pela adesão ou não às novas regras do MEC. E a decisão foi favorável e aí inclui-se, diga-se de passagem, o meu voto.

Diante do voto favorável do Conselho Universitário, a UFPE presenciou um dos momentos mais infames de sua história recente, com a ocupação criminosa da reitoria

por um grupo de pessoas supostamente externas à comunidade Universitária que se alojaram por três dias no Gabinete do Reitor e outros espaços do prédio, deixando um rastro de destruição que incluiu de móveis a computadores, de processos a obras de arte. A violência do ato causou perplexidade em todos que acompanharam o processo e hoje o HC me parece estável e muito mais funcional do que era uma década atrás. A decisão foi acertada!

Cenas da barbárie Imagens da ocupação da Reitoria em 2013



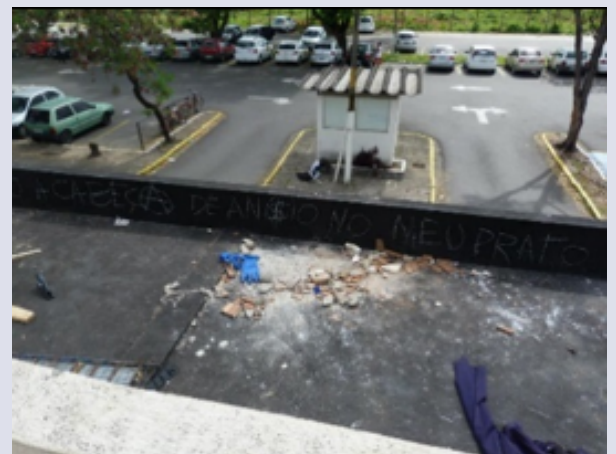
Entrada do gabinete



Computador e documentos da reitoria destruídos



Recepção do gabinete do Reitor



Sacada do gabinete do Reitor



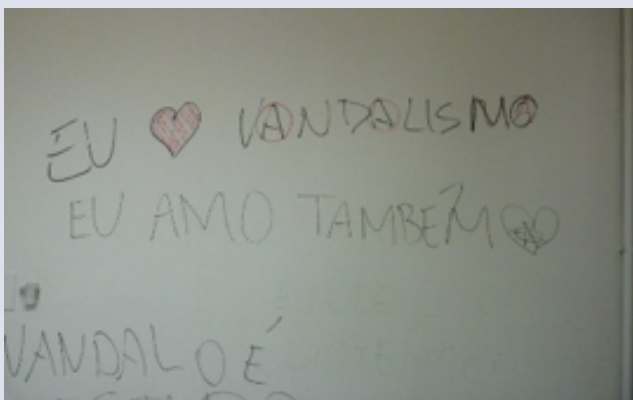
Diretoria de Relações Internacionais



Tentativa de negociação com os ocupantes



Diretoria de Relações Internacionais



Anacronismos de um movimento sem lideranças

Outro momento que considero bastante relevante tanto para minha história pessoal quanto para a Universidade foi a elaboração do Plano Estratégico Institucional (PEI) 2013 – 2027 do qual fiz parte ativamente. Para a construção desse importante documento foi criado o Grupo de Apoio ao Planejamento Estratégico (GAPE), coordenado pelos Professores Cristina Raposo e Hermínio Ramos de Souza e formado por um representante de cada Centro da Universidade. Ao longo de um ano nos reunimos todas as quartas feiras na sala de reuniões da Biblioteca Central e, com o apoio dos facilitadores Marcos Suassuna e

Emerson Emerenciano, discutimos todos os temas relevantes para a Universidade, desde a extensão até a internacionalização, da sustentabilidade à reestruturação do curso médico. Apesar do grupo ser grande, as bases das discussões acabaram sendo tratadas por aqueles que participaram praticamente de todas as reuniões como Maria Eduarda Lacerda de Larrabal da Silva, José Luiz de Lima Filho, Gisélia Alves Pontes, Flavio Brayner, Adiel Teixeira e Ana Cristina Fernandes.

Além das dezenas de horas de reuniões e conversas sempre produtivas, tivemos a oportunidade de entrevistar diversas pessoas que, em suas diferentes áreas de atuação, enriqueceram sobremaneira o debate. Dentre os entrevistados podemos destacar: Renato Janine Ribeiro (ex-Ministro da Educação e atual presidente da SBPC), Marcelino Guedes Gomes (ex-presidente da Refinaria Abreu e Lima), Mozart Neves Ramos (ex-Reitor da UFPE), Sérgio Rezende (ex-Ministro de Ciência

e Tecnologia) e Silvio Meira (Fundador do Porto Digital).

Publicado em dezembro de 2013, o PEI / 2013-2027 é um documento institucional importantíssimo que vem direta ou indiretamente balizando as tomadas de decisões institucionais na última década. (<https://tinyurl.com/26xp2f8d>)

A participação na elaboração desse documento me proporcionou a oportunidade de conhecer com maior profundidade a UFPE, tratando francamente de suas fragilidades e fortalezas, descobrindo assim seu precioso universo de potencialidades.

Em 2014, com apoio de nossa gestão, entrou em funcionamento o Programa de Pós-Graduação e Nutrição, Atividade Física e Plasticidade Fenotípica, atualmente com conceito 4 na CAPES e recentemente tendo o funcionamento de seu curso de doutorado aprovado para início em 2025.

(<https://tinyurl.com/ms8sauc>)

Na última semana de 2014, às vésperas das festividades

de Natal, uma mensagem enviada pelo estimado amigo Prof. Walter Franklin, à época diretor do Centro de Artes e Comunicações (CAC) dispararia efetivamente o processo de eleição para a Reitoria da UFPE no mandato de 2015 a 2019, e que teria interferência direta na minha trajetória profissional. Inquieto e de pensamento acelerado Walter fez uma provocação no grupo dos diretores manifestando sua preocupação com as movimentações políticas já em curso, enquanto aparentemente nosso grupo permanecia estagnado. Ato contínuo Walter elaborou um manifesto eletrônico em apoio à candidatura de Anísio que, após aprovação do texto pelos colegas diretores, foi lançado como um abaixo assinado virtual a fim de entender um pouco sobre a popularidade do Reitor pleiteando novo mandato. Poucas horas depois de lançado, o manifesto já contava com mais de mil assinaturas, o que inflamou os colegas e deu início imediato às movimentações políticas

da campanha. Retornando das férias em meados de janeiro já me deparei com as reuniões políticas diárias, quase sempre envolvendo a maioria dos(as) diretores(as) e vices dos Centros da UFPE.

Um movimento interessante foi a elaboração de uma “carta convite” dos Diretores de Centros ao Reitor para que ele apresentasse sua candidatura à reeleição. A ideia seria criar um documento que traria esse convite e logo em seguida a resposta do Reitor aceitando-o. A elaboração dos dois textos foi cuidadosamente pensada e cada palavra foi exaustivamente analisada diante de todos os possíveis contextos e prováveis interpretações, até sua finalização. Uma vez finalizados os textos, surge a pergunta: “quem será o signatário do referido convite, em nome de todos os diretores?” Nesse momento cada um apresentou seus impedimentos em assumir tamanha responsabilidade e pouco a pouco os olhares foram se voltando para o novato vice-diretor do Campus do interior,

ninguém menos que EU! Sem ter muito a perder e não medindo muito as consequências de entrar publicamente na pré-campanha do Reitor, aceitei a sugestão e alguns dias depois a Universidade fora tomada por milhares de folhetos impressos com o convite assinado por mim em nome da maioria dos diretores e no verso a resposta do Reitor aceitando “meu” convite. Confesso que fiquei um pouco apreensivo com toda aquela exposição, mas já que não havia mais como voltar atrás, mergulhei de cabeça no processo, mesmo sem ter a consciência do que ainda estaria por vir! Como diria meu saudoso pai: “O que não tem remédio, remediado está!”

Como diria meu saudoso pai: “O que não tem remédio, remediado está!”

A pré-campanha foi iniciada e os dois candidatos competitivos eram os Profs. Anísio Brasileiro e Edilson Fernandes, seu ex-Pró-Reitor de Extensão. Dados os primeiros passos, as movimentações iniciais, alianças e apoios, o próximo momento importante da campanha seria a decisão de quem seria o vice que acompanharia Anísio em sua jornada no novo mandato. O então vice-reitor, Prof. Silvio Marques, não poderia mais se candidatar pois havia se aposentado compulsoriamente no meio do mandato, ficando assim essa importante decisão a ser tomada por Anísio e o grupo que o apoiava. Nesse momento o apoio dos(as) diretores(as) de Centros já se tornara imprescindível e um nome para a vice-reitoria invariavelmente teria que ser referendado por esse grupo e mais, entendeu-se que deveria ser algum(a) diretor(a) ou vice a assumir esse posto. Foram dias de muita especulação, conversas de

bastidores e articulações políticas sem fim, até que num fatídico início de noite, Florisbela me liga dando a notícia em primeira mão: teria sido ela a escolhida como candidata a vice-reitora. O telefonema urgente de Florisbela não era à toa; aceitando concorrer e sendo eleita vice-reitora, imediatamente o candidato a diretor do CAV meses após a eleição da reitoria, seria eu! Meu projeto de passar oito anos como vice-diretor e aí sim pleitear a diretoria seria abreviado em quatro anos.

A eleição de 2015 foi extremamente concorrida e desgastante, mas ao fim de dois



Material de campanha de Anísio & Flor

turnos, Anísio & Flor se tornaram os novos gestores da UFPE para os próximos quatro anos.



Alegria pelo resultado da eleição

2015 / 2019 – O País em transe, e a Universidade também

Após a eleição de Anísio e Flor, em maio de 2015, o próximo movimento político importante seria a eleição para a diretoria do CAV. Como já era previsto, o candidato natural à sucessão de Florisbela seria eu, o vice-diretor. O primeiro mandato na gestão não havia sido marcado por grandes percalços. Durante o

primeiro mandato da presidenta Dilma, até 2014, a Universidade ainda surfava nas marés iniciadas no governo anterior, do presidente Lula. Mas nos próximos anos a situação política do País se deterioraria rapidamente, e a Universidade sofreria as consequências.

A escolha do candidato para a vice-diretoria não foi muito difícil e o nome do Prof. René Duarte Martins emergiu de maneira bastante natural. O paraibano/cearense René é uma figura ímpar. Dono de infindável senso de humor e de uma graça inata, René é um comediante profissional, literalmente. Seu jeito divertido e provocador complementa seu espírito republicano e extremamente profissional. René era naquele momento, sem dúvidas, o melhor nome para me acompanhar na gestão pelos próximos quatro anos. Tenho certeza de que sua racionalidade e leveza foram determinantes para superarmos os difíceis anos que estariam por vir.

Embalados pela eleição de Florisbela para a vice-reitoria, apoiados por um grande grupo de professores e técnicos, a eleição foi bastante tranquila e a chapa “Zé Eduardo & René - Compromisso e Mais Participação” foi eleita, num pleito sem concorrência, para gerir o CAV nos próximos quatro anos.

A posse ocorreu no dia 10 de outubro de 2015 e já no fim desse ano os primeiros sinais de tempos turbulentos começaram a dar conta de que os próximos anos seriam desafiadores.



Material de campanha da chama “Compromisso e Mais Participação”



Eu e René recém-empossados

A reeleição da presidenta Dilma por uma estreita margem de votos não foi bem recebida por uma parcela significativa das forças políticas do Brasil e em dezembro de 2015 se deu início um processo, que pouco mais de nove meses depois culminaria com sua deposição.

Esse desgastante momento da política nacional teve impacto direto nas Universidades e um dos primeiros sinais fora o corte significativo nos orçamentos. Um setor bastante sensível profunda-

mente impactado foi a assistência estudantil. Com a política de cotas plenamente implantada e 50% dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, a redução drástica dos recursos do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) obrigou a gestão central a tomar medidas radicais e bastante impopulares que, para tentar manter a equidade entre os estudantes, reduziu os valores globais dos auxílios visando garantir ao menos um valor mínimo a todos que necessitavam. E assim o ano de 2016 começou com os movimentos estudantis em polvorosa. Na segunda gestão de Anísio quem assumiu a ingrata missão de coordenar a Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (PROAES) foi a Profa. Ana Maria Santos Cabral, gestora experiente e sagaz, a quem tive a oportunidade de acompanhar em duríssimas reuniões com estudantes que reivindicavam melhores condições para sua manutenção na Universidade.

A postura firme e resolutiva com que Ana Cabral conduzia

as reuniões me ensinou muito, e tais ensinamentos seriam de extrema relevância poucos meses depois quando enfrentaríamos pressões muito parecidas (ou até piores), dessa vez no âmbito do nosso Centro (falarei um pouco mais sobre Ana Cabral e sua importância em minha trajetória no próximo capítulo).

À medida em que a situação política do País se deteriorava, a temperatura e os ânimos dentro da Universidade esquentavam na mesma proporção. De janeiro a agosto de 2016 foram incontáveis paralisações, inúmeras notas de repúdio e intermináveis atos e

“À medida em que a situação política do País se deteriorava, a temperatura e os ânimos dentro da Universidade esquentavam na mesma proporção.”

discursos cujo mote principal era sempre o mesmo: “não vai ter golpe!”. Infelizmente as manifestações não surtiram efeito e em 31 de agosto de 2016 a presidenta Dilma Rousseff foi afastada do cargo, com seu vice, Michel Temer assumindo a Presidência da República, exatamente um ano após nossa eleição.

Como se não bastasse a situação precária da política no País e seus rebatimentos na Universidade, em 22 de agosto, um incidente de grandes proporções engrossou ainda mais o espesso caldo que vinha se formando no CAV: uma obra mal executada nos fundos da escola alugada onde até hoje funcionam diversos equipamentos do Centro (espaço conhecido com Anexo) provocou graves danos à estrutura do prédio obrigando sua imediata evacuação e consequente interdição. Naquela época a atividade no Anexo era intensa, com diversas salas de aula funcionando nos três turnos. A inviabilização daquele espaço criou uma

situação dramática: o que fazer com todas as turmas que utilizavam aquele espaço para as aulas? A solução passava obrigatoriamente por uma negociação ampla e com diversos atores: professores, alunos, coordenadores de cursos, escolaridade, proprietário do prédio e o empresário causador do dano.



Detalhe do dano causado ao prédio Anexo

Com calma, paciência e, principalmente, a colaboração de todos, chegamos a uma saída criativa e eficiente. Por meio do empresário causador de todo o transtorno, chegamos ao Centro Universitário da

Vitória de Santo Antão (UNIVISA), na pessoa do Reitor Prof. Ubirajara Cunha Junior que, por obra do destino, havia acabado de construir um prédio de salas de aula e que, gentilmente, as cedeu por empréstimo até que as reformas fossem concluídas e o Anexo novamente liberado. A distância entre o CAV e a UNIVISA era vencida por um micro-ônibus fretado que deslocava professores e estudantes em viagens seguidas nos três turnos. Essa grande operação ocorreu ao longo de quase dois meses até a liberação do prédio e foi mais um elemento no caldo político interno desfavorável que se formava.



Operário realizando a reforma do prédio



Coordenadores(as) de cursos e escolaridade na sala da direção discutindo formas de mitigar o grave problema da interdição do Anexo

Mas nem só de fatos negativos atravessamos 2016! Nesse ano comemoramos os dez anos de fundação do CAV e para marcar esse momento histórico organizamos dez eventos, um por mês ao longo do ano. Todos foram interessantes e bastante prestigiados pela comunidade do CAV, da UFPE de um modo geral, e pela população de Vitória de Santo Antão. Dentre eles podemos destacar a inauguração da galeria de Diretores (as) e Vices do CAV, o descerramento da placa comemorativa dos dez anos com os nomes de todos(as) os(as) docentes e técnicos(as) que estiveram presentes na inauguração do Centro, a homenagem às professoras aposen-

tadas do ensino básico de Vitória de Santo Antão, o lançamento do selo comemorativo ao aniversário de dez anos do Centro, a assinatura da ordem de serviço para a contratação do projeto executivo do novo prédio do CAV (IV Etapa) e a concessão do Título de Cidadão Vitorienense conferido a mim, René, Florisbela, Zelyta e Edmária Kelly, pelos relevantes serviços prestados ao município, materializados na gestão do Centro Acadêmico da Vitória. Receber esse reconhecimento simbólico da Câmara Municipal de Vitória de Santo Antão é algo que me enche de orgulho e que costumo citar sempre que possível quando narro minhas experiências em Terras Pernambucanas.



Cerimônia de concessão do Título de Cidadão Vitorienense



Inauguração da galeria de fotos de diretores e vices do CAV



Discussão coletiva do projeto da IV Etapa



Reitor Anísio no lançamento do selo comemorativo dos dez anos do CAV



Discussão do projeto com o coordenador de infraestrutura



Selo comemorativo dos dez anos

Em 2018 estimulamos a criação do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia, co-ordenado pela Universidade Federal de Minas Gerais e que atua até hoje formando mestres que atuam no ensino básico em diversos Estados do Nordeste.

(<https://acesse.dev/TnAIX>)

O clima tenso do primeiro semestre de 2016 na esfera política externa e interna à Universidade tomou ares dramáticos quando o Governo Federal impulsionou na Câmara dos Deputados um Projeto de Emenda à Constituição (PEC 241/2016) que previa o congelamento de todos os gastos primários do governo federal de acordo com um teto preestabelecido. Conhecida como a “*PEC da Morte*”, tal medida acertaria em cheio a saúde e educação, duas grandes áreas dependentes de investimentos governamentais contínuos. As mobilizações, passeatas e atos políticos pipocavam em todo o País e, em 24 de outubro de 2016, no meu último dia de férias, acordo com a informação de que o prédio administrativo do CAV havia sido ocupado por estudantes como forma de protesto contra a famigerada proposta de emenda. Me desloquei para o CAV e deparei com aquela cena que imediatamente me remeteu à grande ocupação da Reitoria em 2013, já mencionada nesse capítulo. A perspectiva de reviver toda a violência e destruição que havíamos

presenciado anos antes me deixou bastante apreensivo, mas aos poucos fui entendendo que aquele grupo era formado por jovens de nosso convívio diário, alunos(as) e ex-alunos que cumpriam seu papel temporal e estavam ali lutando pelo direito de todos nós. Mas a perspectiva da gestão é sempre mais pragmática quando comparada às justas lutas: processos, compras, CAPES, contratos terceirizados, obras, pagamentos e uma infinidade de outros compromissos inadiáveis simplesmente não encontram convergência com paralisações.

A perspectiva da gestão é sempre mais pragmática quando comparada às justas lutas: processos, compras, CAPES, contratos terceirizados, obras, pagamentos e uma infinidade de outros compromissos inadiáveis simplesmente não encontram convergência com paralisações

O CAV foi o primeiro Centro da UFPE ocupado e, dizem sem muitas comprovações, foi também um dos primeiros do Brasil nesse movimento que se espalhou por todos os Estados e suas Instituições Federais. Fiquei atônito no primeiro momento, mas a experiência de 2013 havia me ensinado que a calma, parcimônia e firmeza nas negociações são cruciais nesses momentos.

Nesse sentido eu e o Prof. René, vice-diretor, dividimos nossas frentes de atuação, comigo interagindo diretamente com a gestão central e ele coordenando uma comissão de diálogo permanente com os estudantes ocupantes. Com jeito e boa articulação política, em dois ou três dias conseguimos deslocar os estudantes para o auditório onde mantiveram o movimento sem interferir diretamente nas funções administrativas.

Apesar de a ocupação no CAV ter sido relativamente tranquila, o clima de tensão era ininterrupto. Em outros

Centros, especialmente o de Artes e Comunicação (CAC) e Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) o cenário tangenciou a ocupação catastrófica de 2013 deixando meus amigos Walter Franklin (Diretor do CAC) e Conceição Lafayette (Diretora do CFCH) em situações muitíssimo delicadas que certamente estão em suas memórias até hoje!

Minha opinião bastante pessoal desses movimentos é de que, mesmo que estejam bem definidas as pautas e seus atores principais, sejam elas a libertação da Palestina, o aquecimento global, o imperialismo, o capitalismo, a luta pelo ensino público gratuito e de qualidade, ou qualquer outro tema, sempre existirá a necessidade coletiva de se encontrar alguém no entorno para ser responsabilizado de alguma forma (mesmo sem ter responsabilidade sobre isso). Isso ficou bem claro nesse episódio onde boa parte do rancor e ódio contra tudo o que vinha ocorrendo nos últimos anos foram canalizados

para a gestão local, no caso, Eu e René. Foram diversos os estudantes de primeiro período que, do alto dos seus 18 anos, identificaram rapidamente na gestão local o inimigo mais próximo a ser combatido. Esse processo foi bastante desgastante física e emocionalmente e culminou com a decisão de René de se afastar da gestão, preferindo não concorrer novamente nas eleições para a direção em 2019. Teimoso como sempre fui e depois de alguns meses de terapia, segui em frente...



Cenas da ocupação: Estudantes no Bloco B



Imagens da câmera de segurança do Bloco Administrativo

Ao longo do meu primeiro mandato na diretoria acompanhei de perto a rotina de Florisbela na vice-reitoria frequentando seu gabinete e participando das tantas reuniões e eventos da gestão central e suas pró-reitorias. Foi um tempo muito rico de formação e entendimento da Universidade e seu funcionamento.

No segundo semestre de 2018 as movimentações políticas para a sucessão do Reitor Anísio começaram a ganhar força. A política nacional seguia caótica com o ex-presidente Lula preso e o fascismo ganhando fôlego junto à boa parcela da população, que culminou com a ascensão da extrema direita ao poder em janeiro de 2019.

Estimulada por boa parte dos diretores de centros, Florisbela decide se candidatar à Reitoria, escolhendo como vice o Prof. André Santos, então diretor do Centro de Informática (CIN) e eu, já muito mais experiente que em 2015 participei integralmente da campanha, desde a construção do plano de gestão até as reuniões com diversas forças políticas. Os candidatos competitivos, além de Flor / André, foram Alfredo / Moacyr e Libonatti / Zé Luiz. Com exceção de Moacyr, que eu ainda não conhecia pessoalmente, todos os outros candidatos eram de meu convívio e respeito; Alfredo era diretor do Centro de Educação, Libonatti diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Zé Luiz, diretor do Laboratório de Imunopatologia Keizo Azami (LIKA). Diferentemente da eleição anterior o clima da campanha foi respeitoso, porém não obtivemos sucesso no pleito, com Alfredo e Moacyr tendo sido eleitos e nossa chapa terminado em terceiro lugar.

Participar novamente desse processo foi uma experiência interessante e me apresentou a visão de perspectivas da Universidade que eu não havia tido, até então.



Professores e técnicos do CAV em apoio a Flor & André

A vitória de Alfredo e Moacyr representava, como o próprio nome da chapa sugeria, uma mudança nos rumos políticos da Universidade, que vinha sendo administrada pelo mesmo grupo nos últimos 16 anos. A vitória na reitoria e consequente derrota de nossa chapa mexeu dema-

is na política do CAV, acrescentando um ingrediente a mais no viscoso caldo político que cozinhava desde 2015. E nesse contexto as forças de oposição começaram a se organizar e em agosto de 2019 enfrentei minha primeira eleição contra uma chapa adversária.

Com a desistência de René em seguir na gestão, a escolha do candidato a vice recaiu sobre o Prof. José Antônio dos Santos, dos cursos de Educação Física. E assim foi criada a chapa Empatia e Experiência contra a chapa RenovaCav composta pelas Profas. Carol Leandro e Ana Wladia concorrendo à diretoria e vice, respectivamente.

A disputa foi pesada e tensa como são quase todas as eleições, mas com uma estratégia bem montada e a experiência de anos na gestão do Centro, fomos eleitos e assumimos o desafio de mais quatro anos na diretoria.



Estudantes aderem à Chapa Empatia a Experiência



Assinatura do termo de posse para o segundo mandato na direção do CAV



Publicação comemorativa pela vitória nas urnas

2019 / 2023 – Nada é tão ruim que não possa piorar

À partir de 01 de janeiro de 2019 a parcela dos brasileiros que não apoiou o fascismo testemunhou incrédula a sucessão de horrores em praticamente todos os Ministérios e pastas de maior ou menor importância no Governo Federal. Como em todos os regimes fascistas, a Universidade pública deixou de ser tratada um polo de geração e irradiação do conhecimento e passou a ser considerada como um inimigo a ser combatido. Ao longo de 2019 foram vários os ataques às instituições públicas de ensino superior indo desde os já tradicionais cortes e contingenciamentos orçamentários até declarações públicas de que as Universidades seriam unidades de produção de drogas em larga escala e ameaças draconianas de cortes financeiros para as instituições que promovessem uma tal “balbúrdia”, até hoje sem uma definição minimamente sensata.

E foi com esse cenário caótico que iniciamos nosso segundo mandato na direção do CAV, em outubro de 2019.

Os dois últimos meses de 2019 foram basicamente de aclimatação da nova gestão, definição de pró-reitores pela gestão central e início dos ajustes finos com meu novo vice-diretor. Passadas as festas de fim de ano e o carnaval, os primeiros rumores de que algo grave estava por vir começaram a despontar nas mídias. Uma nova virose detectada na província chinesa de Wuhan causou preocupação pela rápida transmissão, e apesar de não ter alta letalidade, a velocidade de dispersão do vírus poderia dar àquela doença contornos globais.

As notícias foram se avolumando e em pouco tempo o vírus já havia sido isolado e identificado como da família *Coronaviridae* e logo a doença passou a ter nome: COVID-19. No dia 11 de março de 2020 a organização Mundial de Saúde elevou o estado de contaminação pela COVID-19 ao

grau de pandemia e em 16 de março as instituições brasileiras, incluindo a UFPE, suspenderam suas atividades visando diminuir as aglomerações humanas na tentativa de diminuir a velocidade de contaminação.

(<https://tinyurl.com/bd5nknwk>)

A incerteza tomou conta de todos e acendeu imediatamente um sinal vermelho em todos os níveis da gestão. Aquela paralisação poderia durar alguns dias ou se prolongar por muito tempo.

Os dias foram passando e rapidamente fomos percebendo que o isolamento era cada vez mais necessário e que a resolução da pandemia talvez se estendesse por muito tempo. Não saberei precisar quanto tempo demorou, mas logo a reitoria se apropriou das tecnologias de comunicação remota e os famigerados *meets* passaram a fazer parte do dia a dia da Universidade de forma irreversível. Mesmo diante de um evento tão ca-

tastrófico, posso dizer que a popularização das reuniões remotas foi um legado positivo dessa experiência.

Diante das notícias do incremento exponencial das pessoas contaminadas e falecidas, me vi na obrigação de fazer algo para além das minhas obrigações de professor e gestor. A primeira ideia que me ocorreu baseou-se no fato de ser gestor de uma unidade universitária de franca vocação nas áreas de saúde e educação e com dezenas de professores (as) e técnicos (as) altamente qualificados em diversas áreas da saúde. Nesse sentido pensei que poderia ser interessante mobilizar os colegas interessados em criar um grupo de discussão que pudesse subsidiar a gestão municipal da Vitória de Santo Antão para a tomada de decisões naquele momento tão peculiar. Convidei a amiga e professora Lívia Teixeira de Souza Maia, à época coordenadora do curso de graduação em Saúde Coletiva do CAV,

para juntos traçarmos uma estratégia de ação que pudesse levar a cabo a ideia do grupo de apoio. Livia aceitou imediatamente e na primeira quinzena de maio, menos de dois meses depois do início do isolamento, o CAV apresentou para a prefeitura de Vitória o *Comitê Consultivo de Apoio às Ações de Combate ao COVID-19 CAV/UFPE*, formado por aproximadamente 30 professores e professoras de diversas áreas. O comitê trabalhou intensamente com reuniões semanais e produziu um vasto material de apoio à gestão municipal em suas diversas secretarias. Os produtos do comitê se apresentavam no formato de boletins, informes, notas técnicas e manuais que eram sistematicamente apresentados para os diversos entes da gestão municipal.

Ainda que a gestão municipal tenha tido certa resistência na aceitação de algumas de nossas sugestões e por vezes as articulações

políticas locais não nos permitiram ir mais longe em nossas ações, considero que esse movimento foi uma demonstração da força excepcional da Universidade Pública e sua relevância nesse momento tão particular da história da humanidade além de, sob o ponto de vista local, ter exposto com absoluta clareza a alta qualificação, comprometimento e espírito republicano do corpo docente do nosso Centro.

Os meses foram se passando e as rotinas da gestão nos obrigaram a retornar às atividades de forma remota, mas também presencial, bem antes da maioria dos colegas. A partir de junho passei a frequentar o CAV semanalmente e nos outros dias da semana trabalhava remotamente de casa.

Estar no centro de tomada de decisões que impactariam a vida de milhares de pessoas em meio a um dos eventos mais significativos do século foi realmente algo marcante

em minha vida. Em certos momentos não havia outras opções senão simplesmente arregaçar as mangas e fazer, como no caso da primeira rodada de vacinações para docentes e técnicos. Em determinado momento no início de 2021, o Ministério da Saúde autorizou a aplicação da vacina em servidores das Universidades; esse fato que poupou a vida de milhares de colegas também gerou alguns imbróglios administrativos, como por exemplo, o fato de que cada servidor deveria ter uma autorização impressa e assinada pela gestão central da Universidade, para comprovar seu vínculo, fazendo jus à tão esperada vacina. Outra determinação seria que cada servidor deveria se vacinar na cidade onde estivesse lotado, no nosso caso, Vitória de Santo Antão. Essas duas imposições, *a priori* de pouca relevância prática, se tornaram problemas imensos quando se somaram ao medo e incertezas que a pandemia

vinha gerando a meses na vida das pessoas: ninguém queria se afastar muito de casa nem por algumas horas para se vacinar, e a maioria dos docentes do CAV residem em Recife ou outras cidades que não Vitória. Conseguimos solucionar esse problema nos dispondo a entregar pessoalmente as certidões a cada um dos servidores. Com todo o aparato de segurança (máscaras, *Face Shield*, jaleco e litros de álcool 70%) passei uma tarde inteira no balcão interno da deserta Biblioteca Central entregando os documentos aos que tiveram coragem de sair de casa. Aos poucos todos foram se vacinando e, afortunadamente, não perdemos ninguém do CAV para essa terrível doença. Em que pese nosso queridíssimo amigo Prof. Kleber Andrade ter passado maus bocados com um agravamento quase fatal, todos sobrevivemos, restando a esperança de não nos depararmos com outro desafio desse nas próximas décadas.

“Estar no centro de tomada de decisões que impactariam a vida de milhares de pessoas em meio a um dos eventos mais significativos do século foi realmente algo marcante em minha vida”

Outra ação de enfrentamento à pandemia que desenvolvemos durante a gestão foi a produção de insumos (álcool 70%, sabão líquido e hipoclorito de sódio) e sua distribuição para órgãos públicos, associações de moradores, agentes comunitários de saúde e a população em geral. Foram produzidos, envasados e distribuídos 6.400 litros de sanitizantes. O relato dessa experiência está descrito na forma de um capítulo no *E-Book* editado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE, que traz uma compilação das principais ações de enfrentamento à Covid-19 realizadas na UFPE.



Entrega de remessa de álcool 70%

GARCIA, J.E.; et.al. *Produção, envase e distribuição de insumos para o enfrentamento à pandemia de Covid-19*. In: Naouar, O.; Andrade, A.D. (Org.). *Enfrentamento à COVID-19, ações da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE*. Volume 01 – Assessoria Técnica e Fabricação de Produtos. Editora UFPE, 2021, p.139 – 153. (<https://tinyurl.com/44k4nmnh>)

Afora a manutenção do Centro durante todo o período da pandemia, um ponto de destaque de nossa gestão foi a elaboração, aprovação e publicação do Regimento Interno do Centro Acadêmico da Vitória. O documento magnifico para a gestão do Centro era uma demanda antiga da

comunidade e que conseguimos levar a cabo ao longo do ano de 2020, a partir de dezenas de reuniões remotas.

Para a elaboração do documento, procuramos desenvolver uma metodologia participativa e democrática que pudesse dar voz a todos os segmentos do CAV. Para tanto, o Conselho Gestor, que após a publicação do Regimento passou a se chamar Conselho de Centro solicitou que cada curso de graduação e pós-graduação, bem como cada setor técnico administrativo indicasse um representante para compor a comissão de elaboração do regimento. A esse grupo uniram-se representantes estudantis de todas as graduações e pós-graduações.

A diretoria organizou então uma minuta do regimento, que serviria de fio condutor para as discussões. Esse documento foi levado à comissão que analisou, fez os primeiros ajustes e posteriormente o encaminhou para

cada setor/segmento ali representado. Os setores reunidos apresentaram novas propostas que foram então rediscutidas e votadas uma a uma pela comissão, gerando então uma nova minuta, dessa vez mais robusta. O próximo passo foi a abertura de uma consulta pública, para toda a comunidade interna e externa ao CAV. Ao longo de 30 dias foram recebidas propostas de ajustes, inserções e retiradas de itens que foram compilados e novamente levados à comissão geral para que fossem discutidos e votados um a um.

Todo esse processo transcorreu ao longo de alguns meses, com horas e horas de reunião, e no dia 27 de Julho de 2020 na 12º Reunião Extraordinária do Conselho Gestor do CAV o Regimento Geral do Centro Acadêmico da Vitória foi aprovado por unanimidade, sendo posteriormente ratificado pelo Conselho de Administração por

meio da Resolução 13/2020. (<https://tinyurl.com/5juw9jw4>)

A administração de uma unidade universitária é sempre repleta de surpresas e, invariavelmente, o gestor(a) sabe como o dia começa, mas dificilmente saberá como termina! E essa máxima não se limita aos dias da semana; os finais de semana, feriados e férias também costumam ser invadidos por eventos das mais variadas naturezas. E foi nesse ínterim, que na manhã do domingo 30 de maio de 2021, encontro meu celular repleto de mensagens, inicialmente dos moradores da comunidade do Alto do Reservatório, logo depois dos seguranças e alguns minutos mais tarde dos colegas da Coordenação de Infraestrutura, com uma só mensagem: “O CAV está em chamas!!”. Um incêndio criminoso, deflagrado por uma pessoa que invadiu o bloco administrativo na madrugada de sábado para domingo, se viu preso no

prédio e acreditou que atendo fogo chamaria a atenção dos vigilantes e conseguiria escapar. Sua estratégia funcionou parcialmente pois conseguiu sair do prédio, a despeito de ser num carro da polícia diretamente para a delegacia da polícia federal...

O incêndio foi controlado rapidamente, inicialmente pelos seguranças e posteriormente pelo Corpo de Bombeiros, mas o estrago foi grande. Apesar de as chamas terem atingido exclusivamente o arquivo morto da escolaridade (que nesse momento fora cremado, com o perdão do trocadilho!) o calor intenso danificou uma caixa d'água que se rompeu derramando centenas de litros de água sobre equipamentos e documentos, destruindo o forro de PVC e todo o cabeamento de rede e fiação elétrica do prédio, além de vários equipamentos que estavam guardados na sala incendiada.

Cheguei ao CAV pouco mais de uma hora depois das primeiras mensagens e o incêndio já havia sido controlado e seu autor detido.

Encontrar destruído meu ambiente de trabalho, o local onde tantas pessoas tiram seus sustentos e depositam seus sonhos, foi impactante e desolador. Mas passada a raiva pude refletir sobre o ato e mais ainda sobre a pessoa que cometeu o crime: um retrato nu e cru da falência das políticas públicas de um País, onde um jovem absolutamente sem esperança, ou perspectiva de vida, acredita que a única forma de se safar de uma ação mal planejada é provocando um incêndio que por pouco não tira sua própria vida. Tenho certeza de que ele não fazia a menor ideia do que é feito dentro daquele prédio, afinal nunca teve e nunca terá a oportunidade de colocar seus pés ali pela porta da frente e se sentar em seus bancos com outros colegas.

Pensando nisso, levantei

a cabeça e mesmo no escuro por uns dias e sem internet por alguns anos segui meu caminho com ainda mais ânimo para lutar contra a desigualdade social no Brasil com as poucas armas que possuo.



Resultado do incêndio no prédio administrativo do CAV



Resultado do incêndio no prédio administrativo do CAV

O espaço mais afetado pelo incêndio foi cedido à Associação dos Docentes da UFPE (ADUFEPE) que o recuperou e atualmente comporta um escritório remoto para o atendimento das demandas dos docentes do Centro.

Em agosto de 2021, por meio de uma emenda parlamentar encaminhada pelo Dep. Federal Tulio Gadelha, no valor de R\$ 1.400.000,00 inauguramos a Usina Fotovol-

taica do Centro Acadêmico da Vitória, tornando o CAV uma unidade praticamente sustentável em termos de energia elétrica.



Convite para a inauguração da Usina Fotovoltaica do CAV



Entrega simbólica do recurso da emenda parlamentar pelo Deputado Túlío Gadelha

Nesse mesmo ano de 2021, mais precisamente no dia 17 de dezembro, depois de longos anos de conversas, reuniões e visitas, finalmente conseguimos a doação de mais uma área para a expansão do *Campus* de Vitória, o terreno onde funcionava o antigo parque Zoológico Municipal Melo Verçosa área histórica de lazer da população Vitoriense e que já se encontrava inativo a alguns anos desde o falecimento dos últimos animais. O terreno do Zoológico abrigará inicialmente o tão sonhado Restaurante Universitário e outras obras que surgirem à medida em que novos investimentos forem sendo injetados na Universidade.

(<https://tinyurl.com/27zdjbj6>)

No ano de 2021 iniciamos as atividades de mais uma Pós-Graduação *strictu sensu* no CAV. O Programa de Pós-Graduação Multicêntrico em Ciências Fisiológicas oferece formação nos níveis mestrado e doutorado.

(<https://tinyurl.com/3d9e8uxj>)

Trata-se de um programa em rede promovido pela Sociedade Brasileira de Fisiologia e implementado no CAV por meio da articulação do

jovem e virtuoso professor Thyago Moreira de Queiroz com forte apoio de nossa gestão. O início das atividades do programa de doutorado trouxe ainda mais fôlego à já robusta pesquisa e formação de excelência no Centro e atendeu a uma demanda antiga dos docentes já credenciados e atuantes no Programa de Pós-Graduação em Nutrição Atividade Física e Plasticidade Fenotípica. Dessa forma, entregamos a gestão em 2023 com três programas de mestrado e um de doutorado em atividade no Centro.

Na graduação criamos mais dois cursos de Licenciatura, em Ciências Biológicas e Educação Física, na modalidade Ensino à Distância (EAD). Em 2021 teve início a Licenciatura em Ciências Biológicas em cinco polos com a oferta de 150 vagas e em 2023 iniciou a Licenciatura em Educação Física, funcionando em sete polos com a oferta de 180 vagas anuais.

Ao longo dos nossos 12 anos de gestão o Centro Acadêmico da Vitória formou mais de 2500 estudantes na graduação e quase 300 mestres.

O advento da interiorização das Universidades Federais tem sido um potente agente modificador da realidade de milhões de pessoas, começando pelos estudantes, expandindo para suas famílias, elevando para as pequenas cidades que se transformam a partir do retorno de seus jovens transformados pelo Universo acadêmico, chegando até os servidores concursados e terceirizados que empenham suas vidas para que a máquina pública siga girando sua roda virtuosa de transformação da sociedade brasileira. E é nessa rede que me encaixo, um paulistano/pernambucano que construiu e seguirá construindo e reconstruindo permanentemente sua vida na Terra das Tabocas, dedicando toda sua energia à formação e emancipação de muitos e muitos jovens no interior de Pernambuco!

“O advento da interiorização das Universidades Federais tem sido um potente agente modificador da realidade de milhões de pessoas”

10

CAPÍTULO

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A reinvenção da carreira

Alguns capítulos atrás mencionei que minha primeira expedição para a Amazônia, no final da graduação havia sido um divisor de águas na minha vida. Aquela experiência colossal abriria as portas para minha carreira de professor universitário, geneticista, estudioso da fauna e tantas outras coisas afins, mas também despertou em mim o desejo de compreender melhor as pessoas, especialmente as que vivem em lugares remotos. Essa vontade de fazer algo diferente daquilo para o qual eu havia planejado e vinha me preparando ficou latente por mais de uma década até que em 2008 o vírus da extensão me contaminou e atualmente essa é minha principal atividade na Universidade, depois das aulas na graduação.

Projeto Rondon – Onde tudo começou

Até o ano de 2007 meu conhecimento sobre o Projeto Rondon se resumia a lembranças não datadas da infância quando ouvia algo a respeito pelo rádio na “Hora do Brasil” e pela triste imagem da Unidade Avançada da UNESP em Humaita/AM, fruto dos tempos dourados do Projeto, completamente abandonada e invadida pela implacável selva amazônica. Sob o lema “Integrar para não entregar”, o Projeto Rondon realizou sua primeira operação em 1967 levando estudantes da Universidade da Guanabara (atual UERJ) para prestarem serviços assistenciais no longínquo Território de Rondônia. O Projeto cresceu e suas ações se espalharam por todo Brasil fomentando inclusive a criação dos Campi avançados, como o de Humaitá que encontrei em ruínas. Com o fim da ditadura militar, a primeira fase do Projeto foi encerrada em 1989.

Em 2005, por uma provocação da União Nacional dos Estudantes (UNE), o Projeto Rondon foi relançado, dessa vez com um caráter formador e não mais assistencialista. A proposta de estudantes ministrando cursos e capacitações para agentes multiplicadores já dialogava muito mais com as premissas da extensão moderna, em constante construção desde os tempos de Paulo Freire.

No segundo de semestre de 2007, o último ano de minha passagem por Londrina, tomei conhecimento da participação da UEL nas primeiras Operações do Rondon e por intermédio do Prof. Marco Machado do Departamento de Clínicas Veterinárias, submeti uma proposta para a Operação Grão-Pará. Na verdade, a proposta não foi escrita por mim, pois não tinha nem ideia de como organizar um projeto de extensão, muito menos de como executá-lo, mas minha

vontade de retornar à Amazônia, dessa vez para estar lado a lado dos ribeirinhos me encantava! O projeto foi aprovado e a cidade designada foi Muaná, no Arquipélago do Marajó. Seleccionamos os estudantes, alinhamos as atividades, fizemos diversas reuniões de capacitação. O clima de expectativa, especialmente dos estudantes, para uma ação desse tipo é sensacional. É quase como a organização de uma festa que acaba sendo mais divertida que a festa em si!

Entre a submissão da proposta e a ação passaram-se alguns meses e justamente nesse meio tempo prestei o concurso na UFPE e fui aprovado. A operação ocorreu entre os dias 11 e 27 de janeiro de 2008 e minha posse na UFPE, dia 21 de janeiro do mesmo ano me obrigando a declinar da participação no Projeto. Minha primeira experiência na extensão foi interrompida antes mesmo de ocorrer.

“Minha primeira experiência na extensão foi interrompida antes mesmo de ocorrer”

Cheguei ao CAV no início de 2008 e uma das primeiras coisas que procurei saber foi a respeito da participação da UFPE no Rondon. Em consulta à Pró-Reitora de Extensão da época, Profa. Solange Galvão Coutinho, fui informado de que algum professor havia participado de uma operação do Projeto Rondon, mas não havia nenhum registro dessa passagem. Dessa forma tomei para mim a iniciativa de levar a UFPE para o Rondon e no fim de 2008 submeti uma proposta, baseada na anterior encaminhada pela UEL, só que dessa vez formatada inteiramente por mim. No segundo semestre de 2008 recebi a feliz notícia de que minha proposta havia sido selecionada para a Operação Centro-Norte, que ocorreria em janeiro de 2009. A cidade selecionada foi Careiro

Castanho, distante 100km da margem direita do Rio Amazonas, às margens da Rodovia BR 319, justamente aquela que exatos quinze anos antes havia me aventurado com Maurício e Pedro em minha primeira incursão amazônica! Incrivelmente, quinze anos depois a rodovia estava tão ruim quanto antes. Nove anos depois, em 2018 retornei ao Careiro Castanho, dessa vez para visitar pessoas que conheci em 2009 e, para nenhuma surpresa, a rodovia segue na mesma situação, não mais interditada, mas com restrições de tráfego desde antes de 1994!!!

As equipes do Rondon naquela época eram formadas por dois professores e seis estudantes, e cada município recebia duas equipes de Instituições de Ensino Superior diferentes, totalizando 12 estudantes, quatro professores e um militar de apoio. Todo o aparato logístico era (e ainda é) realizado pelo Ministério da Defesa, com apoio das Forças Armadas.

Para me acompanhar nessa primeira operação convidei meu amigo Prof. Augusto Santiago e juntos selecionamos os seis estudantes que formariam as equipes: Adriano (Educação Física), José Luiz (Nutrição), Glaucia (Enfermagem), Leonardo Bulhões (Ciências Sociais), Lucas Torres (Artes Cênicas) e Mariana (Direito). Nossa equipe se uniu à da Universidade Santa Cecília, coordenada pelo finado veterano Prof. Celso Volpe. Os quinze dias que passamos na Amazônia foram intensos e centenas de pessoas participaram de nossas atividades. Dois dos estudantes da primeira operação, Adriano Bento e José Luiz de Brito, hoje são professores da UFPE/CAV e UFPB, respectivamente, e grandes parceiros em nossas novas atividades na extensão.

O sucesso dessa participação me estimulou a participar novamente, no segundo

semestre de 2009, dessa vez no interior da Paraíba, na Operação Nordeste-Sul, na cidade de Mogeiro. E assim segui com o Projeto Rondon até 2017, atuando nas seguintes Operações:

2009 – Operação Centro-Norte – Careiro Castanho / AM

2009 – Operação Nordeste-Sul – Mogeiro/PB

2010 – Operação Rei do Baião – Serrita/PE

2011 – Operação Peixe Boi – Autazes/AM

2012 – Operação Açaí – Garrafão do Norte/PA

2013 – Operação Forte do Presépio – São Domingos do Capim/PA

2017 – Operação Tocantins – Aliança do Tocantins/TO

O Projeto Rondon é uma ação extensionista grandiosa onde milhares de estudantes têm a oportunidade de dar seus primeiros passos no entendimento do que é o Brasil real, com suas maravilhas e mazelas e, dessa forma, encontrar um caminho, se não acadêmico, mas de vida, para interagir melhor com seu País e contribuir de uma forma solidária para o desenvolvimento da sociedade. Da mesma forma, centenas de docentes se unem quase que religiosamente todos os anos para viverem essa intensa experiência de troca de saberes. E nessa minha passagem pelo Rondon tive o prazer de fazer grandes amizades que trago até hoje, mesmo tendo me afastado do projeto desde 2017, pelos motivos que serão narrados ainda nesse capítulo. Não posso deixar de mencionar nessa pequena história da minha vida pessoas como Dênis, Luciano, Olívia, Ana Paula, Auro, Ed, Guilhardes,

Heryck, Mário, Mércia, Zorel, Roberto Carlos, Celso Volpe (*in memoriam*) e tantos outros que dedicam suas vidas à formação mais humana e cidadã de seus jovens estudantes.

Essa participação intensa no Projeto, não só nas ações, mas também nas discussões paralelas junto ao comitê gestor do Ministério da Defesa acabou por, em um determinado momento, me tornar alguém com certa relevância no Projeto como um todo, e esse fato me proporcionou três momentos bastante interessantes, que irei narrar a seguir.

Em janeiro de 2013 tive o prazer de, juntamente com minha estimada amiga, Profa. Ana Paula Moraes Fernandes, Livre Docente da Escola de Enfermagem da USP de Ribeirão Preto, coordenar uma equipe de vinte estudantes da área de saúde numa Ação Cívico Social (ACISO), no

Arquipélago do Marajó. Essa ação foi executada numa parceria entre o Projeto Rondon (Ministério da Defesa) e Marinha do Brasil, mobilizando sete navios de guerra e centenas de militares, além da nossa equipe de universtários, para uma grande ação de assistência em saúde com comunidades ribeirinhas na região de Breves, a maior cidade do Marajó e distante aproximadamente 20 horas de navegação de Belém. Coordenar uma ação dessa natureza era o sonho de praticamente todos os professores e professoras que participavam do Projeto Rondon, mas apenas alguns tiveram a honra e a felicidade de ter essa experiência, que era feita sob convite pessoal a partir da coordenação geral do Projeto.

“Apenas alguns tiveram a honra e a felicidade de ter essa experiência, que era feita sob convite pessoal a partir da coordenação geral do Projeto.”

Ao longo de quinze dias estivemos alojados numa escola na cidade de Melgaço, o município com o menor IDH do Brasil (0,418, em 2022), e todas as manhãs dividíamos nossa equipe em duas (um coordenador e dez estudantes) para cada uma numa embarcação militar, adentrar os “furos” e igarapés do labiríntico Arquipélago do Marajó em busca de pessoas que precisavam de assistência em saúde. Aos olhos de um visitante inexperiente, o ambiente ribeirinho amazônico aparenta ser totalmente inabitado e, eventualmente inóspito, porém, em apenas alguns minutos de lancha no entre-meio da floresta, é sempre possível encontrar alguém, seja de passagem, pescando ou apenas na varanda de sua casa flutuante observando as águas lentas do rio. Quando encontrávamos alguém e a presença de médicos e dentistas era anunciada, a notícia se espalhava como rastilho de pólvora e em poucas horas o espaço físico (geralmente uma igrejinha ou um flutuante qualquer) destinado aos

atendimentos, ficava lotado. Pessoas de todas as idades, desde idosos carcomidos pelas intempéries da floresta tropical até jovens mães com seus bebês no colo se organizavam pacientemente nas filas para algum tipo de atendimento. E a queixa era sempre a mesma: a ausência total do poder público e a carência absoluta de assistência em saúde suficiente para toda a enorme população que se espalha pelos milhões de quilômetros quadrados da Amazônia. De pessoas que não eram consultadas por um médico a quase uma década, àqueles que sofriam com dor de dente há dois anos, presenciávamos de tudo um pouco. E mesmo tendo empreendido todos nossos esforços para atender àquelas pessoas de forma digna (e conseguimos!), não posso deixar de trazer a esse documento minha tristeza e decepção com a situação em que se encontra boa parte da região amazônica. Desde minha primeira grande expedição, em 1994, até minha última incursão em 2022, o que pude notar foi um

grande avanço do desmatamento e um pequeno avanço na qualidade de vida das comunidades ribeirinhas. Essa visão, à despeito de ser perturbadora, tem me servido de estímulo para almejar levar novamente ações de extensão para aquela região, dessa vez coordenadas pela UFPE, em parceria com outros atores locais.

Ainda em 2013, outro fato relevante, não tão divertido e exclusivo quanto a experiência no Marajó, mas bastante interessante institucionalmente, foi uma audiência com o Ministro da Defesa Celso Amorim que participei juntamente com outros colegas. Em novembro, eu e mais seis amigos, professores e professoras entusiastas do Projeto Rondon, empreendemos a iniciativa de conversar diretamente com o Ministro com o objetivo de sensibilizá-lo para a situação financeira do projeto que, depois de oito anos de sua retomada e passada a euforia inicial dos governos Lula, já sentia os efeitos dos cortes orçamentários que assombravam as Universidades

e que se agravariam ainda mais nos anos seguintes. Mesmo não tendo surtido o efeito financeiro esperado, estou certo de que essa iniciativa aproximou os professores dos (quase) sempre frios e sistemáticos militares mostrando que é impossível pensar a extensão como uma ação de guerra, ainda que as dificuldades logísticas muitas vezes se aproximem desse cenário. Só é possível desenvolver ações extensionistas de fato se todos os atores estiverem plenamente envolvidos em todos os processos e com os mesmos objetivos: o desenvolvimento humano e a diminuição das desigualdades sociais. Entre idas e vindas, o Projeto Rondon existe até hoje cumprindo seu papel de contribuição na formação humana e cidadã de milhares de jovens estudantes de todo o Brasil.

Outro momento interessante proporcionado pela minha vivência no Rondon foi o convite, em 2014, para coordenar a equipe de comunicação do Projeto ao longo da Operação

Guararapes que se desenvolveu em 20 municípios de Pernambuco, Paraíba e Alagoas com a participação de 400 estudantes e professores de 40 instituições de ensino superior de todo o Brasil. O objetivo da equipe de comunicação era fazer a cobertura jornalística, fotográfica e videográfica das ações das equipes de rondonistas nos municípios. Para isso a equipe ficaria alojada na Escola de Aprendizes-Marinheiros de Pernambuco, em Olinda e todos os dias sairia no início da manhã e retornaria no final da tarde depois de ter visitado duas ou três cidades atendidas pelo projeto, todas na zona da mata e no agreste.

Obviamente que a escolha do meu nome foi baseada apenas na minha experiência no Projeto, por ser uma pessoa conhecida pela coordenação e residir em Pernambuco e jamais pela minha competência técnica na área de comunicação, algo que passou longe, e muito, da minha formação. Naturalmente, porém, eu nunca declinaria

de um convite desse, mas a prudência e o bom senso me levaram a procurar pessoas que dominassem, de fato, os meandros da comunicação. E assim cheguei à competente Profa. Carolina Dantas de Figueiredo, do Departamento de Comunicação Social do Centro de Artes de Comunicação da UFPE, e juntos coordenamos uma equipe de seis estudantes que trabalharam se revezando em três turnos diários para alimentar em tempo hábil as redes sociais do projeto com informações, fotos e vídeos colhidos nas viagens do dia. Ao final de quinze dias foram milhares de quilômetros rodados, centenas de fotos, dezenas de entrevistas e mais uns tantos vídeos produzidos retratando o dia a dia do projeto e seus atores. Ao final da operação nossa equipe ainda produziu um filme de pouco mais de dez minutos compilando imagens, momentos e depoimentos, que foi apresentado na cerimônia de encerramento das atividades no Centro de Convenções de Pernambuco, e figura

orgulhosamente em meu currículo lattes como uma das produções artísticas e culturais da minha carreira.

(<https://tinyurl.com/m42pc7rj>)

Essa experiência com a equipe de comunicação foi essencial para que, quando criamos nosso grande projeto de extensão anos depois, simultaneamente organizamos uma equipe de comunicação que vem se renovando ao longo dos anos e alimenta uma poderosa rede social de divulgação e comunicação do Projeto. Importante destacar que nossa equipe de comunicação foi coordenada durante vários anos por um dos estudantes que atuou conosco nessa oportunidade do Rondon, o radialista Gustavo Augusto Ribeiro de Souza (Guma), e que se tornou um grande amigo para todas as horas.

Em 2014 a Coordenação do Projeto Rondon lançou a *Revista Mundo Rondon*, onde publiquei o seguinte artigo:

GARCIA, J.E. *Rondon e o paradigma da difusão da informação. Revista Mundo Rondon*. Brasília. 1(1). p.9. 2014

(<https://tinyurl.com/2k8h4a3s>)

Minha última participação no Projeto Rondon foi em janeiro de 2017, na cidade de Aliança do Tocantins / TO; em julho do mesmo ano realizei a primeira operação do nosso Projeto UFPE no Meu Quintal e desde então tenho concentrado minha energia extensionista nessa iniciativa e seus desdobramentos. Do Rondon restaram boas lembranças, grandes experiências e amigos de verdade, os quais tenho muito carinho e a quem dedico, humildemente, essa sessão do meu memorial.



Eu e Prof. Augusto Santiago aos pés de uma Samauma, no Amazonas



Primeira equipe em ação em Careiro Castanho/AM



Equipe se deslocando para atuar em Serrita/PE

A reinvenção da carreira



Equipe que atuou em Autazes/AM



Equipe de estudantes em navio da Marinha Brasileira no Arquipélago do Marajó (ACISO)



Equipe de comunicação realizando entrevista com morador do interior de Pernambuco



Atendimento odontológico a ribeirinhos no Marajó (ACISO)



Ministrando palestra sobre o Projeto Rondon no CONIC 2015



Eu com crianças numa comunidade rural de Garrafão do Norte/PA

UFPE no Meu Quintal – A improvável união entre o caos e a ordem!

Por muito tempo, e eventualmente ainda hoje, a academia se comportou como a grande detentora do saber, em contraposição à população que supostamente estaria ávida e necessitada por receber esses saberes. Porém, na concepção Freiriana, a ideia de extensão, deveria ser compreendida como uma troca e não como uma entrega. Assim, os saberes acadêmicos chegariam de forma solidária até a comunidade, que por sua vez exporia suas vivências, saberes e questionamentos que, em última instância retroalimentariam a academia e, a partir desse moto contínuo dialógico, os saberes seriam compartilhados, criados e recriados. Isso tudo é bastante interessante, mas dá trabalho! Toda articulação com os atores acadêmicos e de fora da academia, ao menos sob o meu ponto de vista, é a parte mais difícil em uma atividade de extensão, a despeito de ser uma das mais importantes.

Diante dessa constatação, a participação no Projeto Rondon me era bastante conveniente pois toda a interlocução inicial com os municípios, a logística e os diversos meios para a execução das atividades eram proporcionados pela coordenação geral do Projeto, cabendo a nós apenas a seleção e preparação dos estudantes. Obviamente que esse modelo tem muitas vantagens, mas tira do extensionista uma das coisas mais importantes, que é o diagnóstico situacional e a busca autônoma de alternativas para que o diálogo com a comunidade seja eficiente e produtivo. Essa situação sempre me incomodou, mas a imersão na gestão do CAV nunca me permitiu ir muito além do que o Rondon me oferecia. Eu precisava de alguém que pensasse como eu e que de alguma forma pudesse dividir comigo as tarefas essenciais para o desenvolvimento de uma proposta própria de projeto de extensão.

Como já mencionei nesse memorial, entre 2015 e 2019 minha gestão como diretor ocorreu simultaneamente com Florisbela na vice-reitoria, e minhas visitas ao seu gabinete eram habituais. Foi justamente numa dessas visitas, em alguma tarde do primeiro semestre de 2017, enquanto tomávamos um café e conversávamos amenidades, entram no gabinete o estimado amigo Prof. Ary Gomes Filho, à época Diretor de Esportes, Lazer e Cultura na Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (Proaes), acompanhado de um técnico em assuntos educacionais lotado na mesma unidade, o filósofo Sérgio Matias da Silva. O objetivo da visita seria apresentar para Florisbela uma proposta de projeto de extensão idealizada por Sérgio, na tentativa de sensibilizar a gestão central em prol de uma grande atividade no interior do Estado. Os visitantes se sentaram, permitiram minha presença na reunião e Sérgio passou a

explicar rapidamente sua ideia: um projeto de extensão que pudesse oportunizar a estudantes de todos os cursos de graduação da Universidade uma experiência no sertão, dialogando com a comunidade, de forma autônoma e sobre temas inerentes às suas áreas de formação. A ideia do projeto já vinha bem trabalhada na cabeça do filósofo, inclusive o projeto tinha até um nome: *UFPE no Meu Quintal*. Aquela conversa me agradou demais, afinal era tudo o que eu precisava para poder levar adiante meu sonho de um projeto de extensão próprio, mas na minha condição de ouvinte, apenas ouvi. Ao final da explicação, Florisbela, se mostrou interessada na proposta (como de praxe) e deu a resposta que seria o pontapé inicial para uma das maiores iniciativas de extensão da UFPE na atualidade: “A pessoa pra te ajudar nesse projeto está ao seu lado, o diretor do CAV!”.

“A pessoa pra te ajudar nesse projeto está ao seu lado, o diretor do CAV!”

Duas pessoas de formações acadêmicas e histórias de vida absolutamente distintas se encontram de modo totalmente inesperado e iniciam a partir dali uma nova história que transformaria a vida de milhares de pessoas, mas principalmente, às suas próprias!

Dali mesmo já seguimos para a PROAES e iniciamos as conversas sobre como poderíamos executar a ideia. Considero aqui importante destacar os motivos que fizeram com que a gestação de um grandioso projeto de extensão tenha acontecido dentro de uma Pró-Reitoria que não tinha exatamente essa finalidade. Para além da obviedade da lotação do idealizador da proposta na referida unidade, o papel da Pró-Reitora foi

crucial para que tudo acontecesse; estou me referindo à Profa. Ana Maria dos Santos Cabral, ou apenas Ana Cabral.

Ana Cabral é uma das mulheres mais extraordinárias que já passaram pela Universidade Federal de Pernambuco e eu não poderia deixar de mencioná-la nesse texto. Ao longo das tantas décadas dedicadas à Universidade Pública, Ana Cabral atuou em vários ambientes da gestão, e eu tive o prazer de conhecê-la enquanto Pró-Reitora de Graduação e acompanhar de perto sua trajetória na Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis. Sua menção nesse documento vem pelo fato de ter sido justamente dela a provocação e o estímulo para que Sérgio propusesse uma ação que envolvesse os estudantes assistidos de uma forma diferente daquela prevista exclusivamente pela assistência. Ana Cabral pensava à frente do seu tempo e propor uma atividade de extensão a partir de uma unidade de assistência, justamente

num dos piores momentos políticos do Brasil nesse quesito, foi acima de tudo um ato de coragem! Fica registrado aqui meu reconhecimento e agradecimento a Ela, por ter proporcionado a mim e, principalmente à UFPE, a oportunidade de participar de uma iniciativa tão significativa.

É importante descrever aqui também um pouco do perfil do meu grande amigo e parceiro de extensão, Sérgio Matias. Sérgio é uma das pessoas mais inteligentes com quem já convivi; com três graduações (filosofia, artes plásticas e serviço social), tem uma longa história como professor no ensino básico e uma vasta trajetória política tanto no movimento sindical quanto em movimentos sociais, principalmente dos sem-terra (MST) e trabalhadores sem-teto (MTST). À despeito de sua grande experiência e erudição, é uma pessoa de hábitos simples, extremamente solidária e, acima de tudo inconformada com as injustiças sociais. Não tenho

receio em dizer que Sérgio já nasceu extensionista, e uma de suas características principais é a ousadia. Ousadia em propor coisas grandes, por vezes inusitadas, sem se preocupar como elas serão executadas! Na primeira ação do Projeto UFPE no Meu Quintal sua ideia era levar duzentos (!!) estudantes para o sertão! Eu que até então me achava ousado e inconsequente (no bom sentido) passei a me sentir um conservador (no bom sentido também) diante das ideias loucas de Sérgio. Mas o espírito do diálogo que impera em nós dois, aliado à nossa capacidade de ceder e negociar catalisam o amálgama entre sonhos ambiciosos de Sérgio e minhas ponderações, e eventuais medos, numa sinergia capaz de transformar realidades e pessoas. É justamente esse encontro inusitado e teoricamente insólito que nomeia essa seção do memorial: “A união entre o caos e a ordem!”.

Às grandes ações do projeto nomeamos de “Operações”

e a primeira teve início imediatamente após a reunião de apresentação no gabinete de Florisbela. Ao longo dos dias seguintes, eu e Sérgio passamos a nos encontrar quase que diariamente para levar a cabo a primeira operação do Projeto, no recesso de julho de 2017. A cidade escolhida para a primeira operação foi Tabira, no Sertão do Pajeú e o primeiro passo foi uma visita à cidade para alinhar os detalhes com a gestão municipal, conhecer os espaços de alojamento e trabalho, enfim, preparar todo o terreno para receber a caravana de estudantes poucos meses depois.

O próximo passo seria selecionar os estudantes; entre os duzentos sonhados por Sérgio e os habituais dezesseis do Projeto Rondon chegamos ao número de 45, o suficiente para transportar em um ônibus. Por ser uma operação piloto, o processo de seleção ocorreu praticamente entre estudantes assistidos pelos programas da PROAES e alguns do CAV com alguma

experiência no Rondon ou em outros projetos de extensão, e de 16 a 23 de julho de 2017 realizamos a primeira operação do Projeto UFPE no Meu Quintal, em Tabira.

Por ser a primeira operação, ainda não tínhamos parâmetros para avaliar com precisão, mas a resposta positiva dos estudantes, o entusiasmo da secretária de educação Aracelis Batista e do prefeito, o saudoso Sebastião Dias e, principalmente, a alegria com a qual a comunidade acolheu as ações, nos deram a certeza de que estávamos no caminho certo.

<https://tinyurl.com/yd7n96p7>



Coordenadores na primeira edição, em Tabira

A segunda operação ocorreu na cidade de Iguaracy, em janeiro de 2018. Dessa vez lançamos um edital para estudantes de toda a Universidade e conseguimos levar 60 alunos, além de uma equipe de esportes que nos acompanha até hoje, sob coor-

denação da treinadora de Tiro com Arco, Paolla Rego Barros. Até a conclusão desse memorial (agosto de 2024) já realizamos dez grandes operações do Projeto UFPE no Meu Quintal, a ver:

Cidade	Período
Tabira	2017.2
Guaracy	2018.1.
Tuparetama	2018.2
Solidão	2019.1
Betânia	2019.2
Dormentes	2020.1
Flores	2022.2
Sertânia	2023.1
Ibimirim	2023.2
Belém de São Francisco	2024.1



Equipe reunida em Betânia



Reunião com estudantes em Dormentes



Equipe reunida em Dormentes



Reunião com Secretários Municipais em Solidão

Até o momento já participaram do Projeto UFPE no Meu Quintal mais de mil estudantes dos quatro *Campi* da UFPE, que atenderam em torno de vinte mil pessoas ao longo das operações.

Em outubro de 2018 realizamos a primeira movimentação para a internacionalização do Projeto. Tive a oportunidade de me integrar ao grupo da UFPE que realizou visita técnica em Cabo Verde na África, que tinha como objetivo principal de estabelecer uma parceria para enucleação de um programa de pós-graduação aos moldes do Programa de Pós-graduação em Nutrição, Atividade Física e Plasticidade Fenotípica, oferecido pelo CAV. Meu papel na comitiva seria de expor a ideia do projeto de extensão, na busca de parcerias objetivando realizar uma ação conjunta Brasil / África. Ao longo de uma semana, eu e as Profas. Florisbela e Carol Leandro realizamos diversas reuniões com autoridades da Univer-

sidade de Cabo Verde (UniCV), representantes do governo e da Unicef. Em relação ao Projeto UFPE no Meu Quintal, os termos do acordo previam a participação de um(a) representante caboverdiano na próxima operação no Brasil que, compreendendo as bases da ação, retornaria a Cabo Verde para, no semestre seguinte organizar uma operação local em parceria com a coordenação brasileira do Projeto (eu e Sérgio). Em 2019.2 por ocasião da Operação Betânia, recebemos a visita da Profa. Dinora Correia da Cruz, da Faculdade de Educação e Desporto (FAED/UniCV) que acompanhou todas as atividades dos estudantes. A segunda etapa do acordo, que aconteceria em 2020 em Cabo Verde foi cancelada por ocasião da pandemia de Covid-19 e, lamentavelmente, acabou não acontecendo.

Durante a pandemia, a partir da Operação Dormentes (2020.1) todas as atividades presenciais do projeto foram

suspensas. Diante desse cenário de incertezas e isolamento, nosso foco se voltou para duas frentes passíveis de serem trabalhadas remotamente: a continuidade de negociações para a internacionalização, e a busca de novas fontes de financiamento uma vez que o ano de 2019 já havia sido um prenúncio da catástrofe que o governo federal seria para a educação superior pública ao longo de todo o mandato presidencial.

Em relação à internacionalização, reativamos as conversas iniciadas em 2019 com o jovem haitiano Jean Baptiste Joseph, estudante de doutorado no Centro de Tecnologia e Geociências e ativista pelas causas humanitárias no Haiti. Por intermédio de Jean chegamos até a Sra. Rosebrune Vixamar, presidente da organização não governamental norte-americana, *International Women of H.O.P.E (IWOH)*, formada por mulheres haitianas residentes nos Estados Unidos

e que atuam em prol do desenvolvimento humano no Haiti. A ideia inicial seria de organizar uma equipe de extensionistas brasileiros para atuar em parceria com estudantes e professores haitianos numa ação aos moldes daquelas que executamos no Brasil. A interlocução com as instituições haitianas e o financiamento ficaria por conta da IWOH e a capacitação dos estudantes, pela coordenação do UFPE no Meu Quintal. A ideia original acabou sofrendo severas alterações, especialmente por questões orçamentárias, culminando com a ida de uma delegação de apenas quatro pessoas do Brasil: eu, Sérgio, Jean e a estudante Iracema Calixto. Do lado haitiano, a Universidade do Estado do Haiti selecionou vinte e quatro estudantes de áreas ligadas à saúde e meio ambiente que, da mesma forma que os estudantes brasileiros, atuaram em duplas ou individualmente em propostas de intervenções com temáticas que iam do manejo

de resíduos sólidos até violência doméstica.

A internacionalização de um projeto de extensão já não é algo usual e, em se tratando de o País parceiro ser a Nação mais pobre das Américas e uma das mais pobres do mundo, a situação acaba se tornando sensivelmente mais complicada. Acrescenta-se a esse problema de fundo, o assassinato do presidente haitiano Jovenel Moïse em julho de 2021, seguido de um forte terremoto e uma tempestade tropical devastadora nos meses que antecederam a viagem. Foi com esse cenário que eu e Sérgio partimos para o Haiti no dia 14 de janeiro de 2022. A cidade escolhida para a ação foi Cabo Haitiano, a segunda maior do País localizada ao norte da Ilha de Hispaniola. Diante da grave situação política, econômica e humanitária no Haiti, a única forma de acessarmos a cidade seria cruzando a fronteira por terra, de ônibus de linha, a partir de Santo Domingo, na República Dominicana. Con-

fesso que a perspectiva de ingressar por terra no Haiti, diante de uma onda crescente de sequestros e mais um sem-número de problemas nos deixou bastante apreensivos, para não dizer com medo! Mas a realização do sonho de internacionalização do projeto para um dos locais mais necessitados do mundo nos fez superar o medo e depois de mais de dez horas de viagem conseguimos chegar ilesos ao nosso destino, para no dia 17 de janeiro dar início ao Projeto University in My House, a versão internacional do UFPE no Meu Quintal.

(<https://tinyurl.com/3j57uyks>)

Trabalhamos intensamente por uma semana com os estudantes haitianos, realizando as intervenções durante o dia e as tradicionais reuniões de compartilhamento e alinhamento noturnas. O saldo da operação foi extremamente positivo e nos trouxe o desejo e esperança de retornar àquele País em outra ocasião para seguir avançando na extensão universitária onde ela se faz mais necessária.

A reinvenção da carreira



**Ônibus que cruzamos a fronteira da
Rep. Dominicana / Haiti**



**Comunidade com os certificados de
participação**



Reunião diária com estudantes



Transporte de estudantes da UEH



**Encontro com o Reitor da
Universidade do Estado do Haiti (UEH)**

A reinvenção da carreira



Estudante preenche certificado de participação



Ações em escolas de ensino básico



Ações em escolas de ensino básico



Ação em escola, Encontro com professores do ensino básico



Ações em escolas de ensino básico



Estudantes adolescentes.



Estudante ministrando palestra



Estudantes adolescentes.

Sob o ponto de vista da busca por financiamento, o trabalho remoto favoreceu nosso contato com pessoas ligadas à Associação Amigos no Sertão, uma entidade que presta assistência a famílias carentes no sertão por meio de distribuição de cestas básicas, insumos para impulsionar pequenas cooperativas e associações de empreendedores.

Por meio dos Amigos no Sertão chegamos até a cidade de Flores onde realizamos a primeira operação depois da pandemia, dessa vez com financiamento 100% privado, apoiados por empresas como a construtora Viana & Moura e as Baterias Moura. Tanto a operação quanto a parceria com o terceiro setor e a iniciativa privada foram um grande sucesso e em agosto de 2024 será realizada uma nova operação, em menor escala, na cidade de Belo Jardim.

Ainda no que diz respeito à financiamentos, pudemos acessar recursos federais e estaduais por meio de emendas parlamentares destinadas pe-

los Deputados(as) Federais Túlio Gadelha (R\$ 150.000,00), Gonzaga Patriota (R\$ 100.000,00) e Iza Arruda (R\$ 100.000,00) e o Deputado Estadual Aglaílson Vitor (R\$ 60.000,00). Somando-se aos R\$ 50.000,00 investidos pela iniciativa privada na Operação Flores e R\$12.000,00 do Edital SBPC Vai à Escola, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, até o momento o Projeto UFPE no Meu Quintal movimentou R\$ 472.000,00 em dois anos apenas em recursos externos à Universidade.

A saída de Sérgio da PRO-AES e sua lotação na Coordenadoria para o Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE) abriu uma nova perspectiva de parceria para o Projeto UFPE no Meu Quintal e para mim, pessoalmente. No que diz respeito ao Projeto, passamos a atuar em conjunto na execução do Programa CECINE Pelas Cidades, iniciativa gestada no UFPE no Meu Quintal que consiste em agregar projetos de extensão de vários Centros da UFPE

que tenham como objetivo geral a popularização da ciência em escolas de ensino fundamental e médio. Dessa forma, uma vez por mês uma caravana de aproximadamente 60 pessoas se desloca para uma escola pública no interior do Estado levando os projetos de extensão da UFPE diretamente para as escolas, seus estudantes e professores.

Atualmente o Programa CECINE Pelas Cidades conta com 17 projetos associados com temáticas que vão da cultura *maker* às ciências atuariais e da reciclagem de plásticos ao tiro com arco olímpico! No início de 2024 o Programa CECINE Pelas Cidades e o Projeto UFPE no Meu Quintal deram um importante passo na tão desejada integração da extensão nos programas de pós-graduação; por meio do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (ProfBio), a seleção de escolas e municípios para receberem as visitas do Programa, passou a ser guiada a partir dos mestrandos do ProfBio. Dessa

forma, os mestrandos (todos professores da rede pública de educação básica) tomam contato com uma grande iniciativa de extensão e, de maneira indireta, ou mesmo direta por meio de sua participação efetiva em ações do UFPE no Meu Quintal, introjetam a cultura da importância da presença da Universidade na escola básica, acrescentando mais um elo à importante corrente de transmissão do conhecimento em diversos níveis.

Outra ramificação do Projeto UFPE no Meu Quintal é a atuação com jovens socioeducandos em regime de privação de liberdade, sob custódia da Fundação de Atendimento Socioeducativo de Pernambuco (FUNASE). Há um bom tempo eu nutria o desejo de trabalhar com esse público pois sempre acreditei que a mudança da sociedade deve ser trabalhada em todas as frentes possíveis, e essa em particular sempre foi uma das mais esquecidas e invisibilizadas. Para a sociedade sempre foi mais fácil e conveniente

isolar os indesejáveis atrás de uma muralha sem se dar conta de que agindo dessa forma, em pouco tempo o “problema” voltará potencializado e, mais uma vez a resposta estará atrás de um muro, seja ele da prisão ou do cemitério. A quebra desse ciclo é complexa e deve ser atacada de forma sistêmica e multidisciplinar. No entanto, a mim enquanto educador, compete educar, e é nessa perspectiva que por anos sonhei com esse momento. E, mais uma vez, o profícuo encontro com Sérgio Matias levou a termo esse desejo de ação. Sérgio traz consigo, orgulhosamente, um grande trabalho desenvolvido na Unidade de Cabo de Santo Agostinho da FUNASE (antiga FUNDAC) no final da década de 1990. Essa experiência deu a ele a clareza que me faltava sobre o que e como fazer uma ação concreta com os jovens em condições tão peculiares. E assim, no primeiro semestre de 2023 iniciamos o Projeto UFPE no Meu Quintal - *Operação Novos Rumos*, atuando na Unidade de Vitória de Santo Antão numa perspectiva profissionalizante nas áreas de hotelaria e esportes de

aventura. Nesse primeiro momento, a ação foi considerada um “piloto” para potencializarmos os acertos e ajustarmos os erros e, por intermédio da competente assistente social Karolinnna de Kacia Ferreira dos Santos à época coordenadora geral da Unidade de Vitória e atualmente assessora técnica da Superintendência da Política de Atendimento da FUNASE a ação agora será desenvolvida em outras unidades do Estado, dessa vez com mais estrutura e a expectativa de financiamento da iniciativa privada. Esperamos que essa ação tome força nos próximos anos e que seja possível ampliar o número de áreas e unidades trabalhadas, trazendo um pouco da esperança de novos rumos para essa juventude tão penalizada pelas injustiças sociais.



Dormitório do CASE (Pacas), área da Operação Novos Rumos

O Projeto UFPE no Meu Quintal tem atuado como um grande aglutinador de pessoas, ideias e ideais e, seguindo essa linha, a expansão de nossas ações passa necessariamente pela parceria e colaboração com outras Instituições de Ensino Superior, particularmente do Nordeste. Os primeiros passos nesse sentido aconteceram a partir de 2023 por meio do convênio assinado com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que desenvolve a mais de duas décadas o Programa Trilhas Potiguaras, que se assemelha em sua essência às ações do UFPE no Meu Quintal. No âmbito desse convênio, o Projeto UFPE no Meu Quintal recebeu uma equipe formada por duas professoras, oito estudantes e equipe de comunicação durante a Operação Sertânia, em janeiro de 2023. Da mesma forma, em julho do mesmo ano, o Trilhas Potiguaras recebeu nossa equipe formada por dois coordenadores (eu e Sérgio), oito estudantes e três atletas do tiro com arco olímpico. Seguindo a mesma linha, em janeiro de 2024 recebemos a

equipe da UFRN na Operação Belém de São Francisco. Nessa mesma Operação participaram também professores e estudantes da Universidade Estadual de Santa Cruz, de Ilhéus/BA. O sucesso da parceria despertou em nós o desejo de criar uma rede de extensão entre Universidades do Nordeste, e assim, no dia 30 de maio de 2024 realizamos a primeira reunião para a criação da *Rede Nordeste de Extensão e Educação Popular*, com a participação de representantes da UFPE (Projeto UFPE no Meu Quintal), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Alagoas e Universidade Estadual de Santa Cruz. A proposta da Rede é de atuar num modelo similar às já tradicionais redes de pesquisa, buscando parceria para o desenvolvimento de ações, captação de recursos e trocas de saberes intra e inter Universidades Nordestinas. A expectativa é de que possamos realizar uma grande Operação conjunta em janeiro de 2025, sob coordenação do Projeto UFPE no Meu Quintal,

com representantes das quatro instituições, além da UFPE. Em tempo, acredito ser relevante ressaltar que os representantes da UFAL e UFPB nessa reunião são egressos do CAV e atualmente professores nessas instituições.

A forte presença do Projeto UFPE no Meu Quintal no sertão pernambucano suscitou o desejo da Prefeitura Municipal de Ibimirim de aprofundar a parceria com o Projeto fazendo com que nossas ações ocorram de maneira contínua ao longo do ano. Dessa forma, a PM de Ibimirim disponibilizou um espaço físico (sala com mobiliário completo) em região central da cidade, para uso exclusivo do Projeto. Esse espaço recebeu o nome de *Quintais Sertanejos* e foi inaugurado no dia 18 de abril de 2024, numa cerimônia solene com a presença do Reitor e da Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UFPE, representante do Pró-Reitor de Extensão da UFRN, além de diversos secretários municipais e vereadores. Na ocasião foi apresentado o *Voto de Aplauso* concedido em votação unânime pela Câmara Municipal de Ibimirim ao Projeto UFPE no Meu

Quintal. Desde a inauguração da sede Quintais Sertanejos, já realizamos duas ações na cidade: o I Simpósio UFPE no Meu Quintal de Educação Inclusiva e uma ação sobre o Combate ao Abuso e Violência contra a Criança e Adolescente. Outras ações estão sendo planejadas e serão executadas ao longo dos próximos meses.



Projeto recebe Voto de Aplauso da Câmara de Ibimirim



Inauguração do Espaço Quintais Sertanejos em Ibimirim



Inauguração do Espaço Quintais
Sertanejos em Ibimirim

O Voto de Aplauso conferido pela Câmara Municipal de Ibimirim sucedeu outra homenagem do poder legislativo à qual tivemos a honra de sermos agraciados em dezembro de 2023: o *Voto de Aplauso da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE)* indicado pela Deputada Gleide Ângelo e aprovado por unanimidade pelos representantes da Casa.

Por ocasião da Operação Dormentes, realizada em janeiro de 2020, a equipe de comunicação do UFPE no Meu Quintal produziu um documentário chamado “Uma Semana em Dormentes”. A obra, com 14 minutos de duração se baseou em conversas com alguns monitores

que, a partir da pergunta: “Por que você escolheu seu curso na Universidade?” discorrem sobre suas expectativas anteriores ao ingresso na vida acadêmica e narraram de que forma sua participação num grande projeto de extensão universitária ajudaria a moldar seu futuro profissional. O resultado foi uma compilação de relatos fortes e emocionantes que mostram, mais uma vez, a importância da extensão na formação integral dos estudantes. O documentário foi lançado oficialmente no dia 18 de março de 2021 numa *live* com a presença do então Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPE e dos Deputados Tulio Gadelha e Gonzaga Patriota, ambos apoiadores do Projeto.

Em outubro de 2023 o documentário “*Uma Semana em Dormentes*” foi premiado na categoria Melhor Documentário no Festival Nacional de Cinema Amador Escolar “*Abacaxi de Ouro*”, promovido pelo Instituto Federal Sul de Minas, Campus de Poços de Caldas.

(<https://www.youtube.com/watch?v=sjH2LXGINQM&t=5s>)

O famigerado tripé “Ensi-no / Pesquisa / Extensão” tão propagado para todos que adentram a Universidade Pública, seja na qualidade de docente, técnico ou estudante, acaba por gerar ruídos de entendimento, levando à compreensão equivocada de que todos devem atuar fortemente nos três eixos. Na minha opinião, quem deve atuar fortemente nos três eixos são as instituições com cada ator desenvolvendo ações com maior intensidade na área à qual tenha mais afinidade, seja ela a pesquisa ou a extensão, posto que enquanto professores, o ensino é obrigatório.

Por sua própria natureza de atuação, o Projeto UFPE no Meu Quintal requer deslocamentos frequentes pelo interior do Brasil e, eventualmente do Mundo. E é justamente nessas longas viagens que novas ideias vão surgindo e o Projeto vai tomando novos formatos, abrindo novas portas e avançando cada vez mais. Da primeira viagem para

Tabira em 2017 até o fim do primeiro semestre de 2024 dezenas de milhares de quilômetros já foram percorridos e tenho certeza de que outros tantos milhares ainda serão rodados quem sabe assim perfazendo minha quinta volta imaginária na circunferência da Terra!

11

CAPÍTULO

E O FUTURO?

Sob o ponto de vista pessoal, meu projeto principal é manter-me vivo pelo maior intervalo de tempo possível daqui para frente. Nesse sentido, uma das principais medidas que tomei foi a realização de uma cirurgia bariátrica, em outubro de 2022, o que me fez perder em torno de 40 kg e, como costume dizer em tom de brincadeira: “resetar a vida”. Ao longo desses meses de recuperação e requalificação vital tenho me dedicado a práticas esportivas e espero conseguir correr uma maratona nos próximos anos e seguir correndo em direção a uma vida longa e produtiva.

No que diz respeito à área de ensino, pretendo seguir ministrando as disciplinas da área de genética nos cursos de Ciências Biológicas, Nutrição e Enfermagem do CAV e espero poder em breve criar e oferecer uma disciplina optativa que consiga promover a intersecção entre a graduação e a extensão, contribuindo de alguma forma para a curricularização da extensão, criando ao mesmo tempo novas possibilidades para o Projeto UFPE no Meu Quintal.

Na pesquisa pretendo incrementar minha participação no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (ProfBio) me aprofundando nas teorias da pedagogia a fim de oferecer uma orientação de melhor qualidade para os orientados.

Minhas maiores pretensões para o futuro a curto, médio e longo prazo concentram-se preferencialmente no campo da extensão. Pretendo ampliar a atuação do Projeto UFPE no Meu Quintal procurando novas fontes de financiamento incluindo a iniciativa privada e o terceiro setor, espero ainda consolidar as parcerias com outras instituições para pavimentar o caminho na construção da Rede Nordeste de Extensão e Educação Popular, pretendo ainda dinamizar a Unidade Quintais Sertanejos em Ibimirim e ampliar nossa atuação na parceria com a FUNASE.

Na área de gestão, não considero que minha atuação nesse setor esteja completamente encerrada após os longos anos na direção do Centro, mas não pretendo assumir novos cargos de ges-

tão a curto prazo. Politicamente, pretendo me aproximar de sociedades científicas, em particular a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência para atuar principalmente nas áreas de extensão e popularização da ciência.

Em termos de formação continuada, pretendo utilizar minha licença capacitação num estágio internacional, provavelmente em Cuba, procurando conhecer outras formas de interação da Universidade com a sociedade buscando aprimorar o impacto e a qualidade de nossas ações futuras de extensão.

Por fim, encerro esse pequeno resumo da minha trajetória acadêmica dos últimos 34 anos agradecendo a todos(as) que torceram por mim, me estimularam, me apoiaram e abriram meus caminhos para que eu chegasse até esse momento. Agradeço à minha família (Pais, Irmão, Esposa, Filhas e agregados diversos), aos meus mestres, alunos, amigos e à Universidade Pública Brasileira que me acolheu e à qual eu dediquei mais da metade da minha vida até aqui.

**OBRIGADO PELA
PACIÊNCIA DA LEITURA!**

12

CAPÍTULO

UMA VIDA EM NÚMEROS

Atividades Realizadas	Quantidades
Instituições de Ensino Superior pelas quais passei como estudante ou funcionário	08
Projetos que aprovei com financiamento	06
Prêmios e Títulos com os quais fui agraciado	07
Artigos completos que publiquei	47
Livro que editei	01
Capítulos de livros que escrevi	12
Textos que publiquei em jornais e revistas	04
Resumos que apresentei em congressos	67
Palestras e cursos que ministrei	mais de 30
Produções artísticas das quais participei	02
Bancas de conclusão de curso que participei	40
Bancas de concursos que participei	04

Eventos que organizei	04
Pós-graduandos que orientei (Strictu sensu)	25 e 03 em andamento
Pós-doutorandos que supervisionei	03
Monografias de especialização que orientei	09
Trabalhos de conclusão de curso e iniciações científicas que orientei	08

Informações detalhadas disponíveis em:
<http://lattes.cnpq.br/1672269409156109>